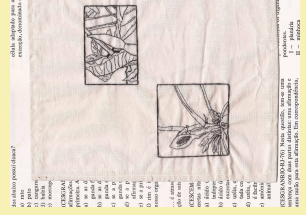
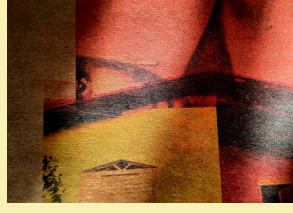
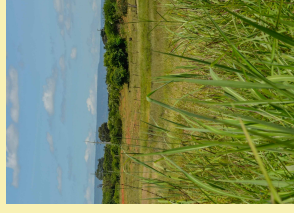
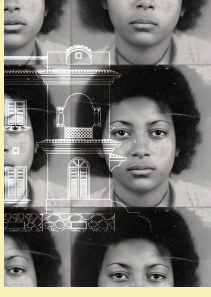


7ª EDIÇÃO - LABORATÓRIO DE ARTES VISUAIS



2020



INSTITUTO
DRAGÃO
DOMAR

ceará
cultura
SECULT



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

7^a EDIÇÃO -
LABORATÓRIO
DE ARTES VISUAIS

2020

PRODUTOS N
NTO COM
SSA ME
DESEJA

NOSSOS CORPOS
SA PRÓPRIA AN
PORQUE A PASSA



**Porto Iracema das Artes –
Escola de Formação e
Criação do Ceará**

Governador do Ceará

Camilo Santana

Vice-governadora

Izolda Cela

Secretário da Cultura

Fabiano Piúba

**Presidente do
Instituto Dragão do Mar**

Rachel Gadelha

**Diretora de Formação do
Instituto Dragão do Mar**

Elisabete Jaguaribe



Laboratórios de Criação

Coordenação Geral

Cláudia Pires

Coordenação de Artes Visuais

Aline Albuquerque

Comissão de Seleção - Temporada Formativa (2019)

Pablo Assumpção Barros Costa
Sânzia Pinheiro Barbosa
Elton Panamby
Alexandre Sequeira

Comissão de Seleção - Temporada Investigativa (2020)

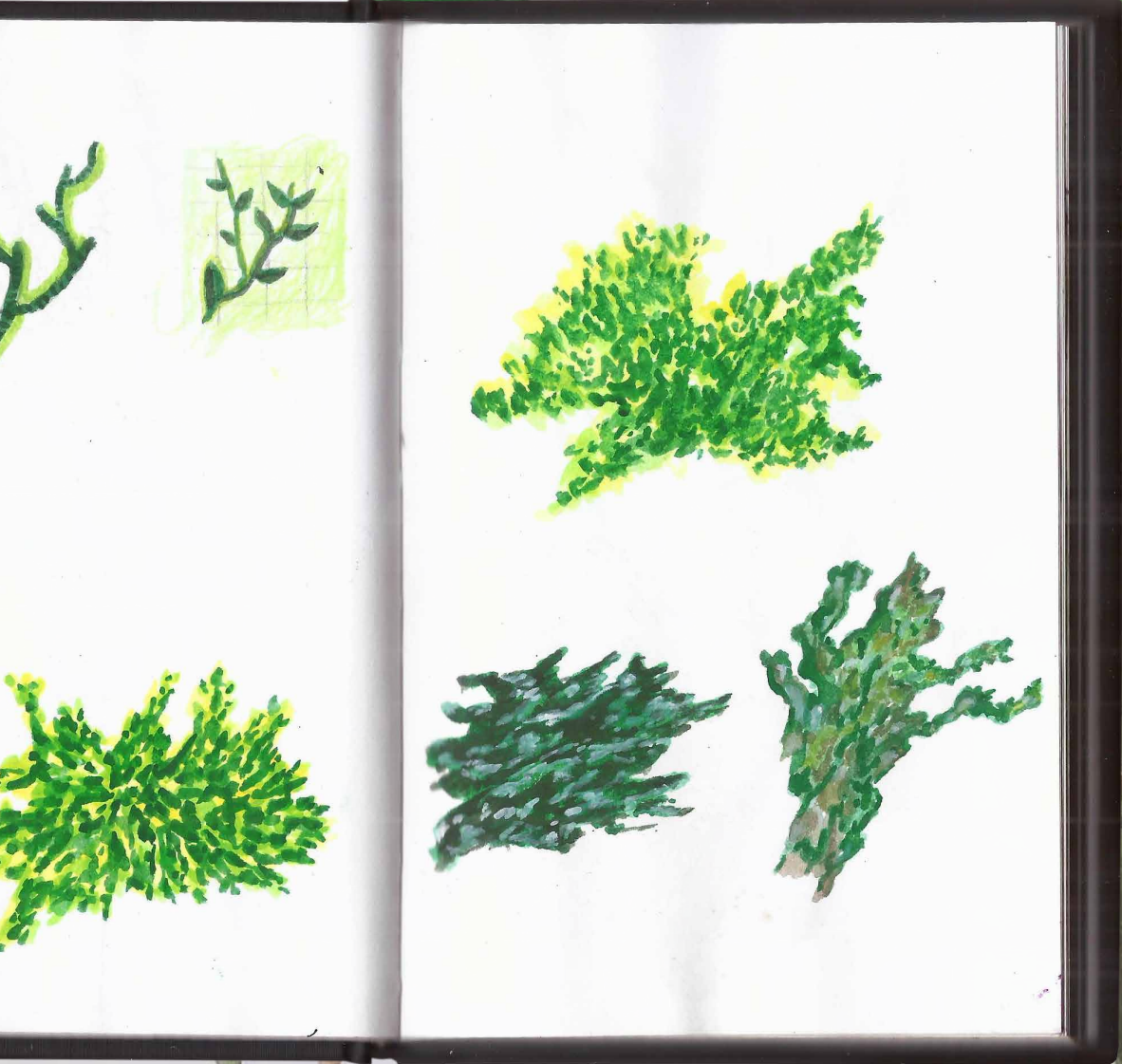
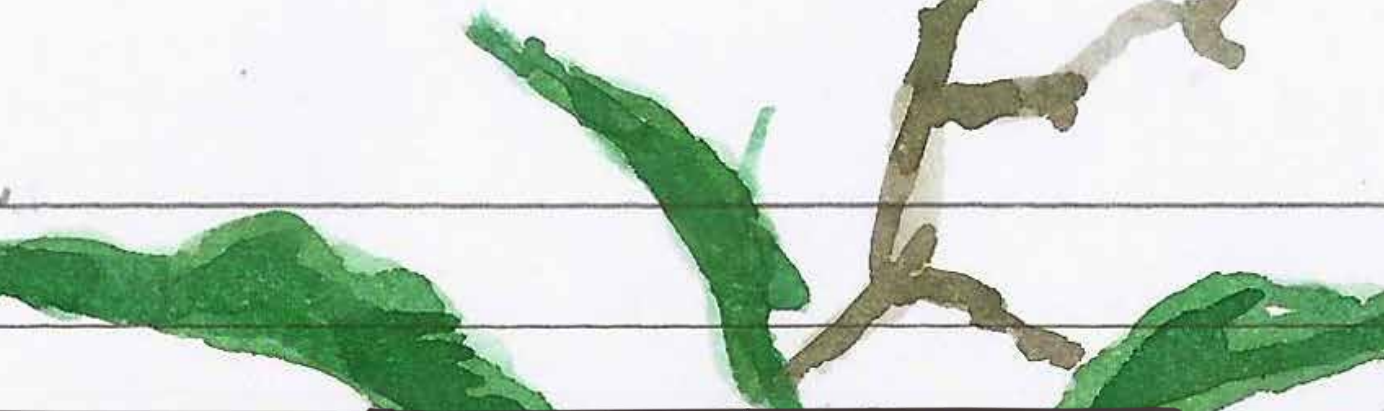
Ana Lira
Diane Lima
Claudio Bueno

*

Publicação da 7a edição do Laboratório de Artes Visuais

Designer

Rodrigo Lopes



Artistas

Charles Lessa
David Felício
Eliana Amorim
Henrique Braga
Jorge Silvestre
Maria Macêdo
soupixo
Sy Gomes
Terroristas del Amor
Vita da Silva

Tutoras/es

Ana Lira
Castiel Vitorino
Elton Panamby
Rosana Paulino

Oito caminhos

Aline Albuquerque

São Paulo, SP, 1974. Vive e trabalha em Fortaleza, CE. Graduação em Artes Plásticas pela Unicamp e mestrado em artes pela Universidade Federal do Ceará. É mãe, artista visual, ativista e pesquisadora do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR- UFC). Sua produção e pesquisas são norteadas por temas como arte e política, arte e educação, processos de criação coletivos e colaborativos, micropolíticas urbanas.

Oito caminhos se cruzam nesta que é a 7ª Edição do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes, cada oito em muitos outros se desdobram, desses muitos, dois em dois se aproximam, sugerindo pequenas bifurcações que logo adiante se emaranham numa estrutura semovente entre águas que banham desejos comuns e fertilizam a terra de sonhos e devires transformadores. Uma estrutura semovente tem movimento autônomo e se constitui em múltiplas temporalidades. Bicho ilha, planta pássaro, imagens vivas, abertas, oníricas, para comportar a heterogeneidade dos processos de criação que compõem essa experiência coletiva, cujas imagens que visitamos agora são apenas a parte visível dessa estrutura.

Os processos de pesquisa em poéticas visuais desenvolvidos, em parte, durante esses sete meses de lab, com acompanhamentos de Rosana Paulino, Ana Lira, Castiel Vitorino, e Elton Panamby, seguem abertos e férteis de muitos futuros. As questões que os atravessam são flechas lançadas no passado, que cruzam o presente e miram o futuro, como no provérbio iorubá:

Exu matou um pássaro ontem, com a **pedra** que arremessou hoje. Sobre esse provérbio, nos diz Renato Noguera que Exu é “o orixá que abre caminho para o acontecimento. Na mitologia, quando joga a pedra por trás do ombro e mata o pássaro no dia anterior, Exu reinventa o passado. Ensina que as coisas podem ser reinventadas a qualquer momento”. É a partir dessa mirada afroperspectivista que sugiro olharmos para esses projetos que seguem suas trajetórias:

(...) ubuntu como modo de existir é uma re-existência, uma forma afroperspectivista de configurar a vida humana coletivamente, trocando experiências, solidificando laços de apoio mútuo e aprendendo sempre com os outros. Um primeiro passo para essas práticas está no que o filósofo Ramose chama de polidiálogo, isto é, no lugar de ouvir e falar em busca de “vencer” um debate, podemos ouvir-falar sempre de uma maneira múltipla, sem necessidade de estabelecer consenso, sem necessidade de vencer disputas; mas, procurando atravessar os caminhos e encruzilhadas que a existência reserva com o entendimento que atravessar em companhia pode servir como uma maneira de tornar a vida mais bela, solidária (e porque não dizer, sem querer incorrer em clichês), feliz. Porque ubuntu significa que só posso ser feliz se as pessoas ao meu redor também estão felizes. (UBUNTU COMO MODO DE EXISTIR: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista - Renato Noguera)¹

É necessário deixar aqui a marca do tempo que atravessamos, nesse intervalo de sete meses, compreendido entre novembro de 2020 e junho de 2021, mais de 200.000 brasileiros morreram em decorrência da Covid 19, e da negligência do governo federal, e a desigualdade social torna-se ainda mais profunda e inaceitável. Não é possível viver esses tempos sem estarmos profundamente afetados pela pandemia,

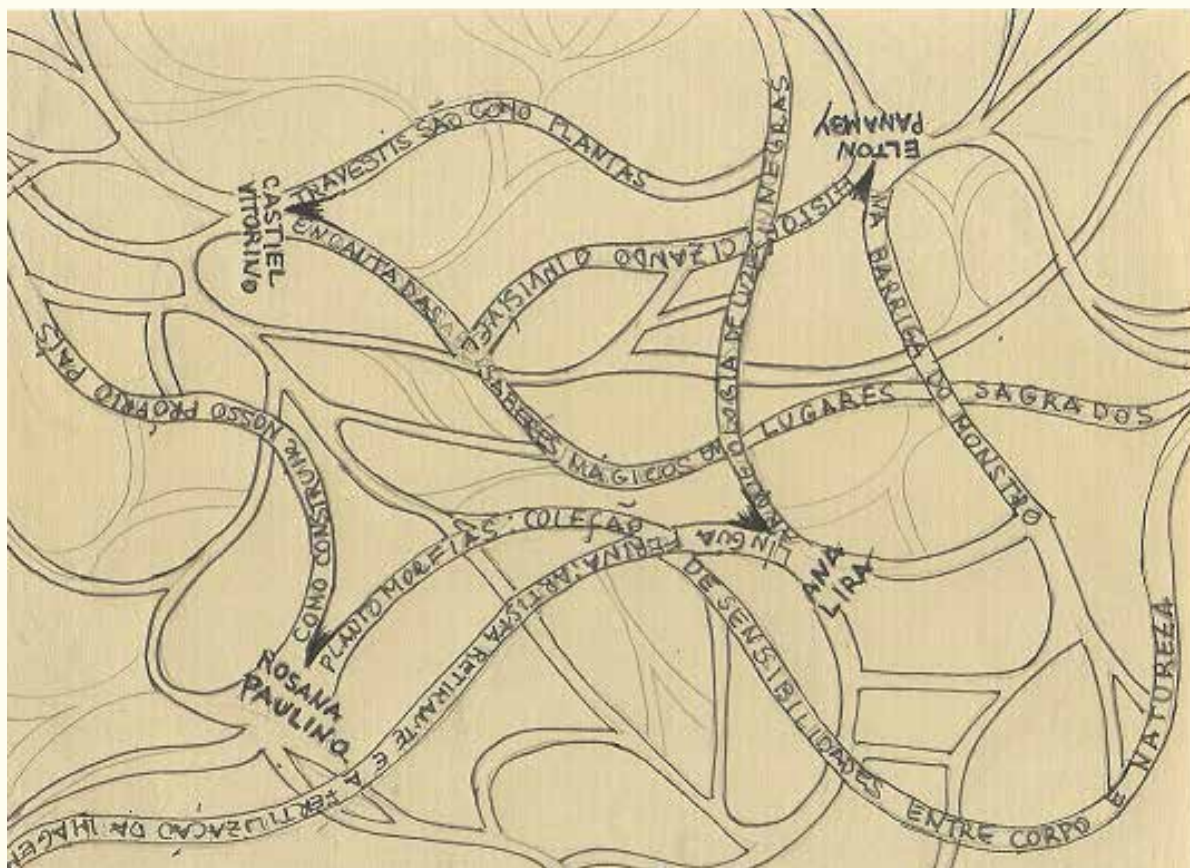
condição que impôs a necessidade de criarmos estratégias, primeiro para nos mantermos vivos, conforme combinamos, e para lidarmos propositivamente com todas as limitações impostas. Essa condição transparece nos projetos que acompanhamos, como pulsão de vida, invenção e re-existência.

Esta edição do Laboratório de Artes Visuais foi composta por duas temporadas parcialmente interdependentes: Temporada Formativa (2019), aconteceu de modo análogo a um curso de longa duração, dividido em sete módulos mensais, e a Temporada Investigativa (2020-21) de desenvolvimento de projetos e pesquisas em poéticas visuais. A turma da Temporada Formativa contou com 30 participantes, ao final, 4 projetos foram selecionados para a Temporada Investigativa, totalizando 8 projetos, com os 4 contemplados a partir de seleção aberta realizada no decorrer do ano de 2020. Portanto, os oito caminhos representados no desenho acima também se conectam a: Ana Beatriz Macedo Benitez, Ana Paula Veras Camurça Vieira, Antonia Marília dos Santos Oliveira, Jefferson Skorupski, Bárbara de Moura Braga, Beatriz de Araujo Gurgel, Carliane de Menezes Sousa, Daniel Neves Bezerra Lima, Delano Gurgel Queiroz, Esther Alencar Lima, Francisco Anderson Morais Ares, Francisco Levy Freitas Rafael, Gabriela Trindade Correa Lopes, Jean Souza dos Anjos, Larissa Batalha, Leonardo Mont'Alverne Câmara, Lívio do Sertão, Lui Fontenele, Lucas Oliveira de Lacerda, Marcella de Oliveira Elias, Matheus Dias Aguiar, Milena Fernandes Correia, Mychel Távora, Núbia Agustinha Carvalho Santos, Renata Maia Ponte, Rodrigo Cavalcante Colares, Gleyce Kelly Heitor, Maria Helena Bernardes, Ayrson Heráclito, Laura Vinci, Moacir dos Anjos.

¹ Renato Noguera é doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor adjunto do Departamento de Educação e Sociedade da UFRRJ, coordenador do Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Interseções (Afrosin), integrante do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro) da UFRRJ.

Umuntu Ngumuntu Ngabantu

Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas
(máxima dos povos xhosa e zulu)





SUMÁRIO

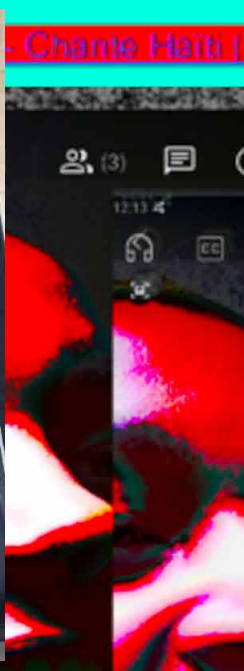
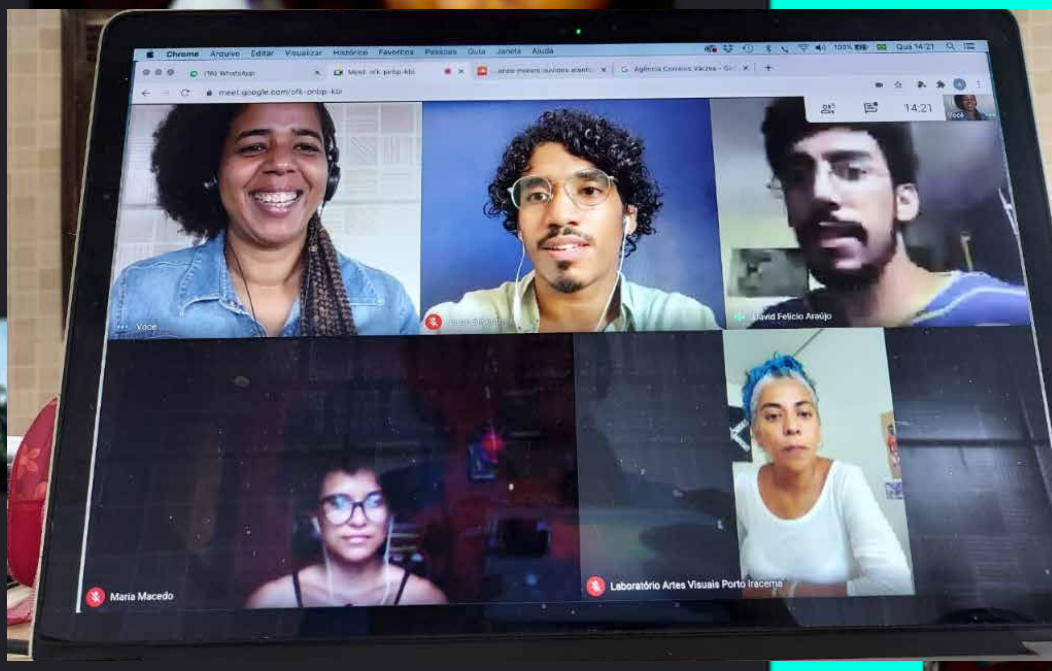
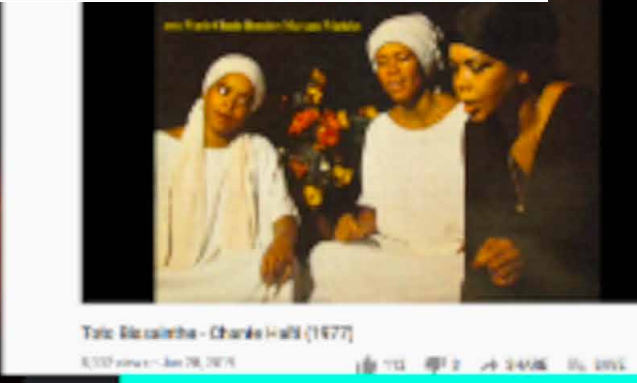
- P. 18** **Arqueologia de luzes negras**
David Felício
Jorge Silvestre
- P. 38** **Língua ferina:
Artista retirante e
a fertilização da imagem**
Maria Macêdo
- P. 64** **Travestis são como plantas**
Sy Gomes
- P. 92** **Encantadas:
Saberes mágicos
em lugares sagrados**
Eliana Amorim
- P. 122** **Na barriga do monstro**
Charles Lessa
Vita da Silva
- P. 150** **Historicizando o invisível**
soupixo
- P. 168** **Plantomorfias:
coleção de sensibilidades
entre corpo e natureza**
Henrique Braga
- P. 194** **Como construir
nosso próprio país**
Terroristas del amor
(Dhiovana Barroso e Marissa Noana)

Encontros das águas vivência de água pra nós

[08:01, 08/04/2021] nossa caminhada, nas águas que correm, e nas águas que lavam

cura

avar n
tade, n
os eg
e jaze
temp
El



<https://www.youtube.com/watch?v=uQWRbVrIU>

fendas,

ossas

nosso

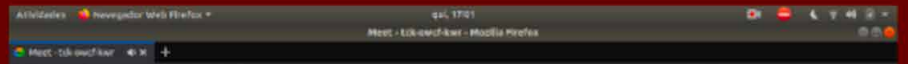
uns,

m para a

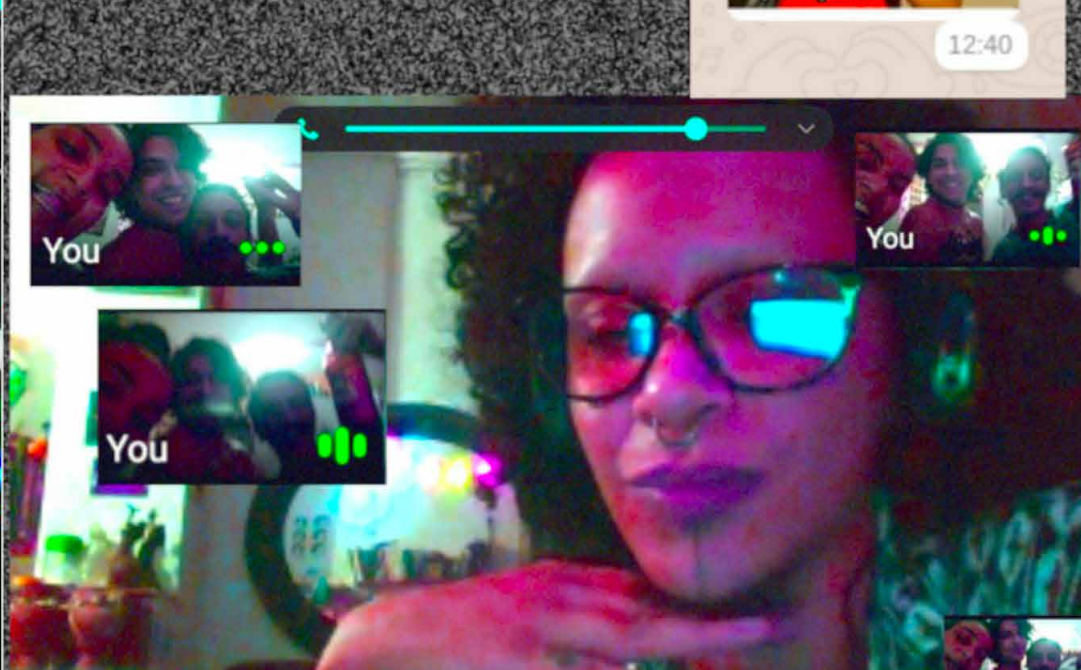
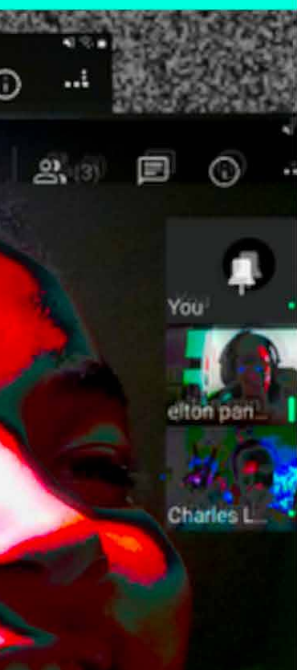
o'

ton

Encontras do mês



1977



En
du
ex
3
de
re
m
co
te
no
fiz
de
Ta
exe
esc
Na



ARQUEOLOGIA
DE LUZES NEGRAS

DAVID FELÍCIO
JORGE SILVESTRE

Arqueologia de luzes negras

A expressão “Ceará: Terra da Luz”, marco referencial da abolição no Brasil, tem sido, ao longo dos anos, apropriada e institucionalizada pelas elites que compuseram os domínios do poder, afastando da memória coletiva a lembrança do processo abolicionista. Hoje, “Ceará: Terra da Luz” se enuncia pela imagem turística do sol que banha as “belas praias do estado”. Esta pesquisa pretende apropriar-se das disputas pela memória, por meio da subversão do material produzido acerca do imaginário do negro no Ceará, reinventando-a como ação de restituição histórica das lutas pela resistência e re-existência dos afro-cearenses.



Jorge Silvestre

Fortaleza, Ceará, 1998. Artista e diretor de fotografia. Pesquisa partindo das noções de arquivo contidas na produção da história, memória e suas formas de controle, em especial no seu estado natal. Atualmente tem criado junto a David Felício, em instalação, vídeo, fotografia e suas expansões. Não sabe nadar, mas ama o mar. Tem interesse por indisciplinas e viagens no tempo.

David Felício

Fortaleza, Ceará, 1996. Educador e artista visual. Formado em História pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente leciona, sendo professor temporário na Rede Estadual de Ensino do Estado do Ceará, disciplinas eletivas e disciplinas da base comum. Desenvolve pesquisas independentes em torno da história, memória e explora as interseções desses campos às práticas educativas e artísticas. Junto de Jorge Silvestre tem investigado a presença afrodescendente no Ceará. Enquanto educador também facilitou oficinas de fotografia experimental com crianças e adolescentes.

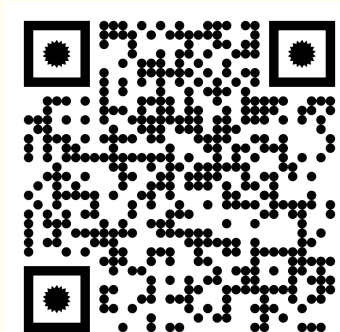
uma lembrança é feita para o futuro

David Felício
Jorge Silvestre

quando criança eu fechava os olhos se quisesse viajar no tempo. um pássaro me ensinou que esse transporte pode ser feito de olhos abertos, me ensinou também sobre qual a direção do atlântico, me ajudou a descobrir as brechas do tempo no balançar de uma rede ou tocando a terra. a série aqui apresentada é um conjunto de fragmentos da viagem, fragmentos que formam essa constelação de luzes negras a partir das noções de memória e arquivo que nos inquietaram durante a trajetória dessa pesquisa. precisamos dismantelar as ficções que perpetuam o delírio colonial se quisermos existir. habitar essa contradição não é criar uma síntese, mas enunciar liberdades que permitam reescrever o passado para contar novas histórias, evocando vida e acreditando na escuta como presença. esses exercícios só foram possíveis por meio da indisciplina, da nossa constante troca, das fugas, de sementes venenosas e fantasmas. não podemos deixar de agradecer a Ana Lira, Helena Vieira e

Hilário Ferreira , que nos incentivam a seguir criando e recuperando a agência sobre nosso corpo, projetado para viver a experiência estruturante de violência e morte, morte e esquecimento. Conseguimos lembrar e agradecer, escapar dos cativeiros de emoções e esperanças, revirar mapas e álbuns de fotografia, estamos vivos e viajamos no tempo. existimos amanhã, todos juntos.

maio de 2021





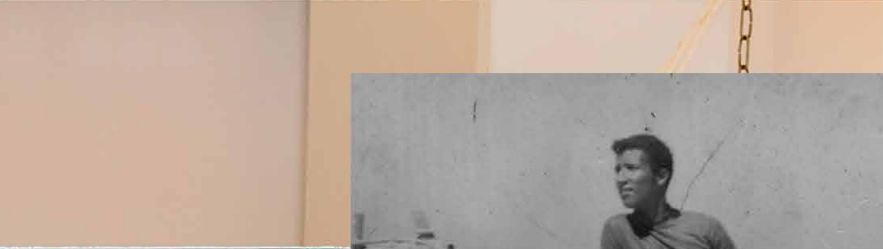
Arqueologias de luzes negras, 2021
Imagens do processo



JOAQUIN, THEREZ
ANTE, JOÃO, ANTONIO, J
IO, MANCER, P. LO, JERONIMO, P
E, FRANCISCA, SE
MIRENCIA, MARIA, JOA
DE NOME, VIRGIN
VIRGILIO CHAMADO PO
ONYMO, LAZARO, DAQUIM SILV
IO, FELIPE, J
MANOEL, VICTAL, JAQUIM, IG
Z, J. ANTONIO, RAYMUNDO
ACUM, CAMILLO, AMBROZIO, JACINTHO, MARIANA, FRANCISCA, GU
FRANCISCA, RAYMUNDO, MARGARIDA, MANUEL, LUIZ, JOAO, R
FRANCISCO
A NAÇÃO DO CONCO
DO NASCIMENTO, ANDELE
DOMINGOS, PAULO, GRANDE D
ESTEFO, GREGORIO
AMUNDO, R
FOR
DACA
DO X
JULIA, M
MINE, ANAST
EF, FRA
ASTI, AT
MARTI
R
V
MO, FO
DOMINGOS,
ATI, SE
DO JO
V



DR VENC... MARIA, VENCESLAVO, JOVEL, ANTON... ANASTAS... DR... MARIA, VENCESLAVO, JOVEL, ANTON... ANASTAS... DR...



... MARIA, VENCESLAVO, JOVEL, ANTON... ANASTAS... DR... MARIA, VENCESLAVO, JOVEL, ANTON... ANASTAS... DR... MARIA, VENCESLAVO, JOVEL, ANTON... ANASTAS... DR...

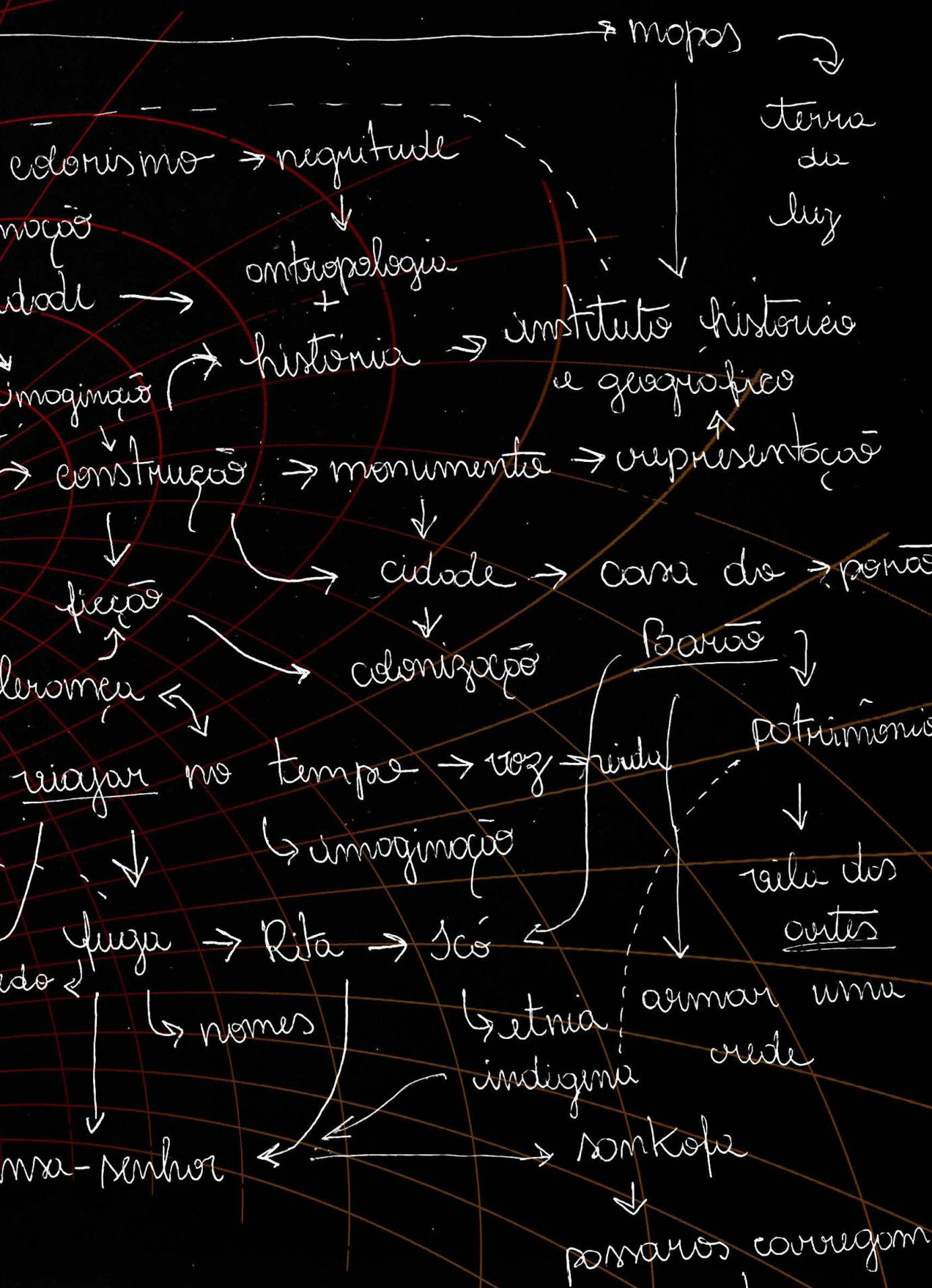


Arqueologias de luzes negras, 2021

Imagens do processo













Como atualizar uma fuga, 2021


Vídeo

03' 27"

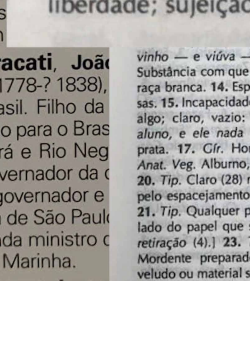
▲-ico¹. V. -eco¹.
 ▲-ico². [Do gr. ikós, < lat. -icu.] Suf. átomo que forma substantivos e adjetivos eruditos = 'participação', 'referência', 'relação': *quimérico*; *dendrológico*. [Em química, indica os oxíácidos em que o elemento tem a mais alta de duas valências: *sulfúrico*, *fosfórico*.]
 ▲-ico³. [Do lat. -ic(c)u.] Suf. dim.: *burrico* (< lat. *burric(u)*), *abanico* (< esp. *abanico*).
 icó¹. [De provável or. tapuia.] S. m. Bras. Pequena e copada árvore da família das caparidáceas (*Capparis yca*), muito característica da caatinga nordestina, de folhas coriáceas, ovado-elípticas, flores de três a cinco cm, com longos estames e pétalas citrinas, e cujo fruto é uma baga de três a quatro cm de diâmetro, com polpa e muitas sementes; icozeiro, icó-preto.
 icó². Bras. S. 2 g. 1. Indivíduo dos icós, tribo indígena cariri que habitava o rio do Peixe e adjacências (limites de liberdade; sujeição, dependência, submissão, servidão, escravidão). 2. V. *escravidão*. 3. V. *escravidão*. 4. V. *escravidão*. 5. V. *escravidão*. 6. V. *escravidão*. 7. V. *escravidão*. 8. V. *escravidão*. 9. V. *escravidão*. 10. V. *escravidão*. 11. V. *escravidão*. 12. V. *escravidão*. 13. V. *escravidão*. 14. V. *escravidão*. 15. V. *escravidão*. 16. V. *escravidão*. 17. V. *escravidão*. 18. V. *escravidão*. 19. V. *escravidão*. 20. V. *escravidão*. 21. V. *escravidão*. 22. V. *escravidão*. 23. V. *escravidão*. 24. V. *escravidão*. 25. V. *escravidão*.
 Para e não neg governador da e governador e nia de São Paul ainda ministro da Marinha.



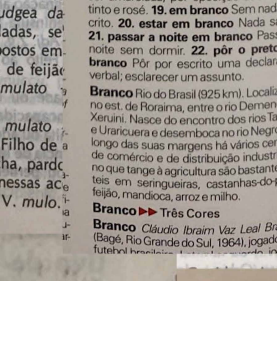
branco, a (do al. antigo *blanch*, pelo al. *blanc*) 1. adj. Que tem a cor da neve ou do leite; alvo. 2. Que tem cas. 3. Pálido, livido. 4. Limpo, asseado. 5. Papel em que não há nada escrito. 6. Que, a voz do cantor, é pouco sonora e sem colorido. 7. FIS. E OPT. Referente aos objetos que refletem todas as cores do espectro visível. 8. S. m. IND. QUIL. Pigmento ou corante, normalmente inorgânico, que permite obter colorações brancas. Misturado com outros pigmentos de cor, obtêm-se diferentes tons. 9. *arma branca* Arma de aço cortante e pontiagudo. 10. *branco de zircônio* OXIM. Nome tradicional do óxido de zircônio, ZrO₂. 11. *carne branca* Carne do peito de animal de capoeira. 12. *carta-branca* Autorização para agir com total liberdade. 13. *luz branca* Relativo à luz cujo espectro se aproxima da luz solar ao meio-dia. 14. *molho branco* Molho feito de manteiga, farinha e leite. 15. *papel branco* Papel de uso corrente, por oposição a papel timbrado; qualquer papel que não é azulado ou de cor. 16. *selo branco* Impressão em relevo sem cor. 17. *verso branco* Verso não rimado. 18. *vinho branco* Vinho de cor amarelada, por oposição aos vinhos tinto e rosé. 19. *em branco* Sem nada escrito. 20. *estar em branco* Não saber. 21. *passar a noite em branco* Passar a noite sem dormir. 22. *pôr o preto no branco* Pôr por escrito uma declaração verbal; esclarecer um assunto.
 Branco Rio do Brasil (925 km). Localiza-se no est. de Roraima, entre o rio Demerari e o Xerurim. Nasce do encontro dos rios Tacuru e Uruarijura e desemboca no rio Negro. Ao longo das suas margens há vários centros de comércio e de distribuição industrial, e no que tange à agricultura são bastante férteis em seringueiras, castanhas-do-pará, feijão, mandioca, arroz e milho.
 Branco ► Três Cores
 Branco Cláudio Ibram Vaz Leal Branco (Bagé, Rio Grande do Sul, 1964), jogador de futebol brasileiro.



▲-ico¹. V. -eco¹.
 ▲-ico². [Do gr. ikós, < lat. -icu.] Suf. átomo que forma substantivos e adjetivos eruditos = 'participação', 'referência', 'relação': *quimérico*; *dendrológico*. [Em química, indica os oxíácidos em que o elemento tem a mais alta de duas valências: *sulfúrico*, *fosfórico*.]
 ▲-ico³. [Do lat. -ic(c)u.] Suf. dim.: *burrico* (< lat. *burric(u)*), *abanico* (< esp. *abanico*).
 icó¹. [De provável or. tapuia.] S. m. Bras. Pequena e copada árvore da família das caparidáceas (*Capparis yca*), muito característica da caatinga nordestina, de folhas coriáceas, ovado-elípticas, flores de três a cinco cm, com longos estames e pétalas citrinas, e cujo fruto é uma baga de três a quatro cm de diâmetro, com polpa e muitas sementes; icozeiro, icó-preto.
 icó². Bras. S. 2 g. 1. Indivíduo dos icós, tribo indígena cariri que habitava o rio do Peixe e adjacências (limites de liberdade; sujeição, dependência, submissão, servidão, escravidão). 2. V. *escravidão*. 3. V. *escravidão*. 4. V. *escravidão*. 5. V. *escravidão*. 6. V. *escravidão*. 7. V. *escravidão*. 8. V. *escravidão*. 9. V. *escravidão*. 10. V. *escravidão*. 11. V. *escravidão*. 12. V. *escravidão*. 13. V. *escravidão*. 14. V. *escravidão*. 15. V. *escravidão*. 16. V. *escravidão*. 17. V. *escravidão*. 18. V. *escravidão*. 19. V. *escravidão*. 20. V. *escravidão*. 21. V. *escravidão*. 22. V. *escravidão*. 23. V. *escravidão*. 24. V. *escravidão*. 25. V. *escravidão*.
 Aracati, João (? 1778-? 1838), Brasil. Filho da veio para o Brasil Pará e Rio Negro governador da e governador e nia de São Paul ainda ministro da Marinha.



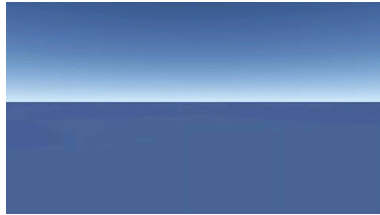
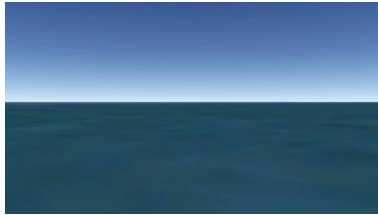
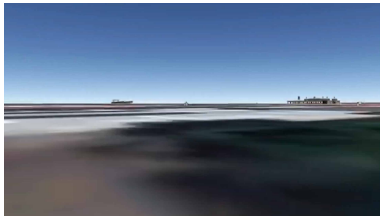
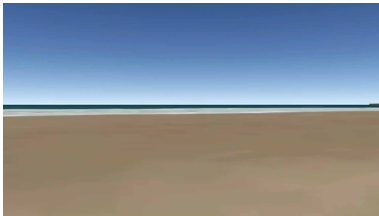
branco, a (do al. antigo *blanch*, pelo al. *blanc*) 1. adj. Que tem a cor da neve ou do leite; alvo. 2. Que tem cas. 3. Pálido, livido. 4. Limpo, asseado. 5. Papel em que não há nada escrito. 6. Que, a voz do cantor, é pouco sonora e sem colorido. 7. FIS. E OPT. Referente aos objetos que refletem todas as cores do espectro visível. 8. S. m. IND. QUIL. Pigmento ou corante, normalmente inorgânico, que permite obter colorações brancas. Misturado com outros pigmentos de cor, obtêm-se diferentes tons. 9. *arma branca* Arma de aço cortante e pontiagudo. 10. *branco de zircônio* OXIM. Nome tradicional do óxido de zircônio, ZrO₂. 11. *carne branca* Carne do peito de animal de capoeira. 12. *carta-branca* Autorização para agir com total liberdade. 13. *luz branca* Relativo à luz cujo espectro se aproxima da luz solar ao meio-dia. 14. *molho branco* Molho feito de manteiga, farinha e leite. 15. *papel branco* Papel de uso corrente, por oposição a papel timbrado; qualquer papel que não é azulado ou de cor. 16. *selo branco* Impressão em relevo sem cor. 17. *verso branco* Verso não rimado. 18. *vinho branco* Vinho de cor amarelada, por oposição aos vinhos tinto e rosé. 19. *em branco* Sem nada escrito. 20. *estar em branco* Não saber. 21. *passar a noite em branco* Passar a noite sem dormir. 22. *pôr o preto no branco* Pôr por escrito uma declaração verbal; esclarecer um assunto.
 Branco Rio do Brasil (925 km). Localiza-se no est. de Roraima, entre o rio Demerari e o Xerurim. Nasce do encontro dos rios Tacuru e Uruarijura e desemboca no rio Negro. Ao longo das suas margens há vários centros de comércio e de distribuição industrial, e no que tange à agricultura são bastante férteis em seringueiras, castanhas-do-pará, feijão, mandioca, arroz e milho.
 Branco ► Três Cores
 Branco Cláudio Ibram Vaz Leal Branco (Bagé, Rio Grande do Sul, 1964), jogador de futebol brasileiro.





Porque plantar poesia na casa do barão, 2021

Vídeo
03' 12"



Mar de tempo, 2021
Vídeo
01' 28"



LÍNGUA FERINA:
ARTISTA RETIRANTE
E A FERTILIZAÇÃO
DA IMAGEM

MARIA MACÊDO

Língua ferina: artista retirante e a fertilização da imagem

Este projeto objetiva pesquisar, e elaborar imagens a partir do entendimento enquanto artista/retirante/agricultora, e as possibilidades de gestar arte através da fertilização da imagem, deslocando o eixo e excluindo o centro. Tendo as práticas ancestrais e a zona rural como campos de investigação, a vida do povo preto nesses lugares é o elemento central para a elaboração de visualidades que contraponham a lógica colonial historiográfica, entendendo a imagem como elemento de poder para destruição e reconstrução de narrativas.



Maria Macêdo

Quitaiús / Lavras da Mangabeira, CE, 1996.
Vive e trabalha em Sítio Pedra de Fogo /
Juazeiro do Norte, CE. Artista multidisciplinar
e educadora d/no Cariri Cearense.
Licenciada em Artes Visuais, co-líder do
Grupo de Pesquisa Novos Ziriguiduns
(Inter)Nacionais Gerados na Arte - NZINGA.
Integra ajuntamentos artísticos, e é integrada
pela mata fechada. Evocando a força ancestral
e ficcional da vida no campo, encontra nas
vivências na terra o caminho que guia o seu
fazer artístico enquanto artista agricultora
retirante fertilizadora de imagens.

Língua ferina: artista retirante e a fertilização da imagem

Maria Macêdo

[1] Fertilizar: tornar fértil

[2] sinônimo: fecundar, adubar, preparar

Oriki pelos desejos de mudança gestados pela promessa de recriar/reconfigurar estruturas que tem moldado pelo viés do apagamento os corpos/as que divergem do humano branco universal que delimitou os falsos entendimentos de mundo, pensando as possibilidades de aprender e criar imagens a partir das nossas humanidades, guiadas pelo poder das plantas e a sabedoria da terra enquanto fundamento para uma prática de cura a partir do saber e fazer que aprendemos numa temporalidade não historicizada. Existir no agora tem me permitido continuar descalça no terreiro, e essa possibilidade de caminhar dançando 'entre o corte e a cura' é o que tenho entendido como fertilização da imagem. Fertilizar pressupõe conhecimento e reconhecimento do solo em que se pisa.

Significa adubar, repor os nutrientes que precisam ser consumidos a cada plantio, para que essa terra esteja plena para o nascimento das novas plantas sejam saudáveis.

Assim, fertilizar imagens significa revistar/entender o trauma colonial (KILOMBA, 2020) do qual os corpos racializados foram submetidos, e se propor a produzir vida apesar da violência/ausências e mortes simbólicas, subjetivas e físicas. É produzir cura, entendendo-a como esse adubo essencial para a terra ancestral, entendendo aqui a vivência do/as antepassados/as como esse território danificado, induzido a desertificação pela colonialidade. A cada nova safra geracional nutrientes tem sido repostos e criado possibilidades de que as novas vidas vivam processos mais saudáveis, plantando sementes que vingarão. Esse processo de violência e apagamento não nos permite identificar qual safra geracional estamos, qual terror e amor vivenciaram os tantos avôs que cuidaram da terra e o quanto de trauma das minhas avós meu útero guarda. Da infertilização psicossomatizada.

Sendo parte da terra vermelha que encorpa o corpo tenho elaborado o tempo das plantas como possibilidade de existir nessa temporalidade outra. Tempo iroko, tempo como possibilidade narrativa de grafar no agora a memória transparente, mas não invisível.

“Não ser apagadas, e ainda sim, ser transparentes. Não sermos silenciadas, e ainda sim não sermos traduzidas”, como nos ensina a artista Jota Mombaça. O interior é aqui a parte central, fundante. O miolo. É preciso deslocar o eixo, e excluir o centro.

Fertilizar imagens é, portanto, elaborar narrativas que se pautem em entender esse desenraizamento histórico e buscar reflorestar nossa mata fechada. Construir com os saberes gestados a partir dos nossos/as, a parti de si e da ciência da mata.

Maria Macêdo

Tudo aqui é ilusão,
mas nos lembraremos do pescador da roça.
Toda vez que a água tá baixa,
é tempo de pescar de landuá.
Quem diz que não se pesca sem isca, deve de
tá acostumado a ser engolido por peixe grande.
A proporção é a grande utopia das regras do fazer.

Não tenho mais interesse a medir
do tamanho de ninguém.

Fim de tarde é botar galão, meio dia jogar
tarrafa, landuá e anzol. O olho que me olha num
tá acostumado a tirar a lama do canto das unhas,
a tirar o cheiro da cidade pra ficar cheirando
a pesca. A comer do pescado. Num tem simetria
pra igualar quem nunca comeu terra a quem
cresceu engolindo fumaça.

Nas regras da proporção aprendi que igualar
é diminuir no tamanho dos outros.
De quem sempre foi maior.

Por aqui num tem estudo que faça
a língua colonial cortar o céu da boca.

É brusa, porque comunicação é sobre entendimento.
Outro dia eu disse que transmutação pressupõe
profundidade, e quem tá na beira vai ter que entrar.
Trato com peixe é sobre limpar o corpo pra se
alimentar. Quem num tira o féu tá fadado a viver de
língua amarga. Tudo aqui é ilusão, mas me lembrarei
de ser sempre uma pescadora da roça. Nunca mais
vou ser retirante pra morrer no seco da cidade.

Dança para um futuro cego, 2021

Fotografia / Videoperformance

Dimensões variáveis

Fotografia: Jaque Rodrigues

Captação Fotográfica e audiovisual: Eliana Amorim e Jaque Rodrigues

Edição: Francisco Luiz

Sonorização: Alda Marya e Diego Souza

Montagem: Maria Macêdo



Dança para um futuro cego, 2021
Fotografia / Videoperformance







Dança para um futuro cego, 2021

Fotografia / Videoperformance

Dimensões variáveis

Fotografia: Jaque Rodrigues

Captação Fotográfica e audiovisual: Eliana Amorim e Jaque Rodrigues

Edição: Francisco Luiz

Sonorização: Alda Marya e Diego Souza

Montagem: Maria Macêdo





Memórias do Encontro (série Fertilização da Imagem), 2020
Pintura aquarela s/ saco de estopa
Imagens de processo



Memórias do Encontro (série Fertilização da Imagem), 2020

Pintura aquarela s/ sacos de estopa

80 x 21 cm

Maria Macêdo

Não tem caminho onde os pés não se afundem na terra, nem rio sem peixe mordendo no pé.

A espera cresceu que nem jetirana se agarrando na cerca desde que o pau-de-arara cruzou a linha da fome do imaginário, e se fixou na incerteza da fertilidade do solo. Num teve asfalto que desse jeito, e continuamos os processos de retirada. Tem gente que nem o que planta colhe, tem gente que colhe o que planta, e tem quem colhe sem precisar plantar.

A natureza se encarrega de alimentar que lhe alimenta. Se num acredita, vai na beira do açude e vê o tanto de maxixe que cresceu. Quem vive em pleno gozo com a terra sabe da fecundidade. As mãos que trabalham são humanas, disse: tamanho normal, proporcional a estrutura óssea de cada corpo. Sem medir nas sete cabeças, sem a exacerbação do corpo propicio pra trabalhar que Portinari inventou.

Modernismo é também sobre as novas formas de dizer sobre branco. As mãos e pés são humanas. Proporcional a estrutura invisível dos corpos. Terra firme arrancando os corpos danosos para as plantas. A justiça divina é a da natureza. A salvação está na terra.

A ajuda emergencial é aprender com quem sempre viveu em harmonia com o solo, com as matas. O corpo que trabalha é humano. Proporcional para o tanto de exploração, apagamento e reinvenção que carrega a estrutura da alma. Algum dia de uma vida sem nada inventado



AO VIVO, agora, 2020
Pintura, colagem e desenho
Dimensões variáveis



coração quieto
é semente
germinando

marear os olhos
sempre que
precisar navegar

ser retirante
e não morrer
no seco
do asfalto

desejo é tempo
bonito
pra chover

sentir o sol de mei
dia lascando os
coros pra lembrar o
que é ter sangue
quente

encontrar o
caminho
de casa para a cura
do avesso



Artista retirante: partilhas com as famílias agricultoras do Cariri Paraibano, 2021
Imagens do processo

Fotos: Ana Lira

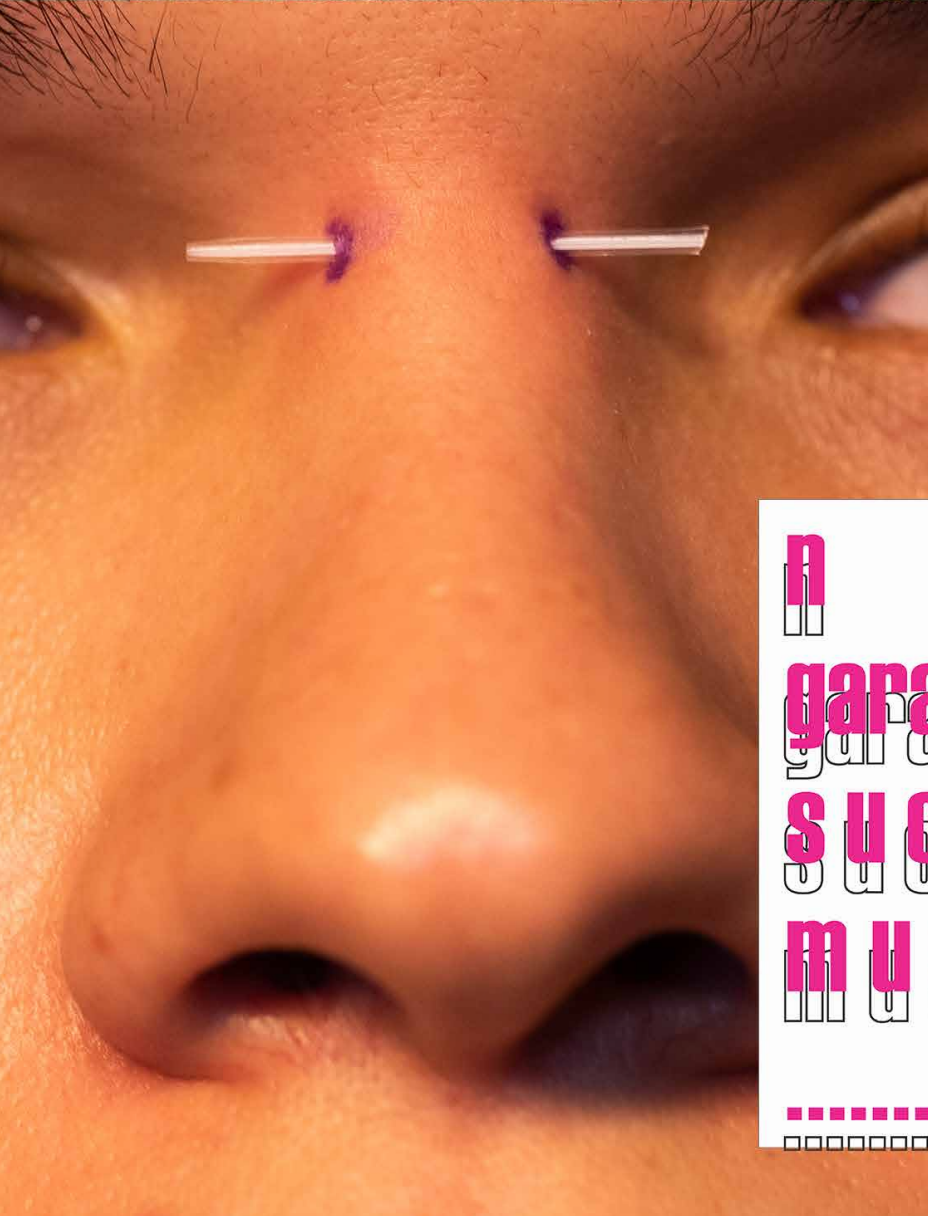






**Artista retirante: partilhas com as famílias agricultoras
do Cariri Paraibano, 2021**
Imagens do processo

Fotos: Ana Lira



nãõ
garantimos
sucesso
musical
nem hit

TRAVESTIS SÃO COMO PLANTAS

SY GOMES

Travestis são como plantas

Através de um trabalho que mistura ecologia, desenhos, quadros grafitados, performances, intervenção urbana, acontecimentos, textos e áudios, busca-se um caminho para aprender quais são os fatores químicos, físicos e biológicos que criam um ecossistema saudável para travestis. Transmutando em semente a experiência histórica da travestilidade e observando o crescimento de pés de feijões, que nascem rasgando laudos de transtorno de identidade de gênero, a artista institui um lugar de vida. Criação de ecossistemas efêmeros. Movimento constante de aprendizado com o brotar. Fertilizar o cotidiano urbano. Cantar para os rios de dentro e de fora. Lembrar das que vieram antes mim. Criar uma floresta.



FOTO: MDIAS PRETOO / MATHEUS DIAS

Sy Gomes

Eusébio, CE, 1999. Vive e trabalha em Fortaleza, CE. Sy Gomes é uma travesti negra nascida em Eusébio, no bairro Coaçu, que significa Folha Grande. Movida pelo tempo, se instalou na cidade de Fortaleza e atualmente reside nela. Neste território tem feito arte por pelo menos 5 anos. Música, performance, instalação, criação ritualística, produção cultural e musical, design e paisagismo estão entre suas obras/pesquisas. Foi parte do 71º Salão de Abril, da edição 2020/2021 da temporada investigativa do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes e realizadora de projetos como “Me Vejam de Longe - Outdoor Travesti” e “Ecosystema - Programa Formativo”. Obcecada pela criação de novos mundos.

Sy Gomes

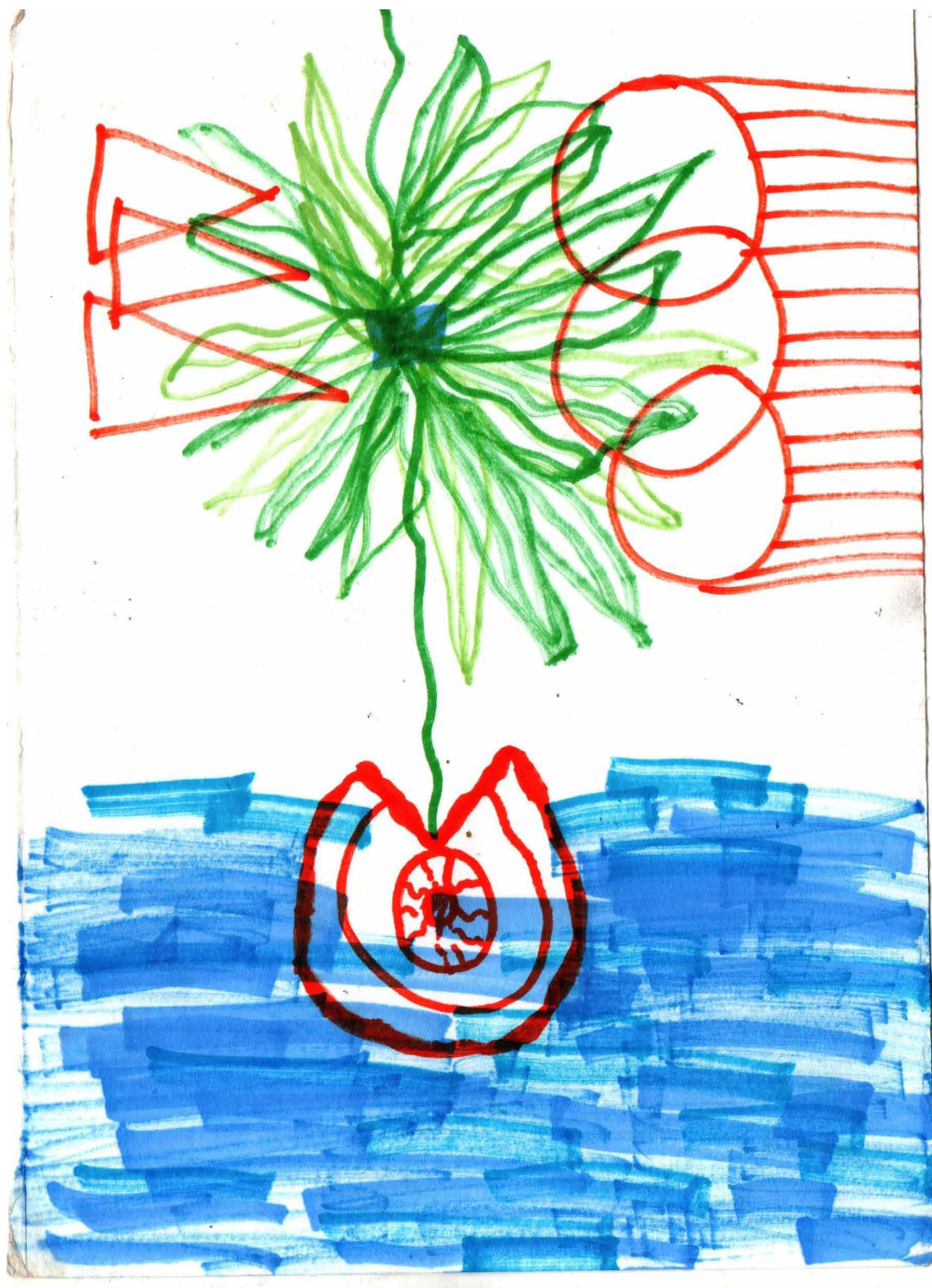
Destemida. Sem barreiras.
Em desconformidade com a realidade.
Às vezes indescritível e incompreendida.
Jamais acessada. Nova. Um desejo,
obsessão intensa pela aproximação
com a vida vegetal. Expert em enganar
o cotidiano. Uma preciosidade. Body art,
body modification, intervenção corporal,
instalação de piercing, sonhos, onírica,
nascida de um susto, de uma imagem
ancestral. Ancestral de um futuro onde
pode se cultivar na pele. Precisarão
da terra, pois ela é a essência de tudo.
Precisarão de mim, pois sou o que a
terra deixou de fruto. Três seres híbridos,
os primeiros de sua espécie. Uma
história não contada. Mas aprendida e
experimentada. Registrada em vídeo
e foto. Uma imersão nas memórias do
transe. Uma chamada Ana. Um chamado
Rodrigo. Outra chamada Sy. Será se são
mesmo quem dizem ser? A mudança
que fizemos tem retorno? Alguém
entra e sai desse ecossistema sem
ser modificado? Plantamos dentro de
nós elementos da performatividade da
entrega. Desprogramando os códigos
impostos e criados por nós mesmos.
DNA. Código genético animal e vegetal.
Unidos por metal. Forças da natureza
que se experimentadas juntas podem
promover uma mudança radical de
vida. Mergulhamos por duas semanas.
O contínuo não foi possível, mas houve
cultivo. O brotar não foi possível. Mas
houve brotar. Aqui, um registro de um
experimento. Vestígios de uma estranha
obra de arte. Estranha na medida em
que alarga a vida de pessoas trans e

travestis. O estranhamento é essencial. Não se deixe incomodar. Isso será cada vez mais comum.

Brotam no Rosto é uma obra de instalação de piercings, como sementes, no rosto de 3 pessoas trans. Sy Gomes, Rodrigo Alencar e Ana Ester Pimentel. O primeiro processo da obra foi de fato a instalação do piercing e a possibilidade de invenção e negociação com as forças do metal. Após esse momento, entramos em uma imersão em uma das salas de dança do Porto e lá mergulhamos na investigação do brotar. Com as sementes instaladas queríamos saber quem éramos nós agora. Nunca fomos humanas, logo, se associando ao metal e à vida vegetal, somos híbridos. Seres que nunca passaram pela terra. Essa imersão foi de uma semana descontínua, com uma visita ao Parque Estadual do Cocó, exercícios de imersão no som e na estufa, que nós mesmos construímos com canos de PVC e plástico grosso, exercícios de compartilhamento das experiências no transe, mergulho no transe performativo e investigação das memórias que encontrávamos ao realizar movimentações diversas. Descobrimos sons que jamais sabíamos que poderíamos fazer. Sons de bicho, de um bicho desconhecido, algo novo. Criamos um ecossistema que seria apresentado e aberto ao público ao longo de um dia inteiro, mas que foi impedido pela atual pandemia de coronavírus. Daquilo que foi investigado e experienciado saem uma série de fotos,

relatos e obras que compõem o universo que é “Brotam no Rosto”. Fotos de Renata Fortes e Sy Gomes.

Brotam no Rosto é uma obra desenvolvida com recursos do edital interlinguagens Arte Livre, da Lei Aldir Blanc - SECULT/CE e do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes.



Semente Primordial, 2019
Canetinha s/ papel Canson
20,0 x 14,5 cm

Brotam no Rosto

Sy Gomes

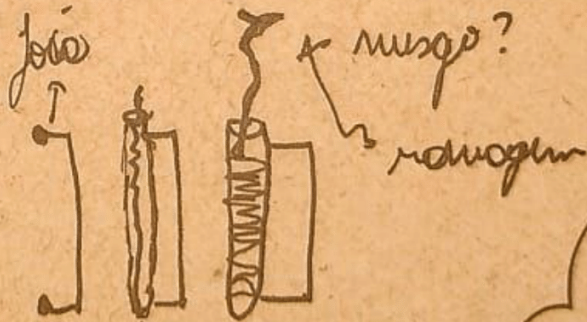
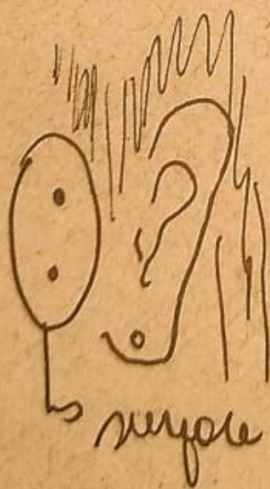
Já é a segunda vez que sonho que tenho plantas nascendo no meu rosto. Elas crescem sob minha pele e não precisam de terra, é como se elas estivessem sob uma fina pele, mas está por dentro de mim. Não sei ao certo se consigo explicar, mas no sonho de hoje eu ficava preocupada se teria que tirar as plantas que já estavam grandes. Eu tocava nelas e conseguia sentir elas por cima da minha pele. Eu tinha alguns medos no sonho, de infecção, de rasgar minha pele, e tinha tirado outras plantas antes, tinham algumas marcas. Mas não doía ter essas plantas no rosto. Só era muito estranho.

26.12.19

No dia em que sonhei que poria no cabelo
 do meu rosto, fiquei me perguntando
 se seria possível redizer isso no cabelo real.
 Sol sempre foi uma amiga querida e
 muito talentosa em body art / body mod.
 e nos tatuos. falei com ela hoje e vamos
 tentar criar urosos (mini urosos) em um piercing
 surface. Vamos pesquisar qual lugar do
 corpo a pele resiste melhor.

↳ isso é um piercing surface.

↳ isso é a pele

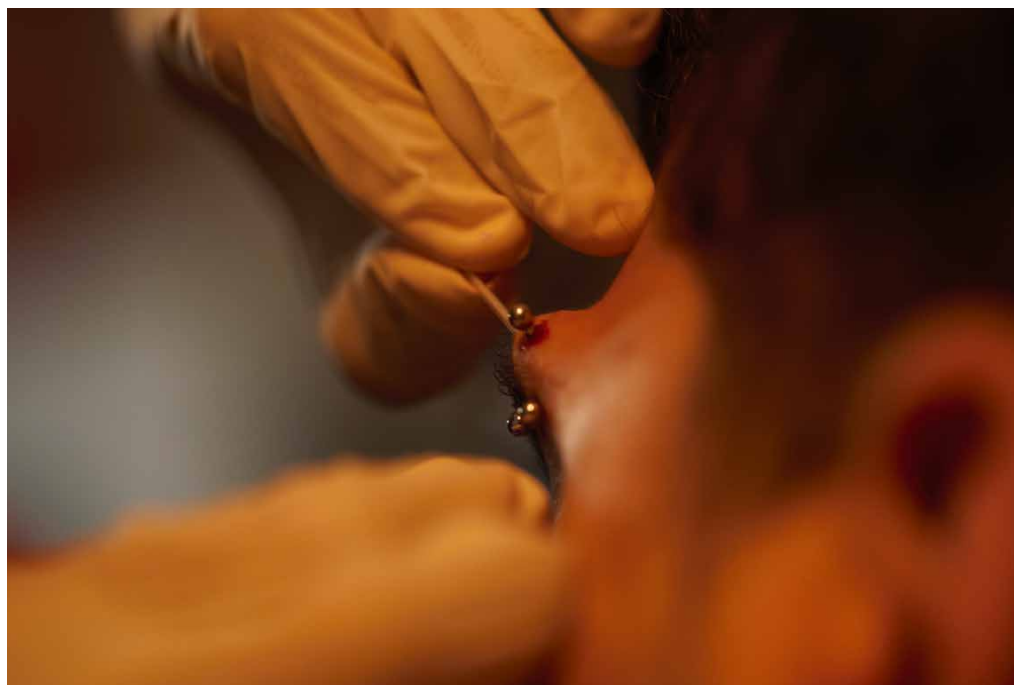
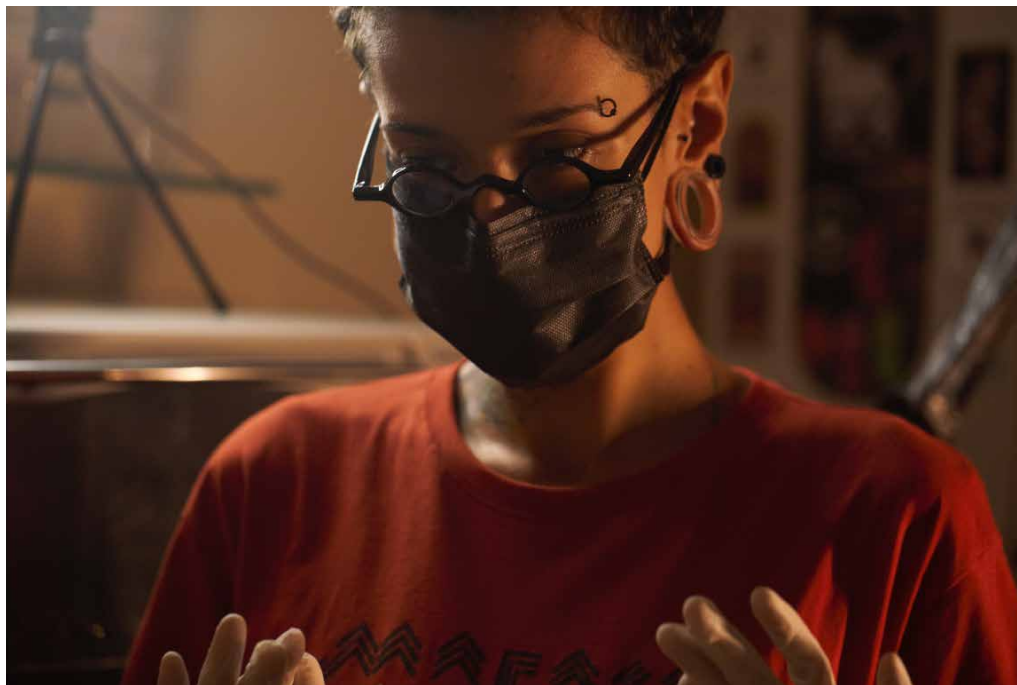


↳ mini urosos
 encaixados no
 piercing.



↳ platinas!

tatuadora + fotografar.

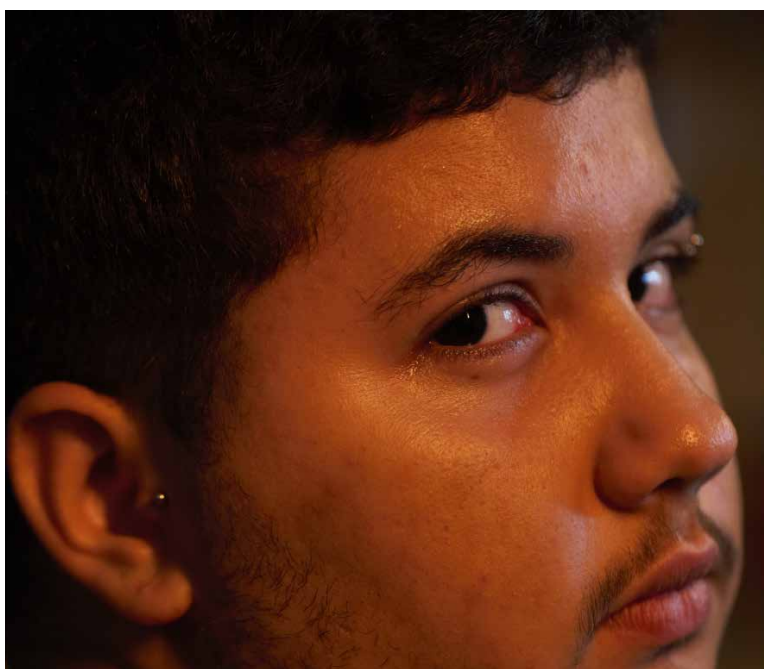


Travestis são como plantas, 2020-2021

Imagens do processo (instalação dos piercings realizada por Sol Carolina)

Fotos: Renata Fortes





Travestis são como plantas, 2020-2021

Imagens do processo (instalação dos piercings realizada por Sol Carolina)

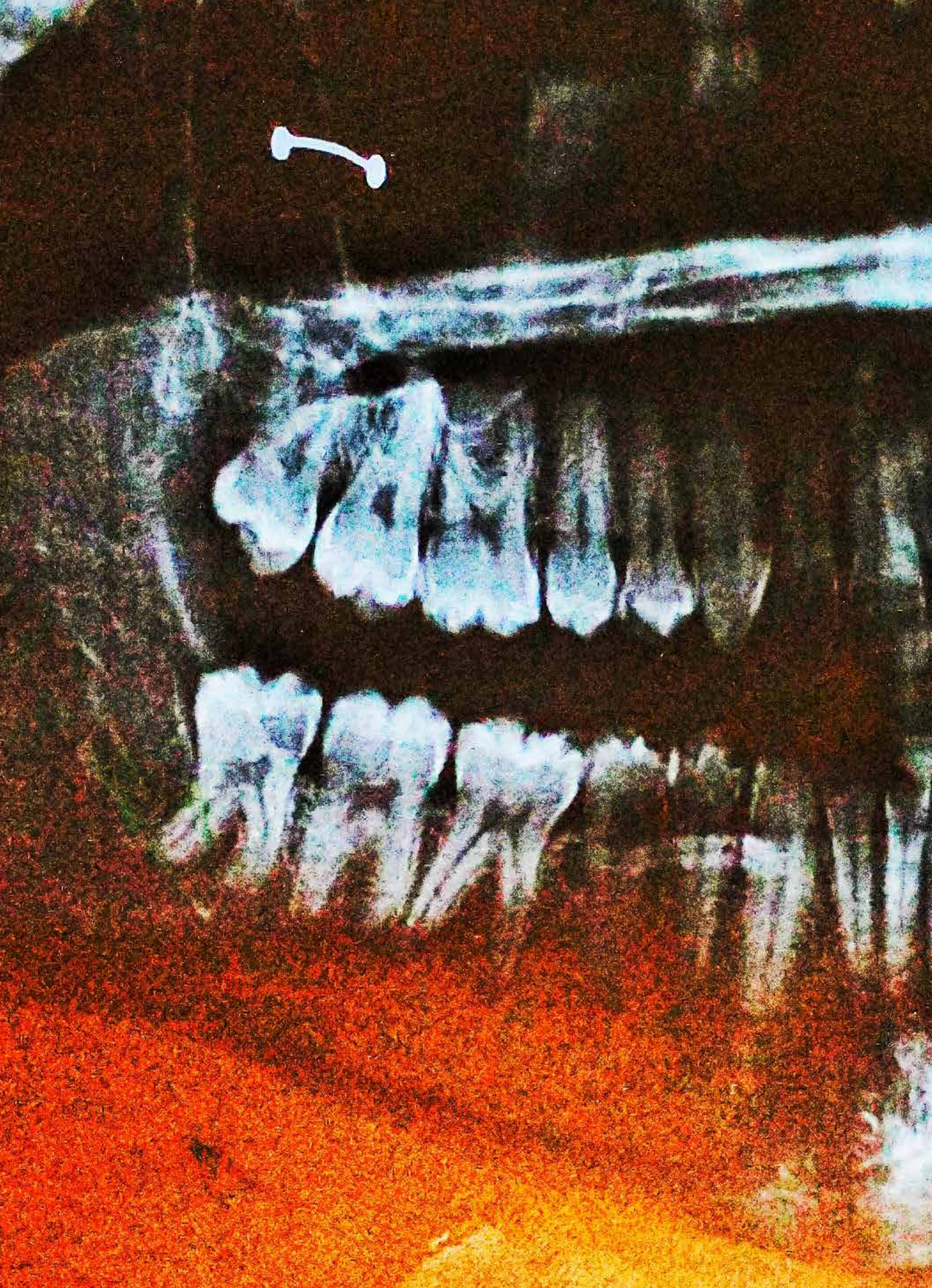
Fotos: Renata Fortes

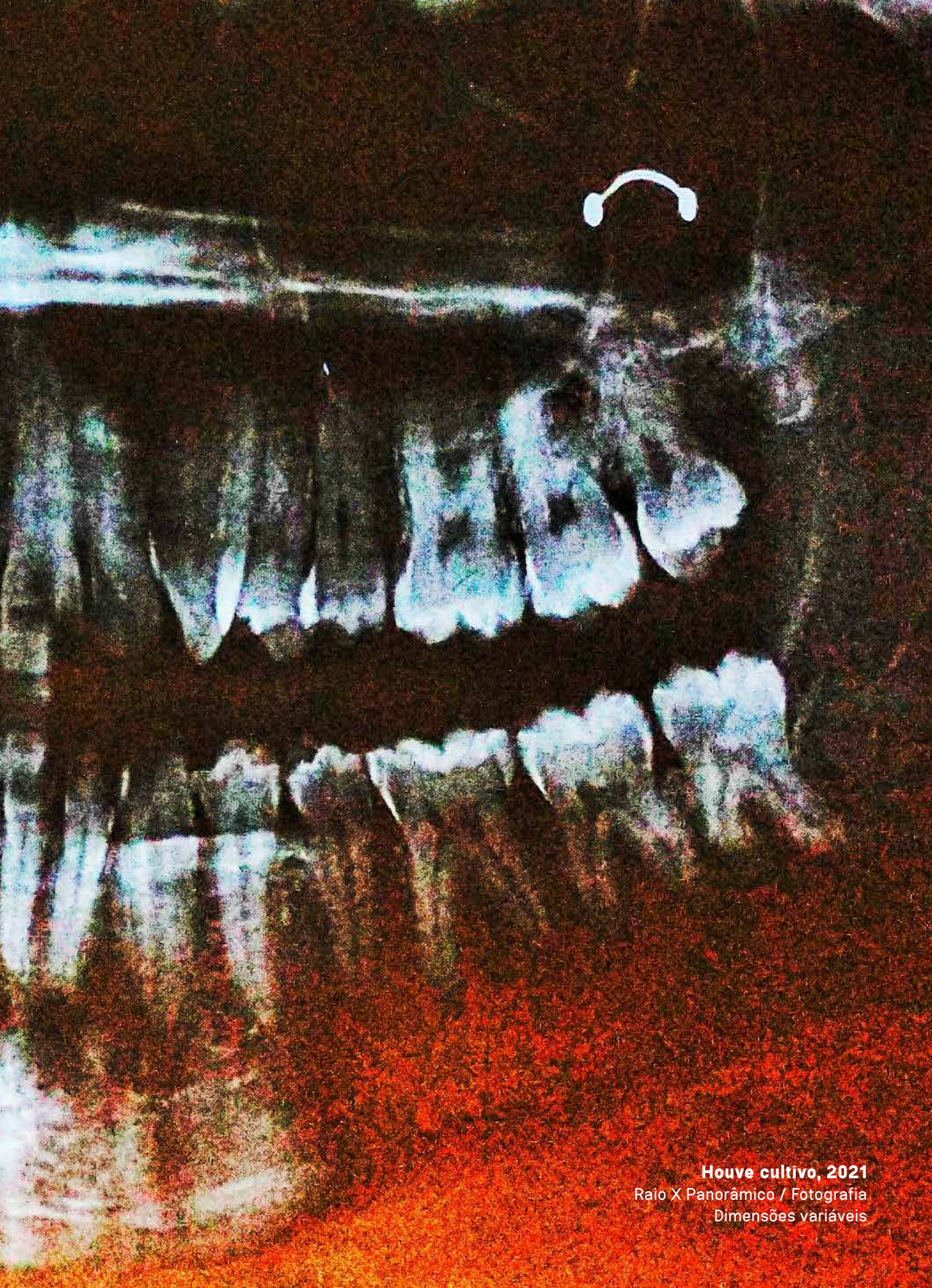




Travesti quando chora não tem quem segure, 2021
Performance / Fotografia
Dimensões variáveis







Houve cultivo, 2021
Raio X Panorâmico / Fotografia
Dimensões variáveis



Travestis são como plantas, 2020-2021
Imagens do processo (imersão performativa)
Fotos: Sy Gomes





Investigar a umidade, 2021
Performance / Fotografia
Dimensões variáveis







Cervical, 2021
Performance / Fotografia
Dimensões variáveis



Mãos, 2021

Performance / Fotografia

Dimensões variáveis



Ana Ester

11 de fevereiro de 2021

hoje foi o segundo dia de imersão do projeto da sy, brotam no rosto, e a gente teve um momento de sentir o corpo, e assim que deram o play na musica e eu fechei os olhos, imediatamente eu comecei a visualizar um lugar, que parecia ser uma mata, com muita planta, muito verde, muita umidade, uma chuva leve e um rio com muita agua corrente, era um rio curvo, e a agua descendo o rio... e eu comecei a perceber a presença de varias mulheres. mulheres negras, algumas travestis, na verdade eu acho que eram todas travestis, e tinha uma delas no rio, meio que agenciando um nascimento, era essa a presença que eu sentia, de um nascimento, uma coisa bem ritualistica, tradicional. a tradição de um nascimento naquele grupo. e de repente eu comecei a perceber que quem tava nascendo era eu. e esse foi o momento mais louco do meu, digamos, "desligar" do mundo normal, pra perceber esse sonho, essa lembrança, eu não consigo distinguir. era um nascimento, mas não era um nascimento comum, primeiro que era o nascimento de uma pessoa adulta, eu era uma mulher adulta nascendo. e não era um nascimento natural, digamos assim, eu não estava sendo parida de uma vagina de uma mulher, na verdade eu estava me contorcendo, apesar de ja estar inteira no corpo da mulher que tava no rio, eu me contorcia toda pra conseguir nascer. e todas as meninas estavam lá olhando e vivendo aquele momento comigo, até que eu nasci. como se eu tivesse brotado mesmo, me contorcendo pra sair de algum lugar, até que eu nasci e a chuva engrossou bastante, e aí foi o momento que eu acordei, porque eu ouvi uma batida de porta. era a outra musica, e eu acordei. acordei assim real, tipo, acordei. porque eu não tava acordada, eu sentia que eu estava em pé me movimentando, mas eu não sentia o mundo presente. eu tava completamente imersa nessa lembrança, ou nesse sonho, nessa visão. e o que pensar disso? eu acho que eu to reagindo a esse momento de uma forma tão inesperada, porque pelo que eu me conheço, eu estaria completamente emocionada e chorando muito lembrando disso, e eu to tão plena e calma lembrando disso... uma travesti não nasce no dia que ela nasce bebê, seu primeiro dia de vida, não é ali que ela nasce... ela nasce a partir do momento que ela se percebe no meio das suas, porque não dá pra viver isso só, se você for travesti, você precisa das suas. quando uma travesti nasce, todas as outras sentem e percebem e olham pra ela, e querem que ela consiga e acho que foi sobre isso que o sonho falou.

Link para áudio original: https://drive.google.com/file/d/1sqE-zaeWMBnnuwKYUsecr_GNTY0QAXe_X/view?usp=sharing

Link para o vídeo "TERRA" de Sy Gomes:
<https://drive.google.com/file/d/1-nb7sswjDDvPcpdd1gBuZLicowYtm7FV/view?usp=drivesdk>



Travestis são como plantas, 2020-2021

Imagem do processo (da esquerda para a direita: Ana Ester, Sy Gomes e Rodrigo Alencar)

Foto: Renata Fortes

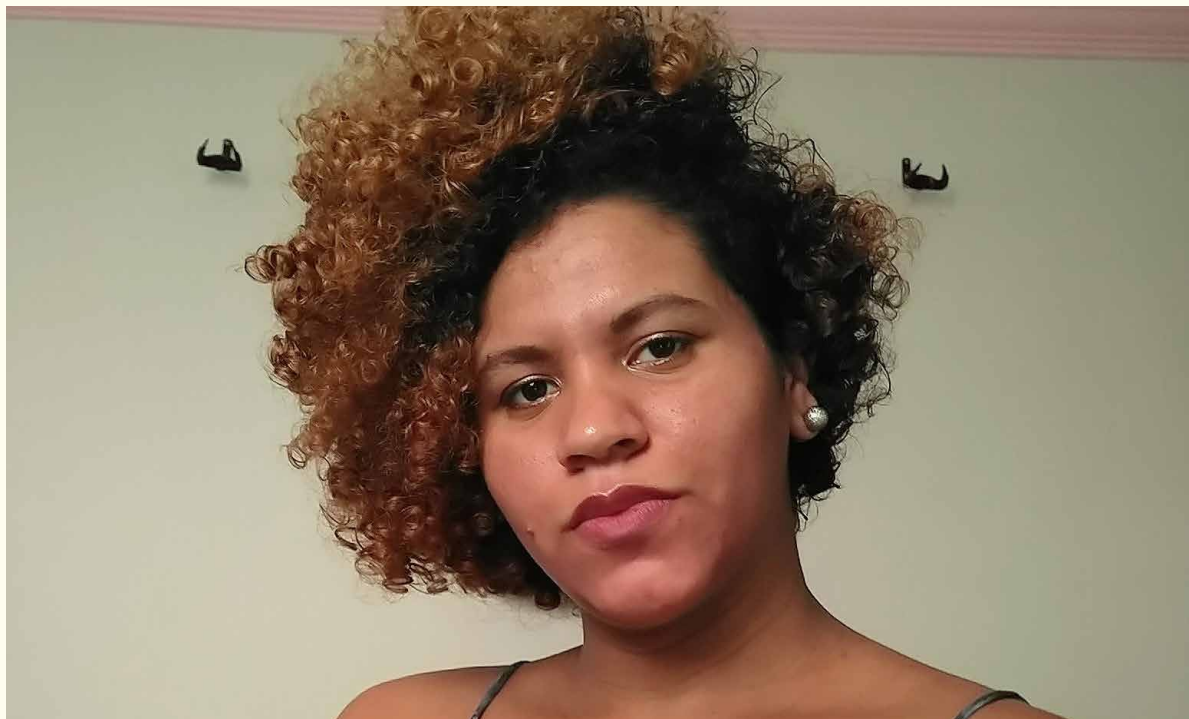


ENCANTADAS:
SABERES MÁGICOS EM
LUGARES SAGRADOS

ELIANA AMORIM

Encantadas: saberes mágicos em lugares sagrados

É um processo criativo/curativo de imersão nos saberes e práticas de cura tradicionais, que emergiu em 2017 a partir de vivências e experimentações artísticas com a magia em rituais cotidianos e curativos realizados pelas mulheres curandeiras da Chapada do Araripe. Na infância, devido à partida em retirada da zona rural para a zona urbana soube um apartamento deste universo, que agora o acesso através das memórias. É nas artes visuais que retomo esse lugar de escuta e imersão ao universo curandeiriço da região que meu corpo habita, investigando relações entre arte, curas e magia, que tem como base os saberes mágicos que habitam o intelecto das mulheres curandeiras, portanto sagradas.



Eliana Amorim

Exu, PE, 1996. Vive e trabalha em Juazeiro do Norte, CE. Retirante, artista visual, pesquisadora, arte educadora e produtora cultural. Licenciada em Artes Visuais pelo Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri-URCA. É co-líder do Grupo de Pesquisa NZINGA: Novos Ziriguindus (Inter) Nacionais Gerados nas Artes CNPq/URCA, e pesquisadora no Projeto YABARTE: Processos gestacionais na arte contemporânea a partir dos pensares e fazeres negros femininos, ambos liderados pela artista visual e professora universitária Dra. Renata Felinto. Suas pesquisas e produções no âmbito das Artes Visuais abordam questões de gênero e raça no Brasil, e, investiga intersecções entre arte, magia e saberes tradicionais de cuidados e curas através da natureza compartilhados entre mulheres sertanejas curandeiras, os quais têm acessado através da escuta ativa e do encontro com as memórias.

Invocando o Sagrado: Memórias em Transe [Montagem]

Eliana Amorim

Dia 03 de abril, final de tarde de sábado. No nosso calendário cristão era sábado de aleluia.

Neste dia, sob o sol frio das 16 horas, no Sítio Pedra de Fogo, me acompanham Alex Melo, o companheiro com quem concebi a vida de Akili, que completa naquele momento 7 meses, e também nos acompanha aconchegado em meu ventre. Ao meu lado há alguns anos me acompanhando e me permitindo que eu também seja em muitos momentos sua companheira, tenho Maria Macêdo, que me concede seu olhar para captar momentos, sua presença para me sentir segura, sua vida para entender a conexão que possuímos ao compartilhar anseios e trajetórias, e nesse dia me concedeu os arredores de sua morada para colher, montar e assentar vassouras.

Uma vez perguntei à minha mãe sobre como eram tiradas as vassouras que ela usava para limpar o terreiro, isso de quando morávamos no sítio, e ela, lembrando momentos vividos durante 39 anos, me contou.

Geralmente, aos fins de tarde de sábado, saiam algumas mulheres, que às vezes levavam suas crianças, e colhiam vassourinha, relógio ou outras plantas possíveis de se fazer uma vassoura. Colhidas pela raiz ou cortadas por facão, eram colocadas para secar se fossem ser usadas depois ou amarradas num cabo de madeira se seu uso fosse imediato. Eram usadas para limpar os terreiros no final de tarde do sábado, ou no alvorecer do domingo. Compreendi que as semanas precisavam ser iniciadas com o terreiro limpo.

Naquele dia, eu repeti os movimentos de minha mãe guardados na memória, em cada golpe que o facão alcançava no início do galho de cada mato. Maria Neusa, minha mãe, sempre esteve presente. Maria me acompanhava no registro, na conversa, no riso, na caminhada e nos conselhos. Duas mulheres no mato tirando vassouras, isso significa algo poderoso.

De longe observava Alex, esperando o momento de usar suas mãos para abrir lugar na terra onde seriam assentadas as vassouras, um companheiro que mais uma vez me concedeu sua força.

A intensidade no valor das realizações também está presente no amor que sentimos por quem nos acompanha!

Entrou a noite e sete vassouras foram assentadas no meio do mato. Estava escuro e só era possível encontrá-las se estivessem às procurando. Todas em pé, altivas, acompanhadas umas das outras, em um encontro noturno e sabático.

Este espaço de invocação parte de uma obra realizada em 2019, na qual tive como orientadora minha mãe. Ela me auxiliou e orientou na colheita e construção de vassouras retiradas no mato, assim como me ensinou as propriedades curativas de algumas das plantas utilizadas. Assim surgiu a instalação *Possibilidades de materiais para a construção de uma vassoura*, constituída de fotografias de quatro ervas apresentadas a mim por ela, onde duas foram possíveis de serem identificadas, a vassourinha doce (*Scorpadia dulcis*) e o relógio (*Sida acuta*) e as outras duas não, e uma vassoura, apresentada como objeto de arte intitulada de *Transporte aéreo utilizado como objeto de limpeza*. Agora, a expansão desta obra, se transforma em uma invocação e com canais abertos para vivenciar o transe da memória coletiva navegante uterina.



Invocando o Sagrado: Memórias em Transe, 2021

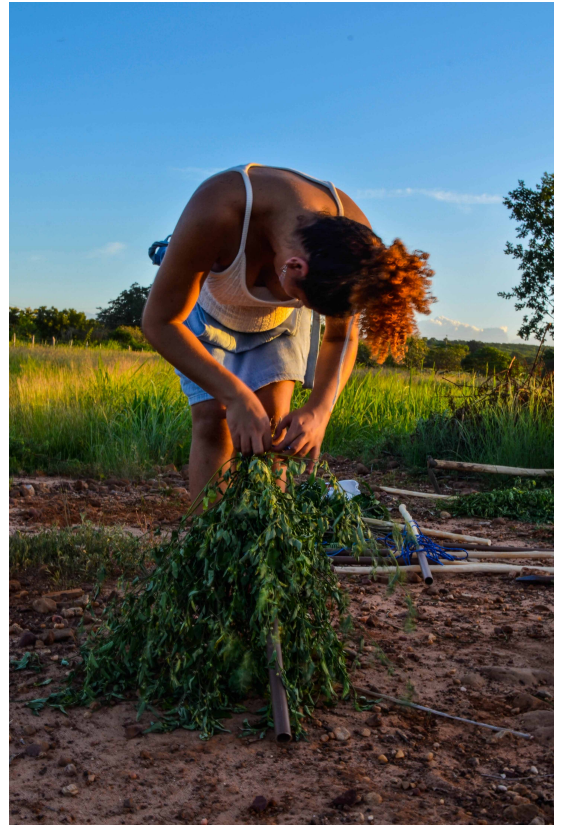
Imagens do processo (colheita e montagem)

Fotos: Maria Macêdo

Assistência de produção: Maria Macêdo e Alex Melo

Local: Sítio Pedra de Fogo, Juazeiro do Norte, CE.







Invocando o Sagrado: Memórias em Transe, 2021
Imagens do processo (colheita e montagem)

Fotos: Maria Macêdo
Assistência de produção: Maria Macêdo e Alex Melo
Local: Sítio Pedra de Fogo, Juazeiro do Norte, CE.

Invocando o Sagrado: Memórias em Transe

Eliana Amorim

Bruxas, aquelas que eram pegas sobrevoando os céus em suas vassouras, eram julgadas e na maioria das vezes queimadas por supostamente estarem indo a um sabá, ao encontro de outras mulheres.

E hoje, como são chamadas as mulheres que se encontram próximo ao pôr do sol dos sábados em campos de vassourinha e relógio, num ritual de colheita das vassouras que serão usadas na limpeza dos terreiros durante a semana?

Os rituais permanecem!

Será que aqui, nesse solo, onde tudo se demarca, inclusive ele mesmo, por linhas imaginárias, quando dizem "Somos as netas das bruxas que vocês não conseguiram queimar!", estão falando das parteiras indígenas, que com seu cachimbo cheiroso defumam o ambiente e o preparam para as mulheres parirem? Será que estão falando das mulheres africanas que conheciam méi mundo de remédio feito de planta para curar e cuidar do seu povo que foi escravizado aqui? e de vez em quando curar até aqueles que as escravizaram e as desumanizaram? Será que estão falando das parteiras como Samarica, que só precisava saber que uma mulher tava com dor de menino pra pegar sua égua ou sua bicicleta e sair para acudi-las? Será que estão falando das rezadeiras como Dona Naninha, tão procurada e famosa pela sua reza boa? Será que estão falando

das mezinheiras do Crato, que moram nas serras da Chapada do Araripe, que fazem xarope, sabão, sabonete, rezam em menino novo, fazem parto, tocam pandeiro, dançam coco, jogam capoeira, ajudam as mulheres da comunidade, se organizam e levantam até casas se precisar? Será que estão falando das benzedoras do bairro, que não têm diploma de psicólogas, mas quê cuidam de angústias internas? Será que estão falando das Mães de Santo? Das mulheres que vendem garrafada como Tia Helena? De nossas vós que nos tratam com lambedores? Das mães que mantêm existência com o alimento plantado e colhido, ou encontrado na mata? Será que são de mulheres assim que estão falando?

Mulheres que na verdade não são bruxas, mas sim, encantadas curandeiras.

Sagrado seja o coração das mulheres que curam e curaram, elas estão no meio de nós e ainda atravessam nossas existências!

Estas vassouras voam desde 2019. E este ano são contempladas no Laboratório Reticências da Revista Reticências e no Laboratório de Artes Visuais 2020-2021 da Escola Porto Iracema das Artes - Instituto Dragão do Mar- Secult Ceará.

Primeiro eu tive a mentoria de minha mãe, a quem sou grata pela vida e pela manutenção da minha existência.

No mesmo período Renata Felinto me acompanha nesse reencontro de memórias e fazeres, a quem sou grata pela amizade e confiança no poder da ancestralidade.

Agora, paralelamente eu tenho o acompanhamento e a guia de Ana Lira e Castiel Vitorino, a quem sou grata pelo afago durante o medo de ter vivenciado o transe.

E, do início do projeto até o presente momento, eu tenho Maria Macêdo ao meu lado, e lhe sou grata pelo companheirismo e pelo afeto.

Invocando o Sagrado: Memórias em Transe, 2021

Fotografia (registro de performance / ritual)

Dimensões variáveis

Foto: Maria Macêdo

Sítio Pedra de Fogo, Juazeiro do Norte, CE





Invocando o Sagrado: Memórias em Transe, 2021

Fotografia (registro de performance / ritual)

Dimensões variáveis

Foto: Maria Macêdo

Sítio Pedra de Fogo, Juazeiro do Norte, CE





Invocando o Sagrado: Memórias em Transe, 2021

Fotografia (registro de performance / ritual)

Dimensões variáveis

Foto: Maria Macêdo

Sítio Pedra de Fogo, Juazeiro do Norte, CE





Invocando o Sagrado : Memórias em Transe, 2021

Fotografia (registro de performance / ritual)

Dimensões variáveis



Assentamento, 2021

Fotografia (instalação)

Dimensões variáveis

Sítio Pedra de Fogo, Juazeiro do Norte, CE

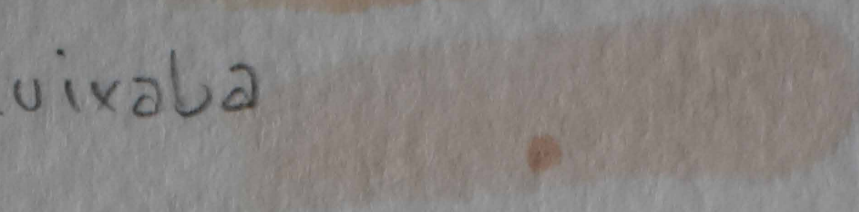




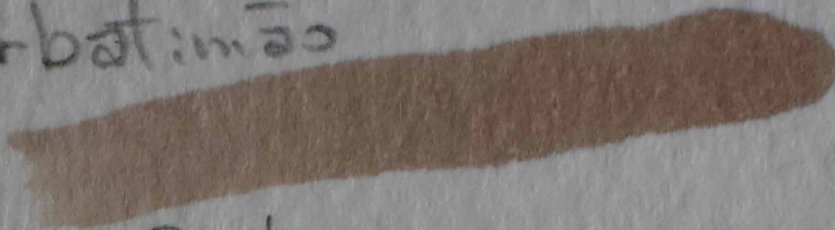
Aroeira



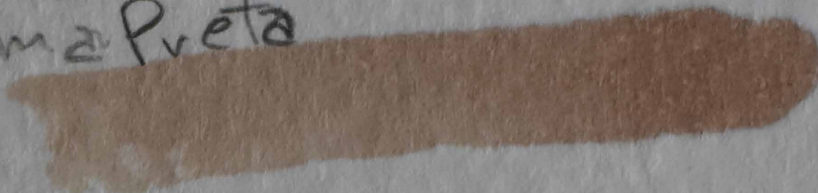
Quixaba



Barbatimão



Jurema Preta



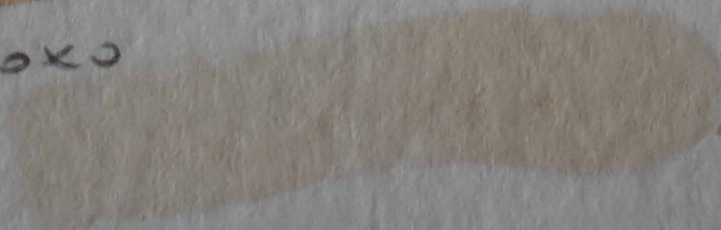
Jatobá



Ameixa



Hibiscoroxo





Proteção, 2020

Estudos de pintura com tintas medicinais

Garrafada, 2020

Estudos de pintura com tintas medicinais

Caju, 2020

Estudos de pintura com tintas medicinais

**Lambedor, 2021**

Pintura (Tintura de ervas medicinais e lápis s/ papel Canson)

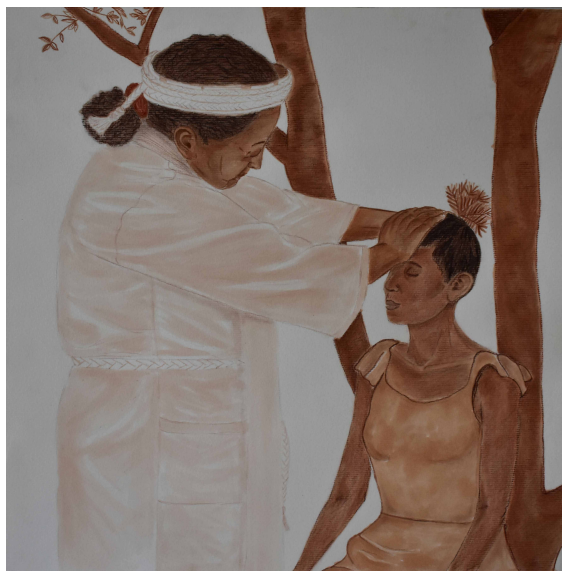
33 x 33 cm



Fogão a lenha, 2021

Pintura (Tintura de ervas medicinais e lápis s/ papel Canson)

42 x 42 cm

**Festa do Pequi, 2021**

Pintura (Tintura de ervas medicinais e lápis s/ papel Canson)
42 x 42 cm

A benzedeira, Dona Neta, 2021

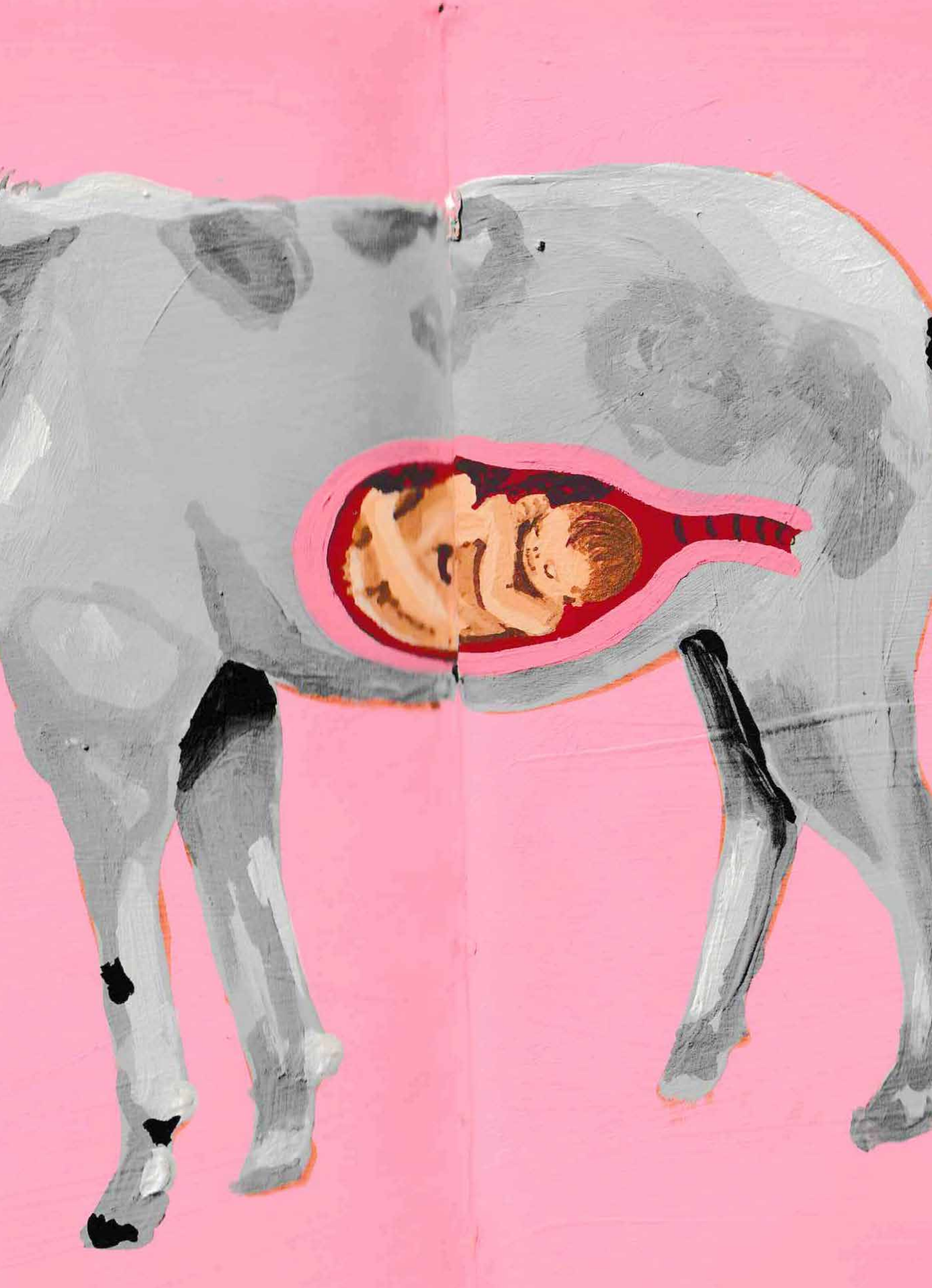
Pintura (Tintura de ervas medicinais e lápis s/ papel Canson)
42 x 42 cm



Reza para peito aberto, 2021

Pintura (Tintura de ervas medicinais e lápis s/ papel Canson)

42 x 42 cm



NA BARRIGA DO MONSTRO

CHARLES LESSA
VITA DA SILVA

Na barriga do monstro

O projeto pretende investigar estéticas do imagético popular infantil, transpondo seus símbolos para uma dimensão experimental. São de interesse para a pesquisa: embalagens de produtos destinados à crianças, imagético colegial, brinquedos, parques de diversão, entre outros. Também buscar símbolos em outras mídias como TV e vídeo. A fixação pela mitologia fantástica relacionada ao universo da criança está em mim devido a uma infância precária que tive e pelos vários medos que sempre tive. Estar na barriga do monstro é como revogar uma nova experiência de ser gestada criança, tendo a visualidade e produção dela como meio de instaurar novas questões e abordagens acerca do tema.



Charles Lessa

Crato, CE, 1993. Artista visual. Tem licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). O fazer artístico é o lugar onde brinca. cria ficções com a pintura figurativa, babula personagens, segundo ele, "convulsivamente belas e debochadas". Investiga a estética da arte popular em diálogo com a arte contemporânea, na invenção de narrativas que se desenvolvem para além de muros e suportes convencionais, "reivindicando uma nova infância na fase adulta". Há também um forte apelo gráfico nas imagens de Charles - na disposição dos elementos e no uso da cor -, além de uma camada erótica muitas vezes insólita e bem humorada.



Vita da Silva

Arneiroz, CE, 1997. Vive e trabalha em Crato, CE. Vita da Silva é, entre contradições e complexidades, Travesti mulher e artista transmídia. Em sua certidão de nascimento consta: Filha de Jaqueline Bezerra da Silva e pai não reconhecido. Foi criada e amada como menino por sua tia avó mãe Iolanda, falecida em 2018. Entre a infância e a adolescência experimentou em um curto período de tempo o "Reisado Mirim" a partir da Associação dos Amigos da Arte e Cultura de Arneiroz - Arte Jucá. No ano de 2015, mudou-se para a cidade de Crato (CE) para cursar artes visuais. Hoje, Vita é uma das pessoas que movimentam o Laboratório de Estudos e Criação - BIXÓRDIA e a Ungidas Produtora Cultural. Além de colaborar com o projeto de Charles Lessa intitulado "Na barriga do mostro", em desenvolvimento no Laboratório de Artes Visuais pela Escola Porto Iracema das Artes, com tutoria de Elton Panamby.

Vita da Silva

Para o Laboratório de Artes Visuais eu propus inicialmente investigar estéticas relacionadas ao universo da criança do início dos anos 2000 que assistia demais Dragon Ball Z, e era louca pra ser a ranger rosa mas tinha que se contentar com o azul.

A ideia era de alguma maneira conseguir subverter esses símbolos e propor novas possibilidades para essa criança que também é nova.

Olhando pro Charlim que eu fui, agora sabendo de todos os segredos dele, sei o quanto ele desejava as asas de crepom de Mariana na coroação de nossa senhora e sei o quanto ele queria ter feito a primeira comunhão usando vestido de saia rodada. A pintura as vezes me possibilita não coroar mas ser coroado.

Donna Haraway fala no colóquio os mil nomes de Gaia sobre as imaginações de habitar a barriga do monstro...

Já estávamos na pandemia da covid-19 e com o isolamento recorri ao google maps afim de fazer alguns registros pelas ruas, a ideia de ficar trancado em casa era e é até hoje bem limitadora. então comecei a tirar prints de cenas em que apareciam crianças brincando na rua, essas cenas só existem nas periferias. Voltei em algumas ruas de minha infância e me dei conta de como foi um privilégio poder brincar em ruas sem asfalto. Depois fiquei com receio de estar romantizando

a pobreza, mas me lembrei de Djamilia Ribeiro dizendo no roda viva que "só romantiza a pobreza quem nunca a viveu."

De alguma forma eu queria trazer aquelas cenas e aquelas crianças pra dentro do projeto, e como tudo eu quero resolver na pintura e no desenho foi assim que fiz. Depois me liguei que o percurso desenvolvido com as fotografias já era o que eu tava querendo propor e o desenho viria como consequência.

Estar na barriga do monstro pra mim é como ter sido devorado mas ainda não digerido. Eu estava e estou com muito medo do corona vírus. a morte beija minhas irmãs e minhas amigas todo dia em meus mais lúcidos medos.

Estar na barriga do monstro dói muito, porque aqui dentro fede e falta energia, estar na barriga do monstro tem gosto de kitut e de mortadela, aqui dentro é super, mega ultraprocessado. mas a gente segue escornada, procrastinando porque não faz sentido. a pulsão de vida as vezes é menor que a pulsão de morte. Aí tentei voltar a desenhar como criança, não sei se essa é a melhor expressão. Mas é isso. Quando penso em voltar a desenhar como criança me refiro a uma tentativa de desespecialização do traço, fugir dos realismos e dos conceitos. Falar dessas situações de envenenamentos diários da gente que é pobre e de tentar encontrar formas de ser vomitado.

Quero sair dessa barriga, meu deus
como eu quero sair daqui.

Aí fiquei pensando também que estar
na barriga do monstro não precisa ser
necessariamente em seu estômago,
o monstro pode estar grávido de mim,
eu posso estar sendo gestado nesse
horror que ele é.

Então fico tentando desvendar qual é
essa minha nova cara. E novamente a
pintura como lugar de criar ficções me
possibilita imaginar uma nova criança,
novas crianças para habitar esse mundo
em declínio.

Eu quero criar uma escola.

Além de ser viciado em desenhar
parques de diversão eu amava estudar
sobre gestação humana, desenhava
fetos e cenas de parto de maneira
compulsória, na minha família as
mulheres estavam frequentemente
grávidas. Era por isso. Mas aí eu passei
a nutrir um desejo pelo útero, eu queria
ter um, eu queria gestar, sentir uma
criança crescendo dentro de mim
e depois ser rasgado por ela. Hoje
entendo que nasci com útero nas mãos,
e também que eu era encantado muito
mais pela possibilidade de gerar vida do
que necessariamente pelo órgão que a
produz. E fiquei apaixonado pelas minhas
mãos.

No reveillon de 2008 minha mãe morreu de
um câncer sinistro, eu sou filho de uma

mulher bomba porque na minha cabeça foi uma explosão. então não tem como, ela se transformou no motivo de minha agonia eterna. Alejandro Zambra me disse em Formas de voltar para casa que "Aprender a contar sua história como se não doesse. Isso foi, para Claudia, crescer: aprender a contar sua história com precisão, com crueza."

E é isso que tenho feito.

Comecei a série Deserto Materno, que trata de maneira poética o sentimento de orfandade que se instaurou por aqui. Mas não tenho atravessado ele sozinho. E entendo que de maneira egoísta pelo menos eu e minhas irmãs estamos libertos do "sonho-de-dar-uma-casa-à-mãe" ou "quem vai cuidar de mamãe na velhice".

Ai Charles parece cruel você dizer isso. Talvez seja.

Mainha era professora, e eu era tipo o designer da sala de aula dela. fazia cartazes de aniversariantes, lembrancinhas de natal e orelhinhas de coelho. algumas vezes fui dar aula com ela, era mais divertido ser o filho da professora do que o aluno da escola que eu estudava.

Vem daí o desejo de ter uma escola.

Comecei a desenvolver a série "atividades para anarco-childrens". Alguns exercícios para crianças

do ensino Infantil II em fase de alfabetização. Preciso pensar seriamente na educação que quero para as crianças que eu tô imaginando. Foi muito divertido criar essa série, só não consegui desenvolver no mimeógrafo, mas elas foram produzidas em papel carbono evocando uma saudade no traço.

Em um encontro de tutoria com Elton Panamby ele propôs um exercício de escuta, um tipo de sono guiado em que ele falava ao nosso ouvido algumas histórias . Uma delas foi Os Ibejis enganam a morte, do livro Mitologia dos Orixás de Reginaldo Prandi. Nesse conto dois irmãos gêmeos enfeitiçam a morte com seus tambores mágicos, enquanto um descansa o outro toca e a morte segue dançando enfeitiçada.

Uma boa analogia para esses tempos que vivemos, é assim que me sinto toda vez que estou pintando ou criando no ateliê, enfeitiçando a morte. E fazia muito tempo que eu não ouvia uma história ao pé do ouvido pra eu dormir. Me lembrei de vó contando histórias pra gente.

No início da pandemia Vita da Silva e eu moramos juntas e aquela criança que eu desejei ver nascer era ela, aquela metamorfose que ocorria debaixo dos meus olhos me assustava e me fascinava, aqueles ibejis enfeitiçando a morte éramos nós. Convidei Vita para brincar comigo, desde então não soltamos as mãos e tem sido bonito assistir sua gestação.

Tem um trecho de uma carta que escrevi para ela logo no início que diz assim "Gosto de você, e gosto com medo, entre várias coisas porque nossa vontade de morrer as vezes é parecida e perigosa. A minha personagem é autocentrada e hidrata mal o cabelo e o resto da matéria toda, mas ela é bem disposta a aprender coisas que não sabe, por exemplo como ser sereia mergulhando no chão da sala. Por enquanto contigo ela tem aprendido a conjugar a vida numa pessoa que não seja unicamente a primeira, e que as vezes dá pra ser singular sendo plural."



Charles Lessa
Na barriga do monstro, 2020-2021
Imagens do processo





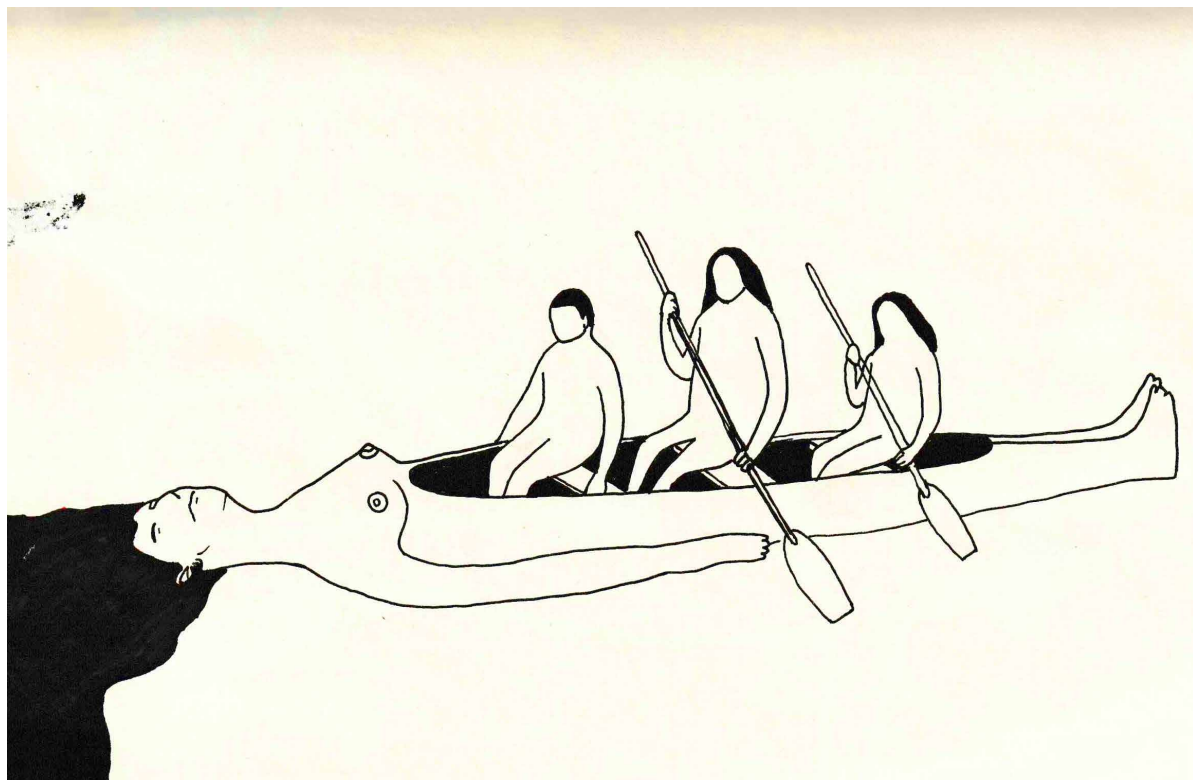
" APRENDER A CONTAR SUA
HISTÓRIA COMO SE NÃO DOESSE "

ALEJANDRO ZAMBRA

- FORMAS DE
VOLTAR PARA CASA

Charles Lessa
Deserto materno, 2021

Nanquim s/ papel
21 x 28 cm



Charles Lessa
Deserto materno, 2021
Nanquim s/ papel
21 x 28 cm



Charles Lessa
as meninas indo em pantuça, 2020
 Imagens do processo

Charles Lessa
mariângela, 2020
 Imagens do processo







Charles Lessa
Na barriga do monstro, 2020-2021
Imagens do processo

A materialidade é o limite do caminho

Vita da Silva

Não consigo precisar dia e hora nessa noção de um tempo Cronos quando comecei a re(nascer) Travesti, assim como querem constatar com precisão em nossas certidões de nascimento. O Víctor desenhava o que ele não conseguia ser. E eu sou o que Víctor não era. Sou inclusive aquilo que o Víctor já sentiu medo. Às vezes me pego pensando, quando, quando ele percebeu que estava gestando uma Travesti, quando? Quem gesta uma vida Travesti, gesta por nove meses, ou será que fui gestada durante 23 anos? O Victor não tinha útero, então eu só posso pensar que se ele me gestou, gestou na cabeça, e que me pariu pela boca. Falando que ele entrou em trabalho de parto. Falando.

Crato-CE, 2020/2021





Vita da Silva
DA RUA NÃO VOLTO ILESA, 2020

PVA fosca sobre tela
99 x 70 cm

Foto: Jaqueline Rodrigues
MANGUEBIXA ME DISSE UMA VEZ QUE VIVER É PERIGOSO DE MAIS
PARA NÓS QUE SOMOS CLANDESTINAS

Nome: _____ Signo: _____

Faça uma make bem bela
nessa drag!



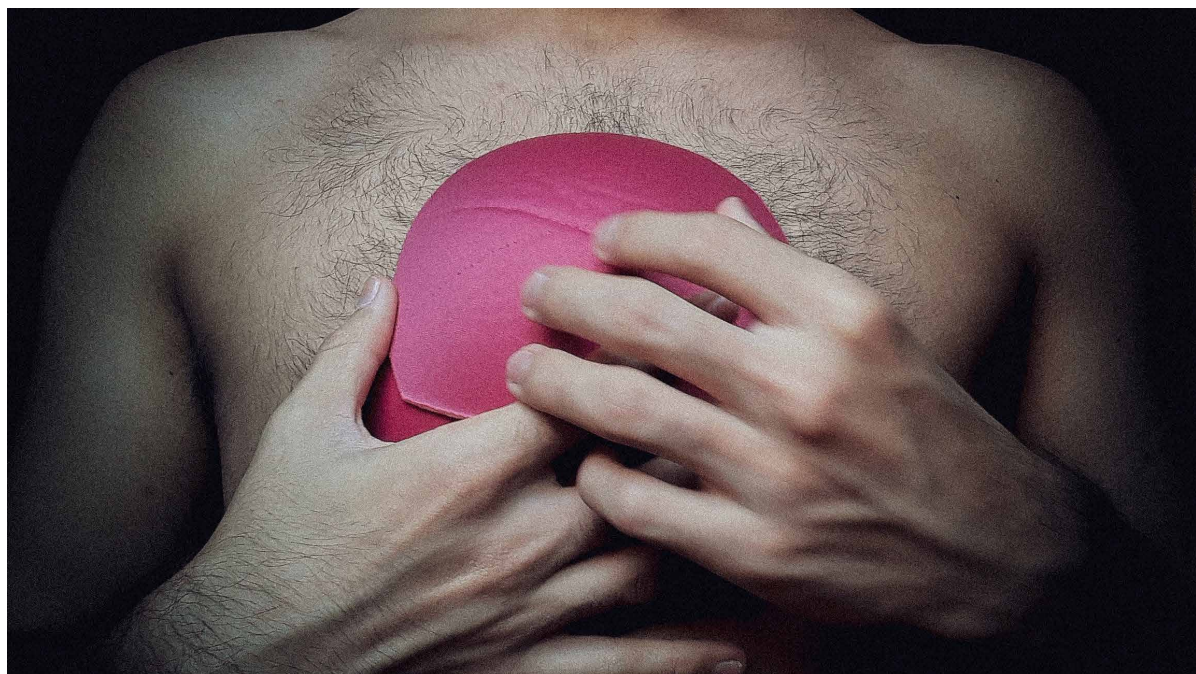
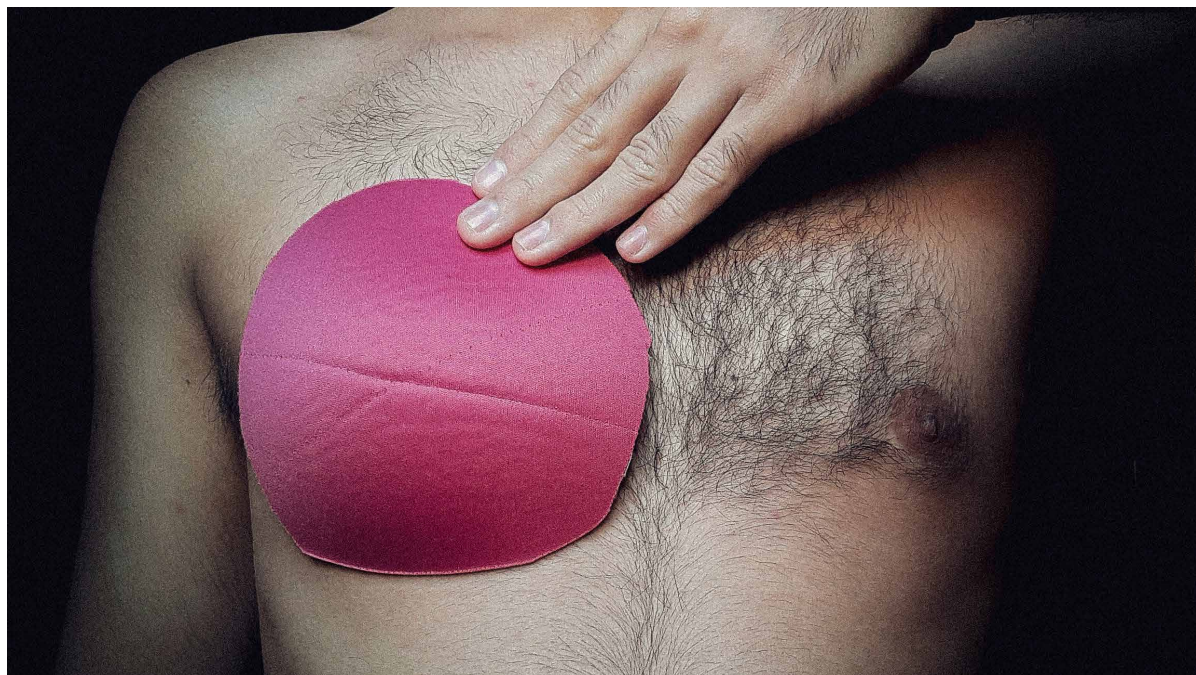
Ahaze, gata!

Nome: _____ bermuda: _____

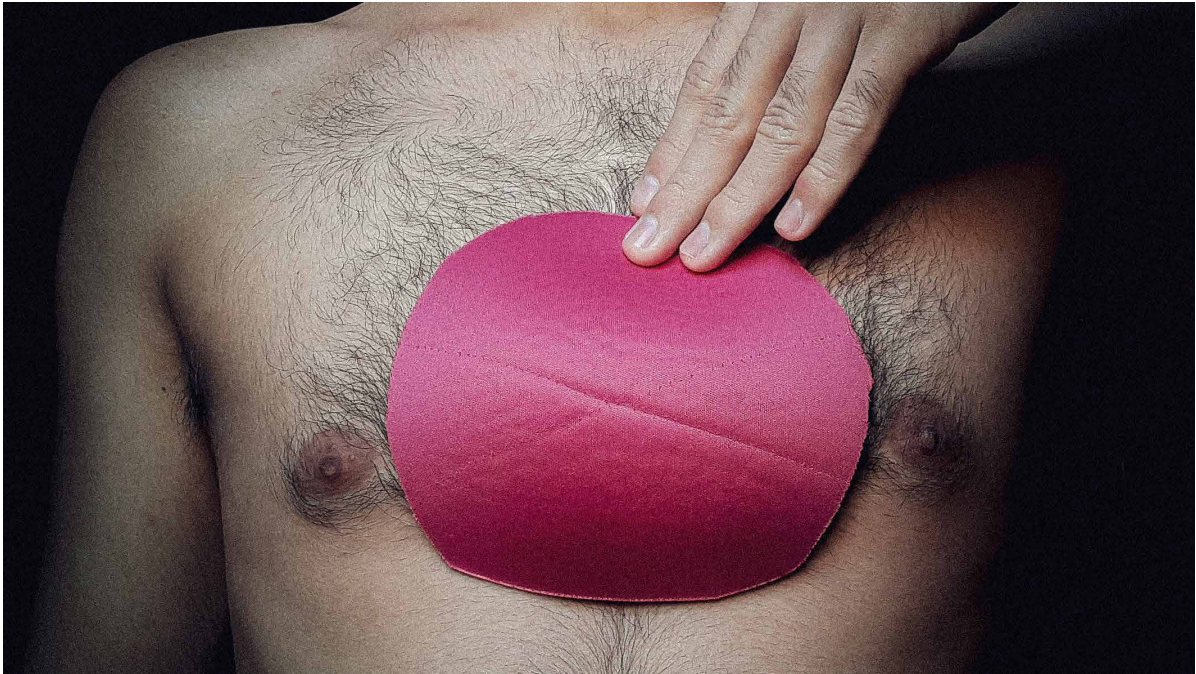
Pinte com esmalte de verdade as
unhas da sirigaita



Feche!



Vita da Silva
Travestis (não) não geradas em nove meses (série), 2020
Fotoperformance
Dimensões variáveis



XII – ORAÇÕES PARA PERDOAR A CRIANÇA DOS TEUS OLHOS

“Aqueles que rezarem para as crianças dos seus olhos serão envolvidas pela minha misericórdia, durante a sua vida e, de modo particular, na hora da morte.” (sopro de Deize nos ouvidos de Vita da Silva).

O princípio que rege a ação: Esta ação foi pensada a partir dos interesses e relações de afeto que tenho construído com a criança que antecedeu a travessia que tenho feito durante a minha transição de gênero.

Obs. É recomendada especialmente para travestis, mulheres trans, homens trans e pessoas não binaries. Toda e qualquer atividade sexual deve ser suspensa durante o processo.

Tecnologia: Fabulação/Imaginação/Ficção

Material: papel e caneta

Duração total: 30 minutos

Objetivo da ação: desaprender a repetir traumas

Descrição: No seu ambiente doméstico, de preferência no seu quarto, você irá escrever antes de dormir durante 12* (doze) dias uma oração na qual estabeleça um contato/troca/conversa com a criança que te antecedeu, totalizando 12 (doze) orações ao final de programa performático. Nelas é imprescindível se valer da trindade Fabulação/Imaginação/Ficção, tecnologias sugeridas acima. Uma fuga através da arte para libertar sua criança das culpas, amarras, pesos e feridas deste mundo. Sempre que sentar para escrever a oração você deverá registrá-la em vídeo. Após concluir as 12 (doze) orações, digitalize todas elas e guarde-as em sua nuvem ou drive.

Reveja esses arquivos/resultados/rastros da ação sempre que a trans/fobia te abraçar muito forte.

** O número 12 é utilizado aqui como alusão aos 12 anos que marcam o período da infância, período esse compreendido do nascimento de um bebê até completar seus 12 anos de idade.*

Crato-CE, 09 de janeiro de 2021.

Vita da Silva

XII - ORAÇÕES PARA PERDOAR A CRIANÇA DOS TEUS OLHOS, 2021

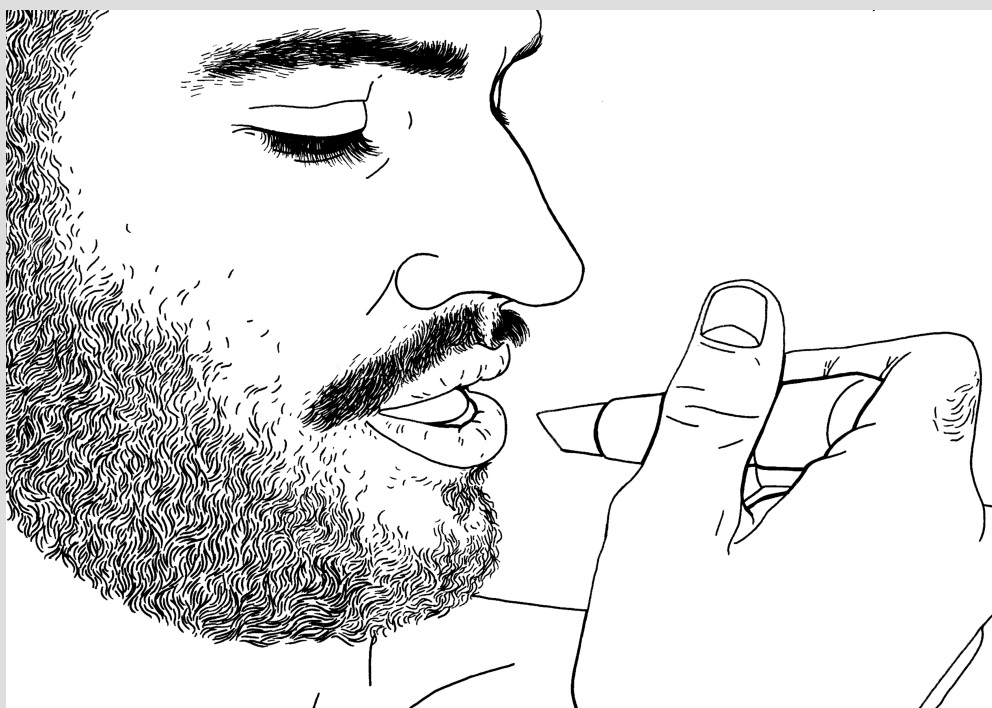
Impresso

21 x 29,7 cm

Vita da Silva
Doçura, você vai longe, 2020
Técnica mista
65 x 51 cm



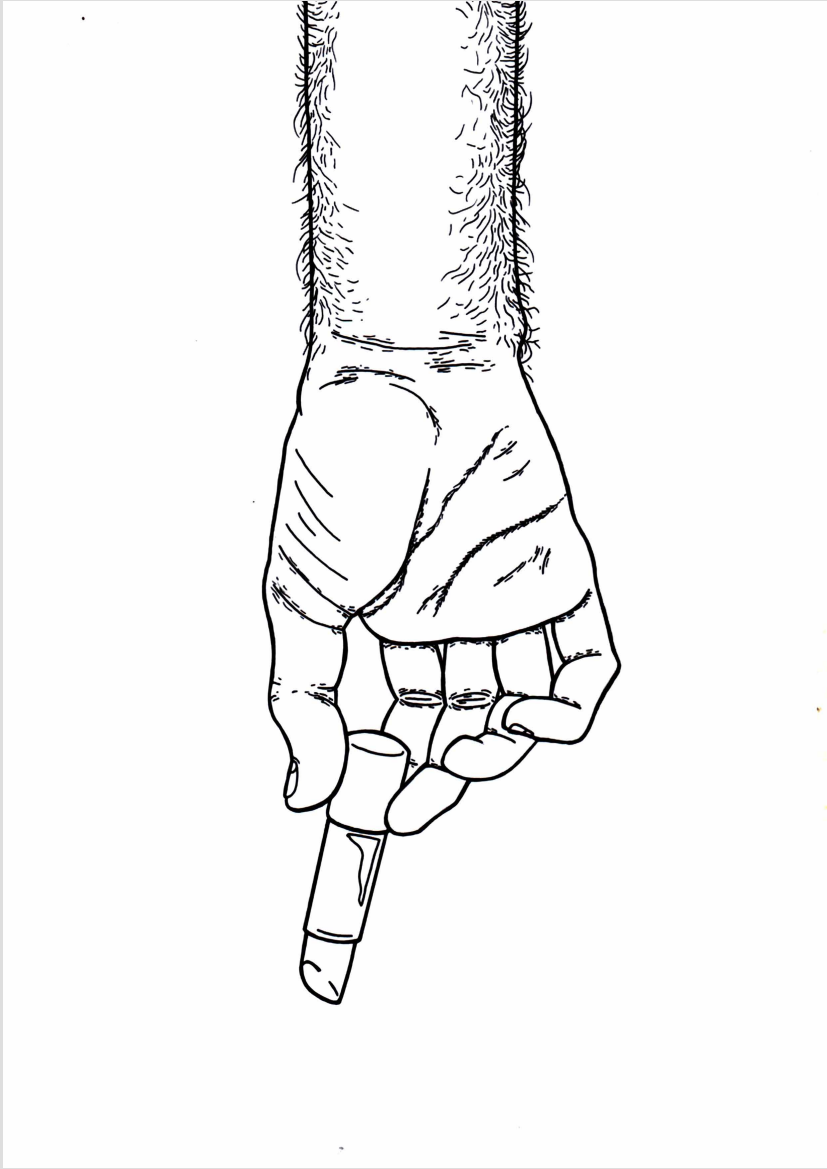
Doçura, você
vai longe!



Victor Bezerra
FUGA, 2018-2019

Nanquim s/ papel (díptico)
21 x 29,7 cm

Outro rosto. Outro nome. Outro.
Experimentação de si. Limite. Anúnciação.





HISTORICIZANDO O INVISÍVEL

SOUPIXO

Historicizando o invisível

A partir de uma pesquisa autobiográfica pude perceber que a história de vida de pessoas negras em nosso país são propagadas pelas histórias faladas, por isso com o tempo elas podem ser modificadas e tendem ao esquecimento. Partindo dessa reflexão pretendo dar visualidade a memórias/sonhos reais ou fictícios não realizados. Historicizando o invisível é uma reivindicação do nosso direito de existir na história. Pelo direito de sonhar e sermos o que queremos ser.



soupixo

Cariri, Ceará, 1994. Artista, oleira, riscadora de pele, sócia na Fatozero Produções Culturais e etc. Foi desenhista profissional e bordadeira comercial na infância. Na adolescência, se formou como técnica em informática (2016) e foi estagiária/ faz-tudo-mas-nada-na-sua-área em uma empresa aí. É também formada sem diploma no curso de Licenciatura em Arte Visuais pela URCA (2019). Hoje através da arte materializa imagens/palavras/sentimentos em suportes variados, tendo como força geradora de sua poética reflexões sobre corpo, memória, gênero e raça.

soupixo

Historicizando o invisível é a uma narrativa sobre uma corpa preta que não existe, mas pode existir em muitas de nós. Como construir essa história que não existe, mas existe?

Pensei em uma corpa ancestral e para falar sobre ela tive que criar sua história desde criança, mas sem precisar seguir uma linearidade.

Pensando nisso procurei me alimentar com literatura infantil, que foi algo que não consumi muito na infância pois não tomei gosto por isso, não aprendi a gostar. E o pouco que consumi não foi sobre crianças pretas, então foquei nisso, dar para ela referências que não tive na minha infância. Bem como um processo de gestação.

Para essa velha criança criança velha, me alimentei do que eu acho ser necessário para que ela tivesse uma boa vida, uma boa vinda, nascer saudável. Foi isso... muito tempo de alimentação, nutrição. E as encontros coletivos com Elton, Vita e Charles também ajudaram nesse processo de gestação.

Um encontro de grávidas numa roda de saberes comungando com esse assunto em comum. Infância e velhice. Passado, presente e futuro. Real e ficcional. Cada uma no seu jeito de ser e de fazer.

Nesses processos surgiram algumas ecografias que são imagens sobrepostas, como uma imagem uterina.

São essas imagens que cada uma por si tem uma história, algumas eu conheço, outras não, que em algum momento se encontram, conversam e às vezes criam outra imagem/história que se revela nesse encontro. Como uma história original que já passou por muitas bocas e com o tempo vai se modificando até virar outra história completamente diferente da origem, mas que nasceu de lá. Desse encontro e desencontro.

**Maria do Socorro
Oliveira Santos,
minha mãe**

As melhores cervejas
Bebemos com os
Melhores amigos

Lembro de meu tempo de moça jovem, que aos finais de semana se juntava ao um grupo de amigos(a) e namorado para beber uma cerveja estupidamente gelada e curtir uma boa música. Lá estamos nós no calçadão sentados sempre no mesmo local. Conversamos muito. Era muito prazeroso.

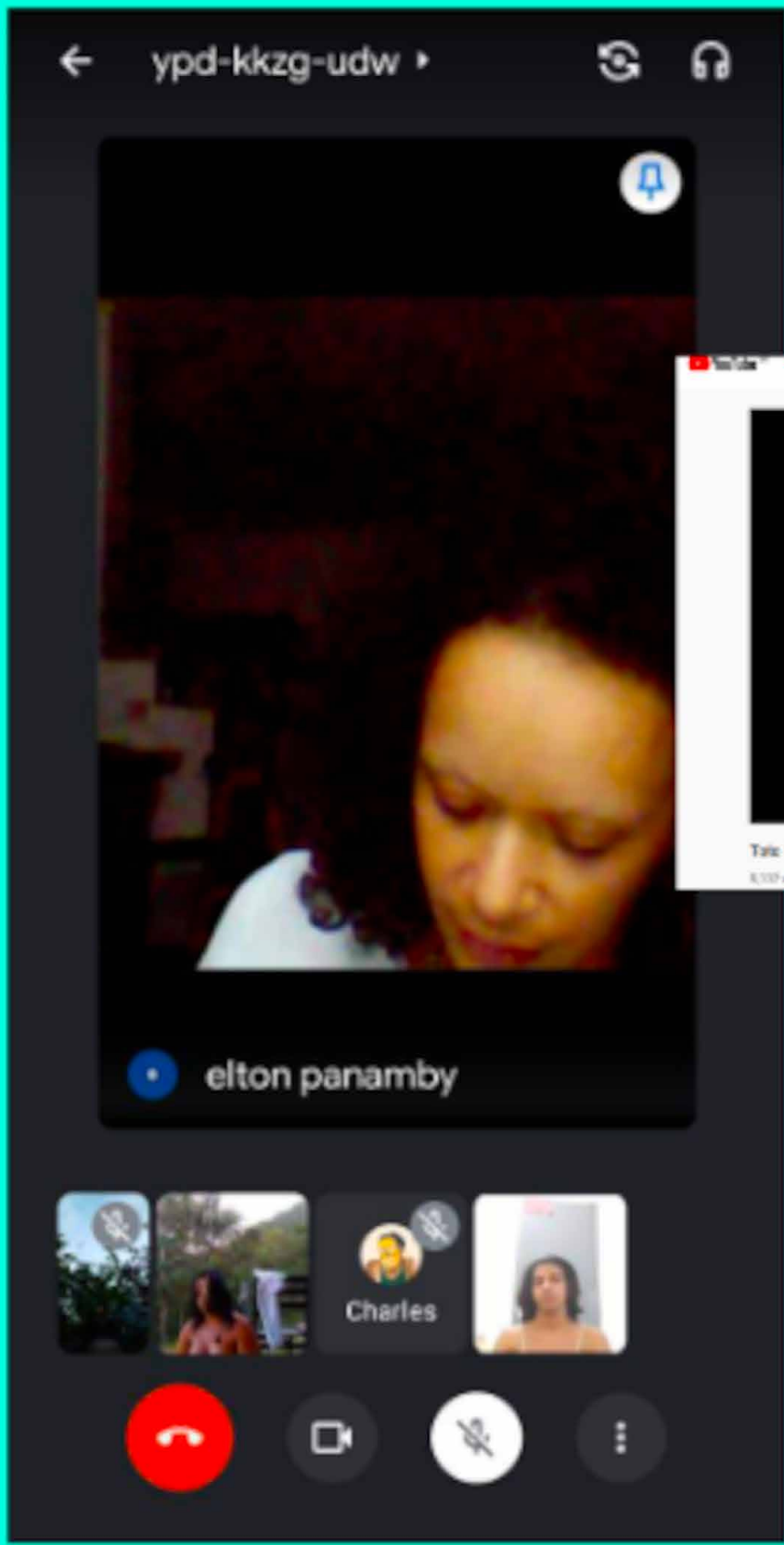
Casa minha, lugar de aconchego e amor.

Encontros das águas "vivência de água pra nós"

[08:01, 08/04/2021]" nossa caminhada, nas águas que correm, e nas águas que lavam e curam num movimento ativo e constante

Para que a gente possa lavar nossos corpos, nossa ancestralidade, nosso futuro, nossos erês e até os egípcios, encaminhar os corpos que jazem e navegação nas águas do tempo

Elton



Toto Bissainthe - Charlie Haiti (1977)



<https://www.youtube.com/watch?v=u3WRBvYrU>

fendas,

ossas

nosso

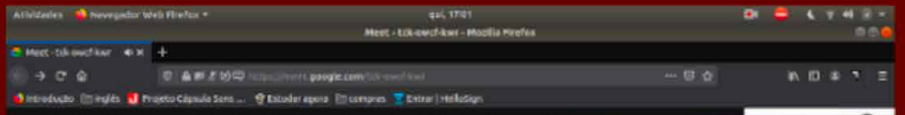
uns,

m para a

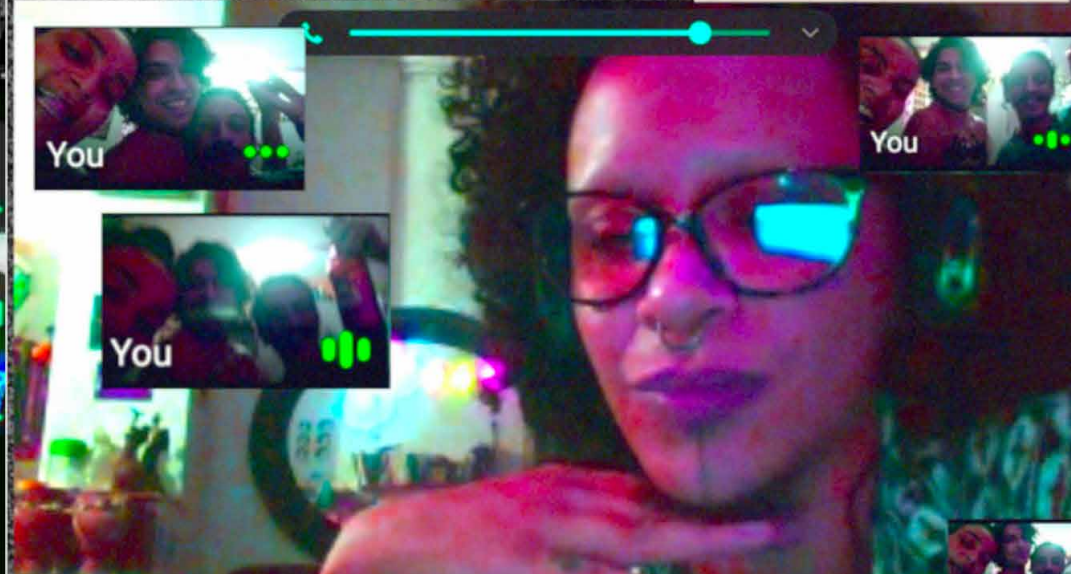
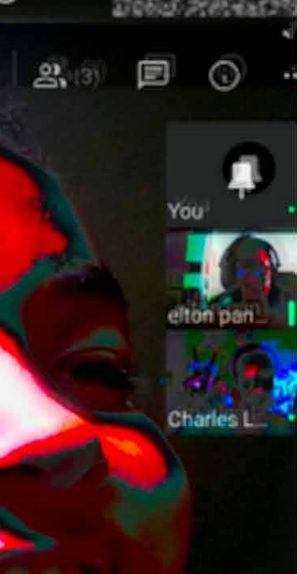
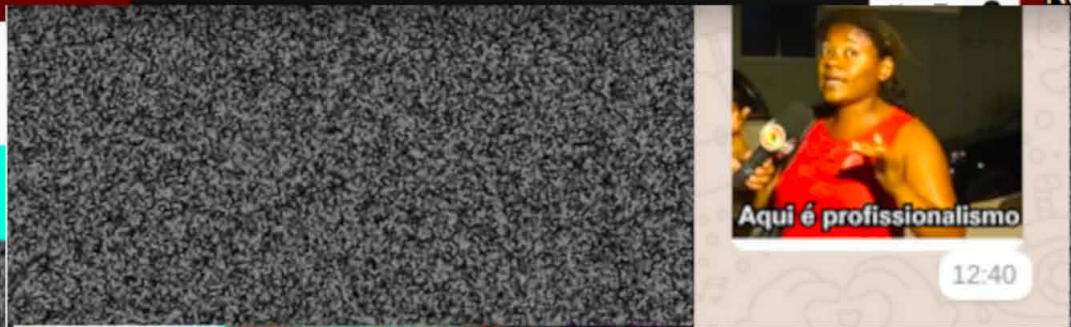
o'

ton

Encontras do mês



1977



En
du
ex
3
de
re
m
co
te
no
fiz
de
Ta
exe
esc
Na

Convite

SELO

Convite para colaborar com um projeto em desenvolvimento de soupixo.

A proposta é criar uma narrativa oral sobre uma representação feminina negra, seja inspirada em alguém que você conheça, seja inspirada em você que irá contar essa história, ou até mesmo em muitas pessoas transformando-a em uma só.

Essa pequena história poderá ser uma mini biografia sobre essa pessoa, um relato de um momento específico do qual recorda, um desejo ou uma completa ficção. Podem conter características físicas, nomes, manias, roupas, etc. O que quiser compartilhar comigo sobre essa representação feminina negra da qual recorda ou gostaria de ter conhecido. E importante deixar o relato bastante detalhado para que eu consiga melhor visualizar como seria essa pessoa e imaginar coisas/objetos que a representam.

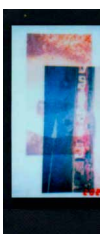
As histórias deverão ser enviadas em áudio, seja pelo whats ou email, junto do seu nome completo ou artístico, idade, racialidade e localidade. Interessades, entrar em contato pelo meu perfil no instagram

ASSINATURA DO INTERESSADO

@_soupixo_

Ecografias**soupixo**

Imagens feitas a partir dos sons
da saudade do que não foi vivido.
do tempo que não foi citado
visualização em t'empo real passado
O que é e o que será
desenhadas sobre a pele
a observar o fluxo
Composição, derivação, flexão
o sangue que hoje em mim corre é
passado porque existimos para
que se faça futuro
Nosso tempo em comunhão.



montado mas montado
que sou eu montado
que mas sou e
mas mas e me
por outros. montado
mas a montado
meu mensalmente que
e dela a montado
mas minha montado
e minha montado
se foi para outros
por montado dela
sou eu nem e
dela me fiz m
e dela e me
eu nem ela
montado a montado
montado uma ab

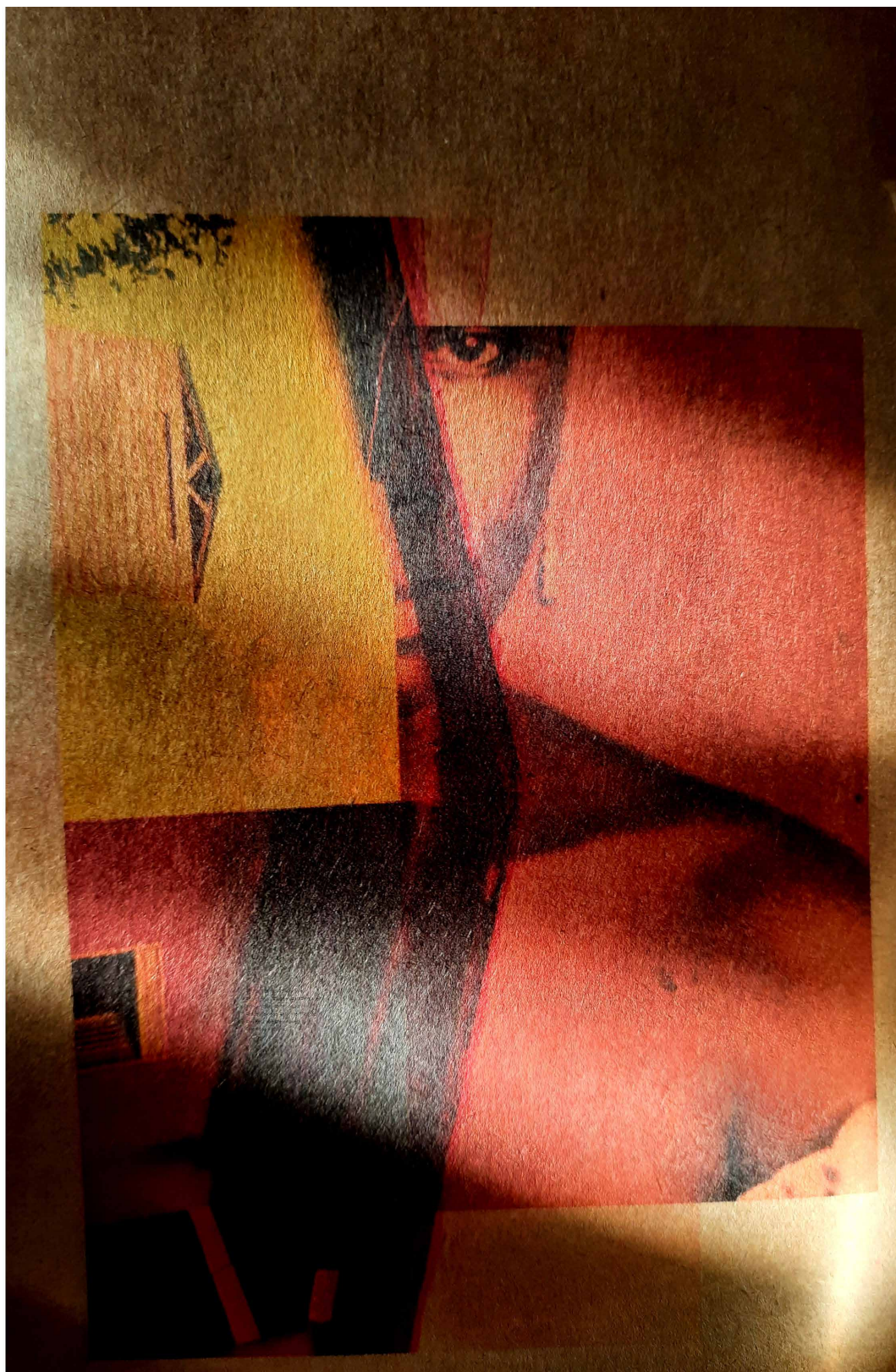
de do movimento de
outro movimento de
de movimento que
e de outros
de outros, e
de outros, e
e não é a
que também é
depois de
, não é
que não é
e de outros
da não é
e não é
é de outros
nomes não é
dos outros
e outros



Ecografias, 2021
Colagem analógica
Dimensões variáveis

Ecografias, 2021
Colagem analógica
Dimensões variáveis

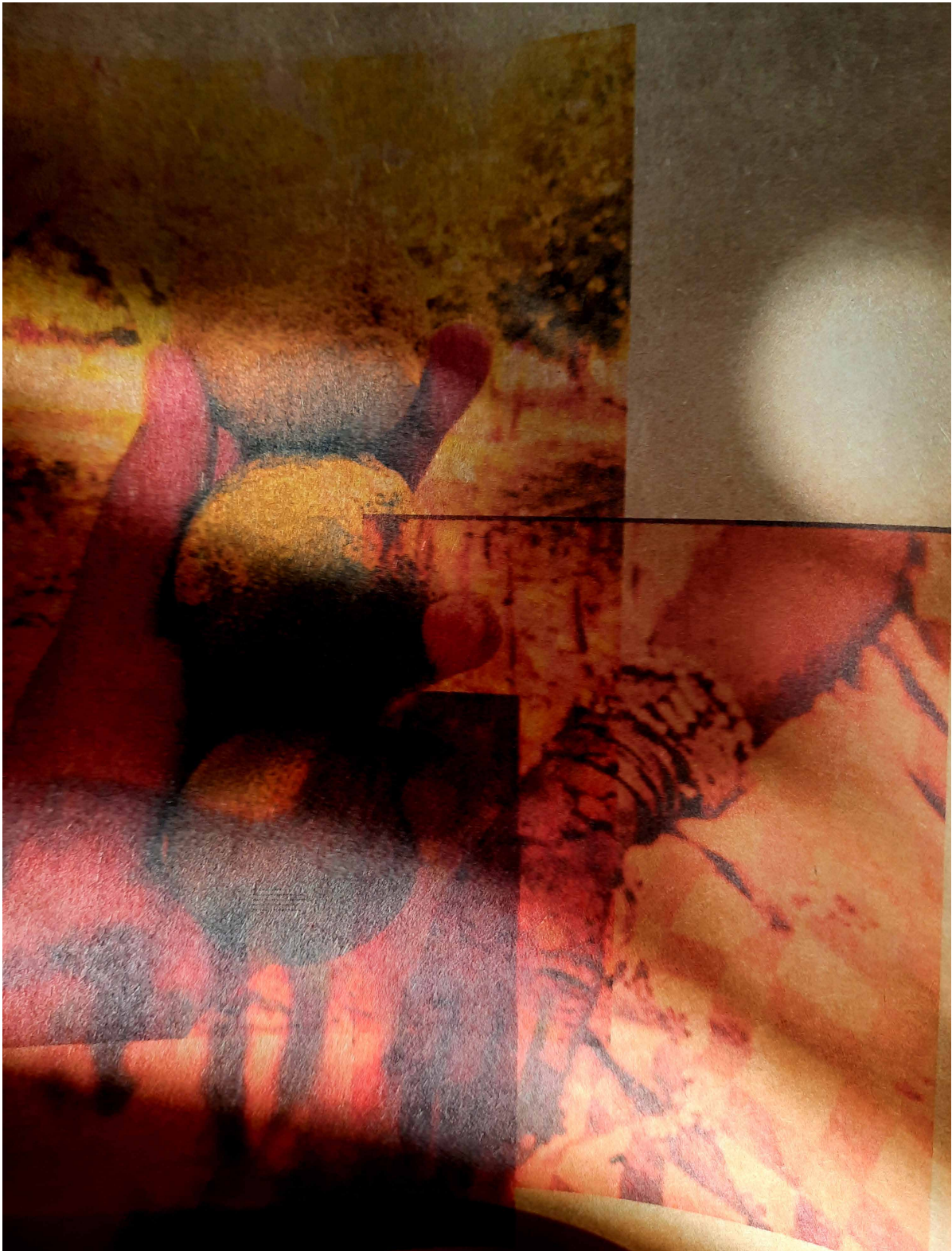






Ecografias, 2021
Colagem analógica
Dimensões variáveis

Ecografias, 2021
Colagem analógica
Dimensões variáveis



abaixo possui cloaca:
rato
pato
canguru
baleia
morcego

CESGRAN
firmações.
primeira. A
se as d
gunda f
se as d
gunda r
se a p
gunda a
se a p
afirmaç
se a pri
rim é i
osso orga

é atravé
ão de sais
CESCEM-
retas nitr
ácido ú
independe
ácido ú
excreta
uréia, q
tada co
uréia, c
é facil
amônia
animal

celula adaptado para a
excreção, denominado c



CESGRANRIO-RJ-76) Nesta questão, tem-se uma
sentença com duas partes distintas: uma afirmação e
uma razão para esta afirmação. Em correspondência

contém os organis
pendentes.

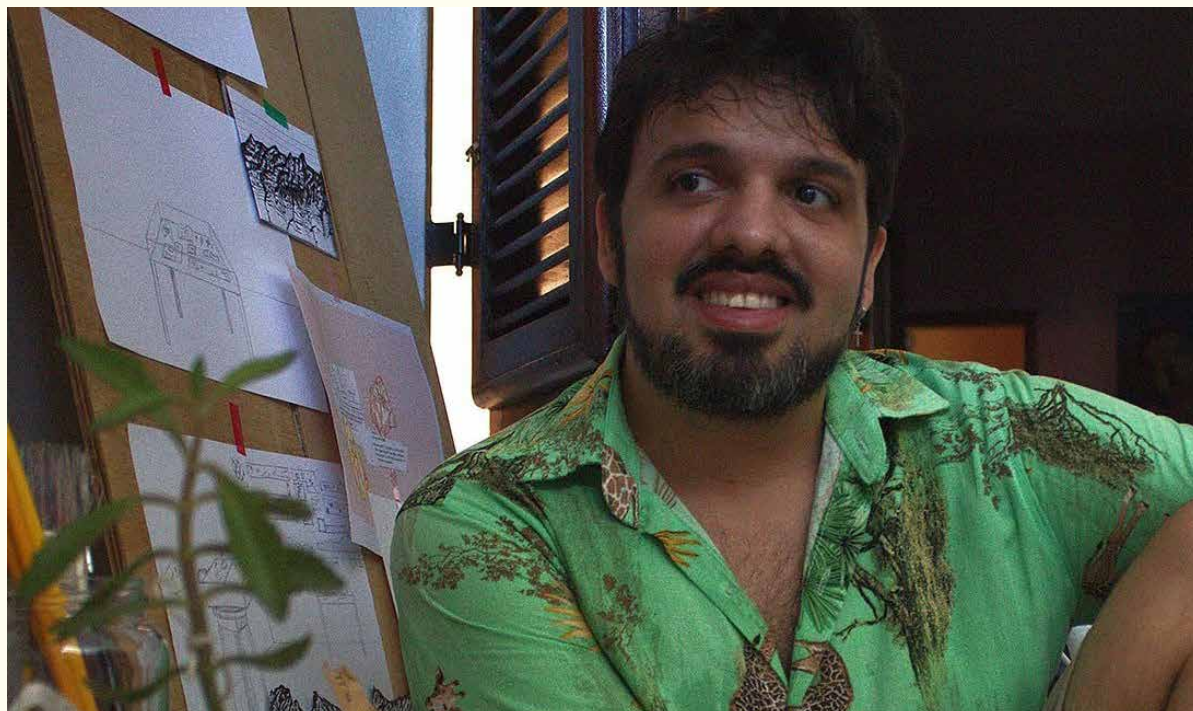
I - planária

PLANTOMORFIAS:
UMA COLEÇÃO DE
SENSIBILIDADES
ENTRE CORPO E
NATUREZA

HENRIQUE BRAGA

Plantomorfias: uma coleção de sensibilidades entre corpo e natureza

O projeto investiga afinidades entre arte e biologia da perspectiva de um corpo mutante e de uma subjetividade amplificada entre humano e vegetal. Para isso se utiliza de linguagens e mídias diferentes como o desenho, a pintura, a costura, o bordado, os cadernos de artista, a escultura, vídeo e animação gráfica. Essas experiências múltiplas visam agenciar o arquivo como procedimento poético, reunindo uma constelação de imagens e objetos. Da aproximação com disciplinas científicas são produzidas ficções que reinventam nossos modos de perceber, significar, habitar, interferir e representar o mundo natural, gerando as assim chamadas coleções de sensibilidades.



Henrique Braga

Fortaleza, CE, 1990. Artista multilinguagem, graduado em artes visuais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Cachoeira-BA. Em suas obras investiga afinidades entre arte e biologia, construindo relações que evidenciam processos vitais dos organismos, tendo como disparador o desenho e seus desdobramentos. Em sua trajetória passou por diversas linguagens, realizando projetos voltados para animação, fotografia, videoarte, cenografia, curadoria/expografia de exposições. Integrou o laboratório de artes visuais da escola Porto Itacema das Artes no ano de 2019, e atualmente desenvolve pesquisa dentro da mesma plataforma, orientada por Rosana Paulino (edição 2020-2021). Assina com o heterônimo de plantomorfo, ente com o qual assume uma subjetividade amplificada entre humano e vegetal.

Uma reflexão sobre o desenho indisciplinar

Henrique Braga

Minha trajetória de pesquisa no laboratório de artes visuais consistiu na criação de um desenho indisciplinar, que pudesse atravessar diferentes matérias, mídias, processos e situações. Um desenho com múltiplas partições de sentido, um desenho desobediente às leis do espaço e às restrições impostas pela linguagem.

No meu entender, o desenho é antes experiência que reconfigura nossa visão do real, contra toda especialidade do conhecer ou do fazer. É antes um meio emancipador, que põe em desordem nossas certezas acerca do mundo e nossa relação com a matéria. Por meio do desenho, as ideias tendem a assumir a forma e propriedade dos materiais, e não somente numa dimensão simbólica. O desenhar, o traçar, são idênticos ao pensar, mostrando desta maneira que existe uma cumplicidade inexorável entre matéria e pensamento.

O desenho indisciplinar é um contaminador de linguagens. Conceber tal experiência em meu processo é entender também que toda mídia pode confluir para uma topologia espacial e mental que se abre para infinitas dobras, caminhos e descaminhos, rotas espiraladas. De forma similar, o tempo, estrutura que está indissociavelmente atrelada à vida e a criação, adquire uma espessura outra. Move-se arrastando consigo uma infinidade de mundos porvir, signos em constante mutação.

E se essa topologia em rede de que falo, pudesse de algum modo se sobrepor, ou replicar ela mesma, a imagem de um sistema vivo, de um organismo em expansão? E se esse organismo privilegiado fosse o ente vegetal, com suas superfícies, dobras, emaranhados, filamentos de raízes, células captadoras de luz, estruturas capilares ... entidades estas onde abunda uma profusão de vida? Vida que é indistinta ao meio onde nasce, que está imersa e entranhada na carne do mundo, como nos diz o filósofo Emanuele Coccia. As plantas estão completamente imersas no meio onde vivem, e são ao mesmo tempo produtoras dele, num processo circular e tautológico. São continuidades do meio, como toda a vida, que é uma só. Vida que consome a si mesma, pois, segundo o filósofo, só se vive da vida de outro, (não apenas do ponto de vista da nutrição).

A planta possui uma inteligência singular, capaz de intuir caminhos ainda

não tracejados. A planta desenha. O desenhar está profundamente enraizado na dinâmica da vida vegetal.

Mesmo participando do meio, e sendo indissolúvel a ele, as plantas rebelam-se contra toda condição adversa que lhes são impostas. Elas experimentam caminhos, sobressaídas, brechas. Que melhor experimento em desenho pode existir senão aquele vivenciado pelas plantas? Onde podemos encontrar um desenho mais indisciplinar, anti-cartesiano, anti-cogito?

Como corporificar em si essa inteligência vegetal? Como imaginar feito planta? Como germinar um desenho? Fazer imagem ao modo desses seres é assumir de algum modo a multiplicidade como vetor de construção poética. É no entrecruzamento gerado por diferentes linguagens que encontro vias de escape, de errância, de desvio e ruptura; um meio de gerar bifurcações, à maneira das plantas.

Como fazer o desenho se propagar no espaço, abrir uma fenda espaço-temporal, saltar do plano cartesiano, traspassar o suporte, extrapolar o representável? Como devolver ao desenho sua condição imanente de verdade?

Dois trabalhos são bastante ilustrativos dessa minha busca. Na série "Lição de geografia" (2021), procuro imbuir o desenho de um impulso vital que possa

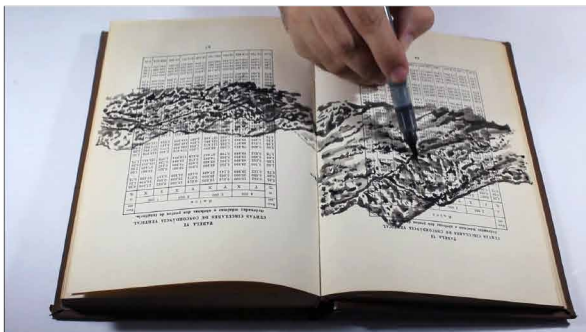
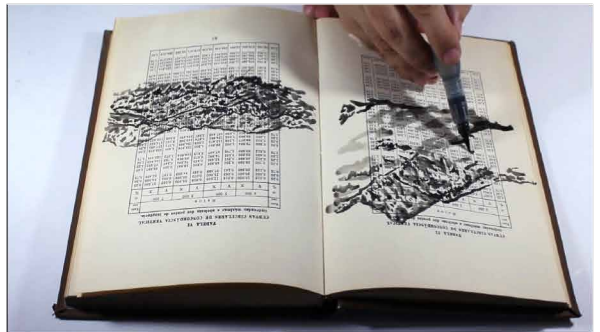
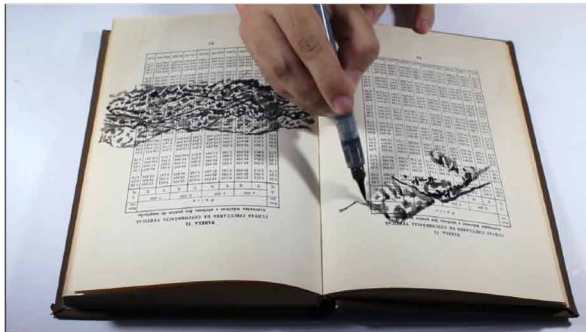
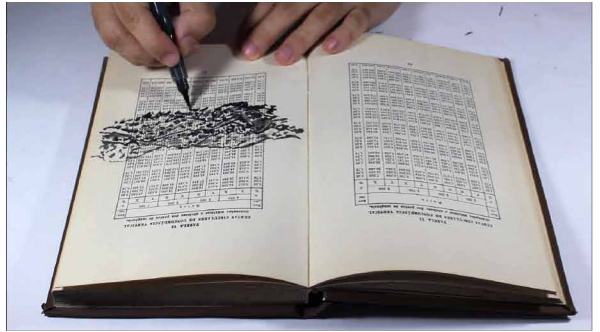
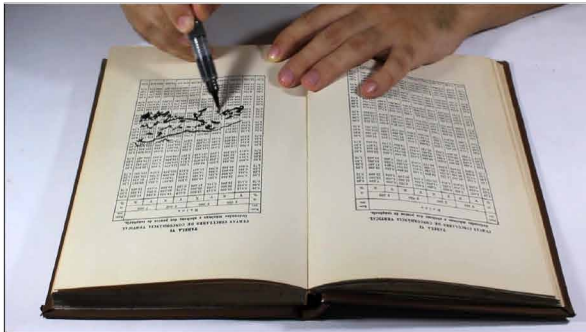
assimilar o processo de formação geológica. Impulso que se converte em metáfora, tanto através da imagem realizável, como através do acúmulo de gestos que configuram uma cartografia imaginária, traçada sobre o espaço da folha de papel (e de suas muitas dobras possíveis). Cartografia que se transmuta numa paisagem construída, fabulada, ao mesmo tempo que se constitui como prolongamento desse impulso vital. Desenho esse que se dá entre a negação e a afirmação da verossimilhança. De forma irônica, as dobraduras de papel parecem sugerir também um levantamento topográfico dessas formações, que se insubordinam ao plano.

Na obra "O Livro das sensibilidades" (2020-2021), de forma similar à série "Lição de geografia", me utilizo do livro didático como um suporte suscetível a diferentes experimentações: livro como dispositivo, livro como linguagem, livro como objeto paradigmático, onde se se instala o rigor das disciplinas. Livro como matéria sensível, um palimpsesto de imagem e palavra, com seus acúmulos e excessos. Aqui, a desobediência ao espaço se dá exatamente na desmaterialização da imagem, cuja produção atravessa diferentes processos de manipulação, de alteração, de fragmentação e colagem. Imagens de cadernos, rascunhos, estudos, páginas de livros e páginas avulsas de diários de processo são transplantadas para um livro virtual, e passam a existir

dentro de uma estratégia de montagem intercambiável. Uma floresta germina e se propaga sobre esse livro imaginado, onde o ente vegetal aparece também como metáfora de um desenho que nunca para de se replicar, de se espalhar, de se retroalimentar, de se segmentar.

REFERÊNCIAS

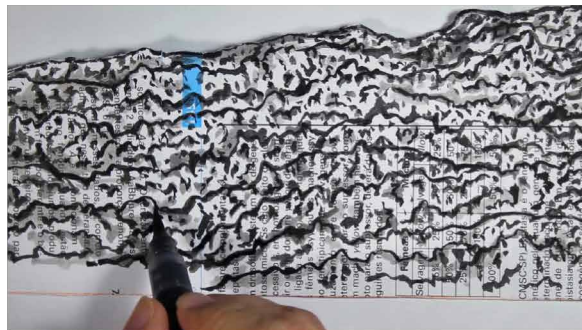
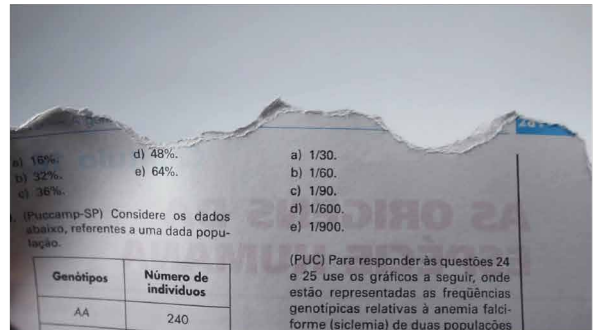
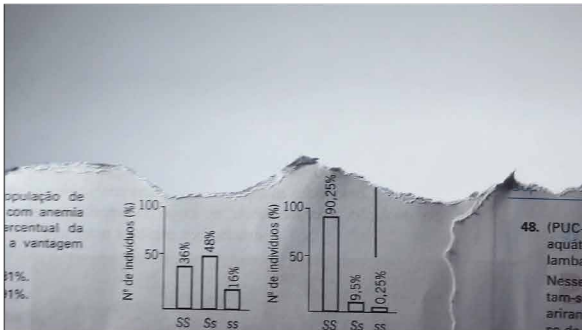
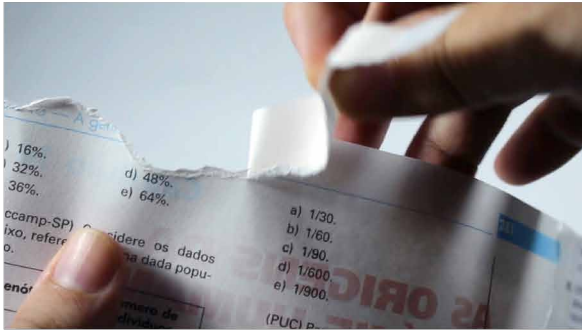
COCCIA, Emanuele. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. tradução de Fernando Scheibe. Editora Cultura e Barbárie, Florianópolis, 2018.



Lição de geografia - paisagem rochosa sobre livro nº 1, 2021

Vídeo (cor)

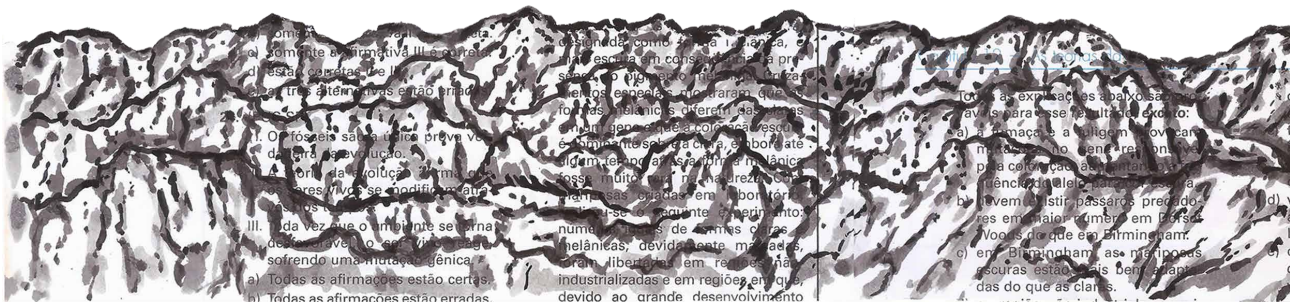
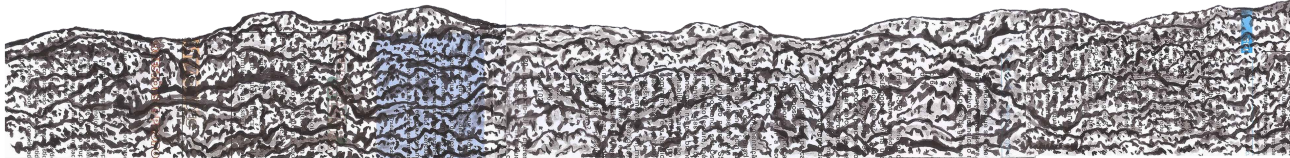
9'45"



Lição de geografia - paisagem rochosa sobre livro nº 2, 2021

Vídeo (cor)

11'40"

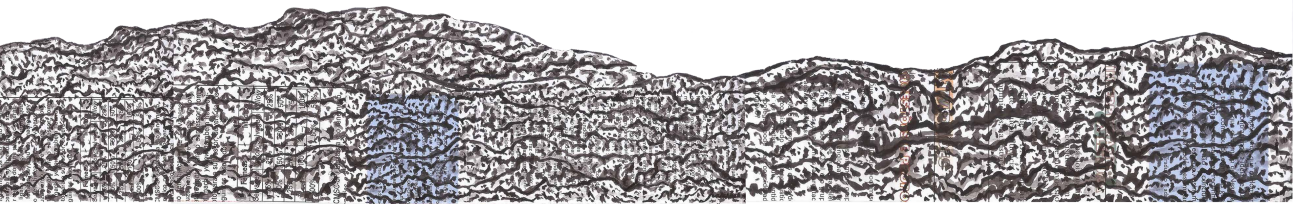


Lição de geografia (série), 2021

Nanquim sobre página de livro didático (fixado sobre Canson 180g)
105 x 9,5 cm

Lição de geografia (série), 2020

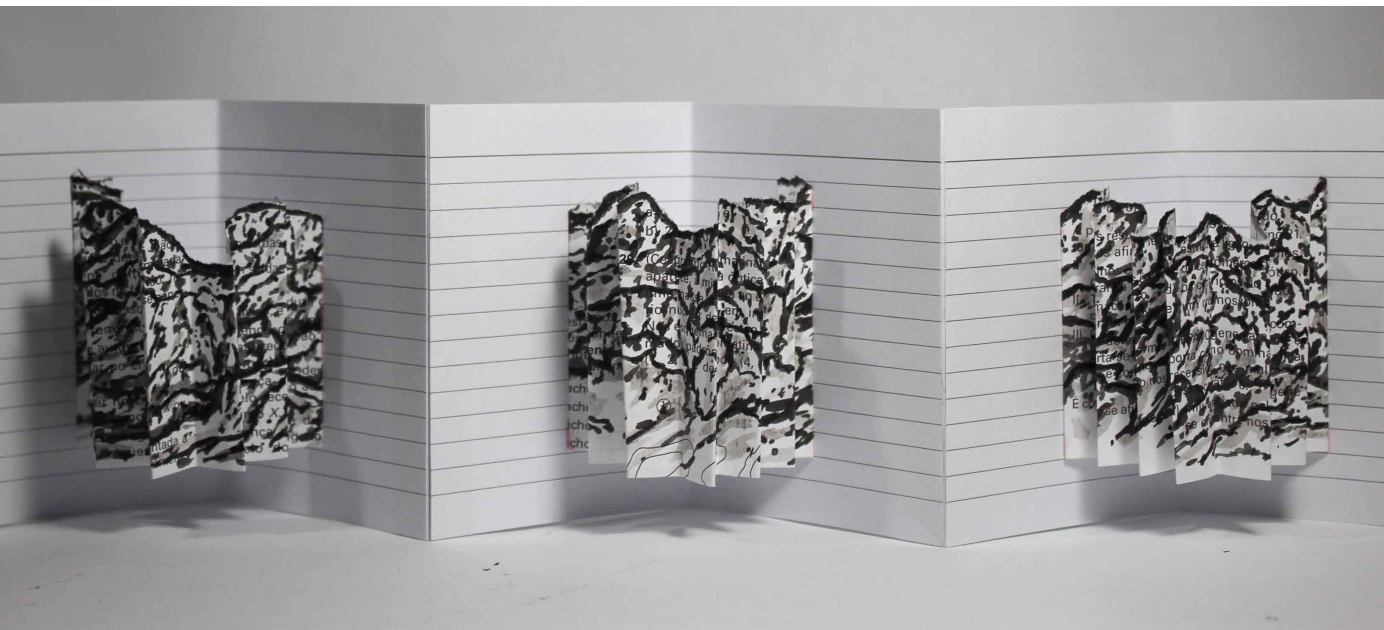
Nanquim sobre página de livro didático (fixado sobre Canson 180g)
96 x 7,2 cm



Mutações benéficas e prejudiciais

idade de resposta imunitárias. Talvez porque o peso que detém a linha no indivíduo as mutações genéticas necessárias para priorizar a resposta imunitária verdadeira, porém, o peso dos "preceitos" estabelecidos por Lamarck na teoria da evolução questionável, pois não há evidências seguras do real valor da variabilidade genética.

Mutações genéticas são alterações na sequência de DNA. Algumas são relativamente raras, poucas ocorrem de mansinho e espontaneamente. Além disso, também ocorrem alterações no DNA que podem surgir com a idade, quando os genes são copiados. É um pouco como se fosse dado um "lira no escuro" a cada vez que uma cópia de nosso genoma se passa, prevendo que se algo surgir na realidade, ocorre como "lira no escuro" com o DNA do que se tornou capaz de crescer. Existem, nas células, milhares de "mutações" de "lira no escuro", que ocorrem em os seres vivos. Assim, tão logo elas ocorrem. Mesmo assim, cada um de nós tem nas suas células alguns genes novos surgidos por



Lição de geografia (série), 2020

Nanquim sobre página de livro didático
fixado s/ papel cartão pautado
32,5 x 10 x 5 cm



Lição de geografia (série), 2021

Nanquim sobre página de livro didático
fixado s/ papel cartão pautado
10 x 7,5 x 5 cm

Lição de geografia (série), 2021

Nanquim sobre página de livro didático
fixado s/ papel cartão pautado
10 x 7,5 x 5 cm



Lição de geografia (série), 2021

Nanquim sobre página de livro didático
(dobradura de papel fixada sobre
Canson A4 300g com
riscos em lápis de cor)
24 x 20 x 10 cm



- a) saríngas
- b) lesmas
- c) minhocas

e) salamandras

cerebelo

b) a mistura do recipiente III

20. (CESGR)

- a) relaxa
- b) diminui
- c) contra
- d) aume
- press
- e) elimi

21. (FMU-S)

- onde Hb
- a) nos p
 - b) no co
 - c) no fíg
 - d) no ba
 - e) nos t

22. (CESGR)

- duas afir
- para a pr
- a) se as
 - da for
 - b) se as
 - da nã
 - c) se a p
 - da afi
 - d) se a p
 - maçã
 - e) se a p



1ª a

No hor
gênio
hemato
do pri
pelo pla
neo.

23. O ritmo

involunt

a) quant

b) quantid

c) quantidade de açúcar no sangue

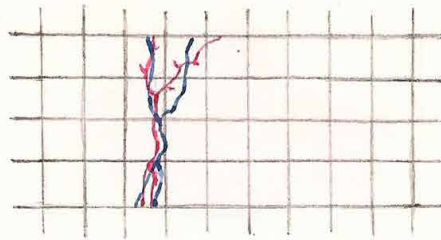
d) contração do diafragma

e) contração dos músculos intercostais

c) branquial pulmonar pul

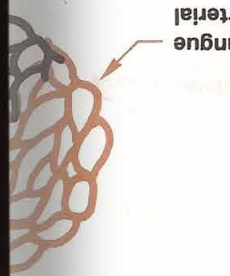
d) filotraqueal branquial pul

Livro das Sensibilidades, 2020
 Montagem digital (aquarela sobre página de sketchbook,
 bordado sobre tecido de algodão e página de livro digitalizada)
 29,6 x 21,5 cm



a)	Mosca
b)	Espanja
c)	Sapo
d)	Caramujo
e)	Peixe

Esses capilares loc
 a) no cérebro
 b) nos pulmões
 c) no coração
 (UFMG-79) Qual
 abaixo tem respir
 pos a ele atribuido



Qual das seguinte
 da análise do graf
 a) Não há relagã
 sangue e a velc
 b) A falta de ox
 velocidade da
 c) A falta de oxig
 cidade da cort
 d) A saturação o
 aumento da ve
 e) A quantidade
 A quantidade ou
 contração ou
 interfere na ve
 (UFBA-78) O es
 tre capilares venos



Velocidade da corrente sanguínea

condições de oxigenação.

as seguintes afirmativas:

I - O sistema circulatório, no qual o c

via sangue para os tecidos e órgãos

monar tra
 monar filo



dos abaixo possui cloaca?

- a) rato
- b) pato
- c) canguru
- d) baleia
- e) morcego

18. (CESGRAN) afirmações primeira. A
- a) se as d gunda f
 - b) se as d gunda s
 - c) se a p gunda i
 - d) se a p afirmaç
 - e) se a pri O rim é i nosso orga

... é através de saís

19. (CESCEM) cretas nitr
- a) ácido i indeper
 - b) ácido ú excreta
 - c) uréia, c tada co
 - d) uréia, c é facil
 - e) amônio animal



animais: rato, por tando adultos, possi

- metanefro - met
- mesonefro - mes
- metanefro - mes
- mesonefro - mes

20. (CESGRANRIO-RJ-76) Nesta questão, tem-se uma sentença com duas partes distintas: uma afirmação e uma razão para esta afirmação. Em correspondência,

- pendentes.
- I - planária
 - II - minhoca
 - a) nefrostômio
 - b) tubos de Malpighi

uma lista de organis lista de estruturas ex tra. Assimale a resp

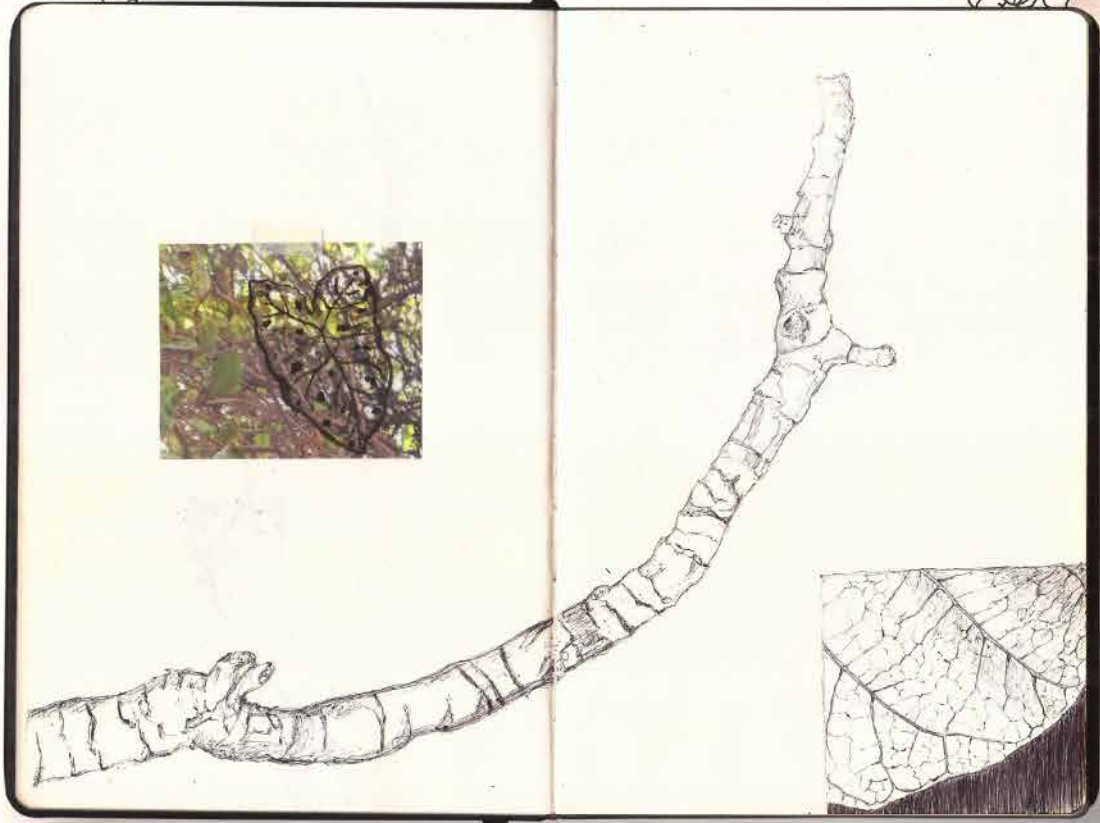
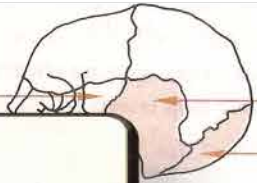


Livro das Sensibilidades, 2020

Técnica mista sobre suportes diversos (desenho, bordado, aquarela, fotografia, colagem analógica, manipulação digital) Tamanhos variados

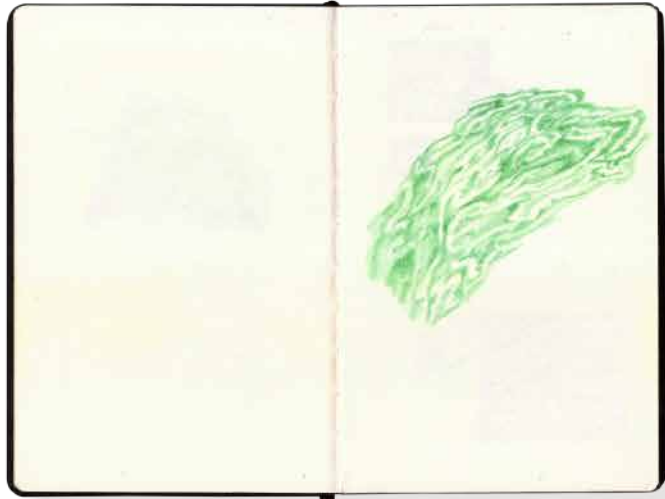
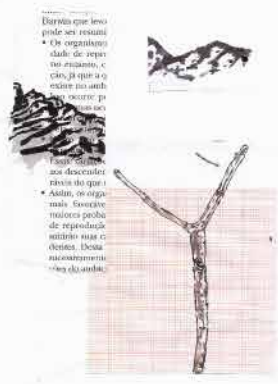
relação.

Assinale a resposta certa conforme a chave que se segue:



occipital
maxila
enóide
frontal
tmóide
osso e musc
função de:

na de um in
tíbia e perô
cúbito e rád



— e a oosfera. Também os gametas masculinos, nas plantas
outro nome — anterozóides. Eles são dotados de flage

RGÃOS

os vegetais
itas (musgo
os reprodu
tores fem
-se os ante
plo, e que
egônio, es
orma-se a
ão os ante
os vegetais
reprodutor
conjunto
outras pro
os verticil
res e dois r



s verticilos protetores são o cálice e a corola. O prime
ui-se de peças ainda muito semelhantes a folhas comu

an-
los



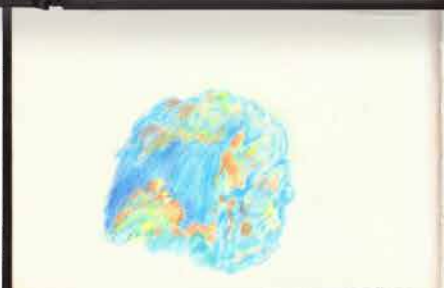
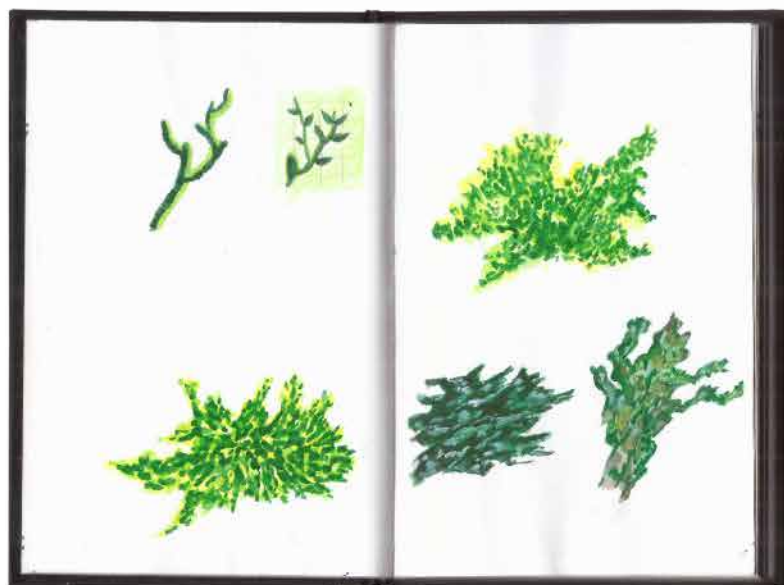
Livro das Sensibilidades, 2020

Montagem digital (página de sketchbook, nanquim sobre recortes
de papel vegetal e página de livro digitalizada)

29,6 x 21,5 cm.

eiro
ns,

As flores são as estruturas que encerram

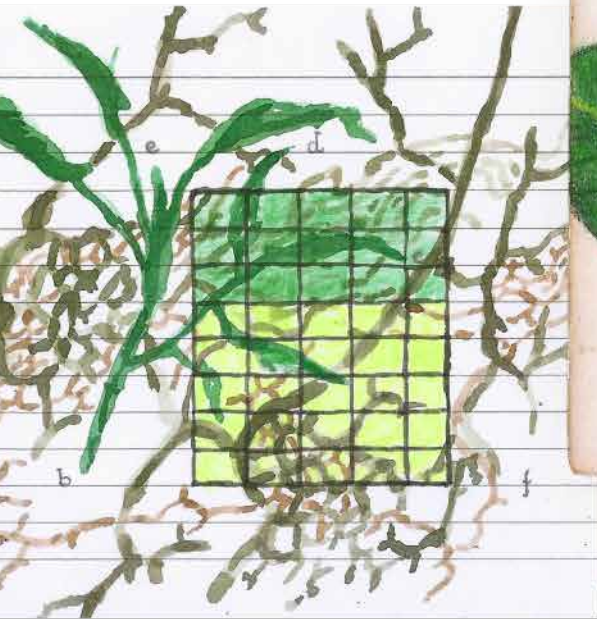


Hardy e...
evolução das populações... e as suas conclusões consti-
tuem a base da genética de populações.

Se, numa população, comprova-se que o equilíbrio gené-
tico não se mantém, isto é, as frequências dos genes e dos genó-
tipos, no *gene pool*, se modificam a cada geração, e porque algum
fator (ou mais de um) deve estar provocando essa alteração. Entre
os fatores conhecidos que alteram o equilíbrio genético de uma
população, podem ser mencionados: 1. os cruzamentos com se-
gregação (preferências sexuais); 2. a endogamia (cruzamentos in-
trafamiliares ou consanguíneos); 3. população com pequeno nú-
mero de indivíduos; 4. ocorrência de mutações, com apareci-
mento de genes novos no *gene pool* da população; 5. algum fator
de seleção natural que leve gradualmente à diminuição da fre-
quência de determinado genótipo em benefício de outros; 6. o
fluxo genético, isto é, a entrada de grande número de indivíduos
de outra população na população em causa, determinando uma
"diluição" dos genes genéticos comuns das duas populações.

Livro das Sensibilidades, 2020

Técnica mista sobre suportes diversos (desenho, bordado,
aquarela, fotografia, colagem analógica, manipulação digital)
Tamanhos variados



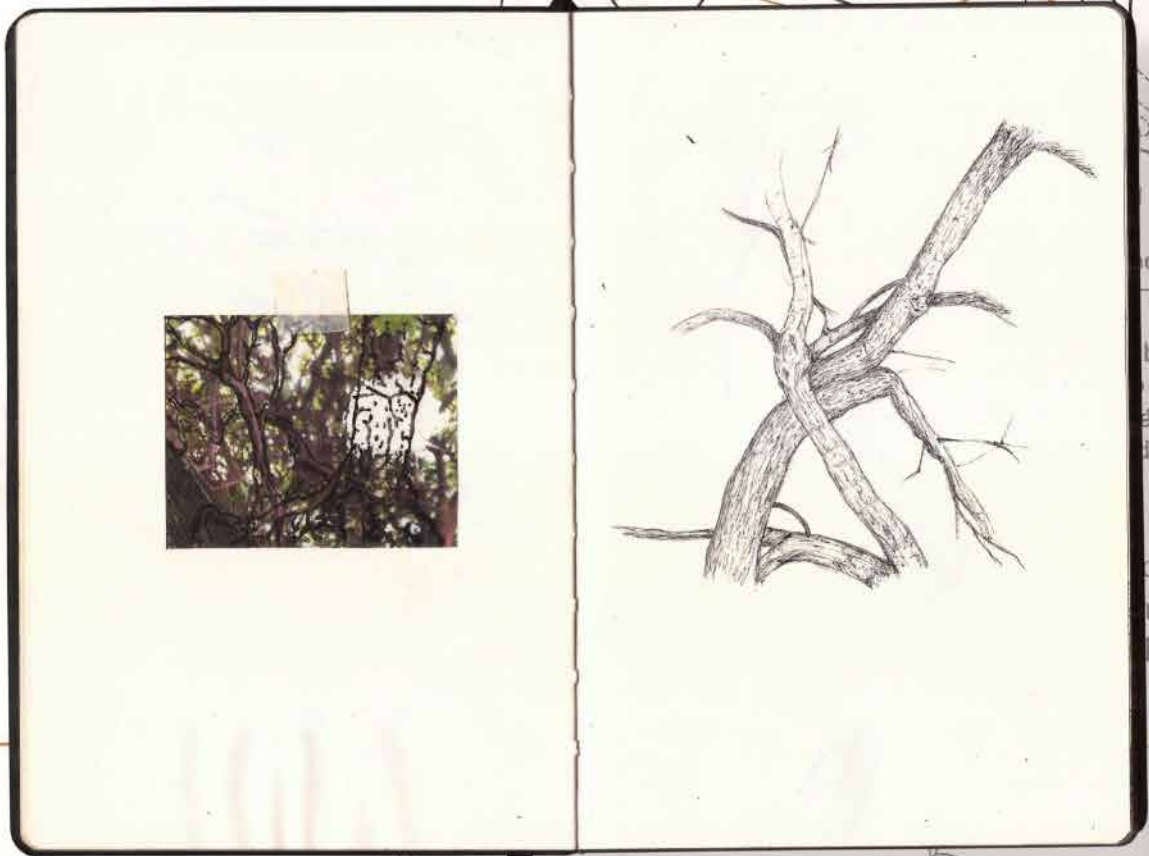
29 de pêlo curto e creme
 5 de pêlo longo e amarelo
 9 de pêlo longo e creme
 4 de pêlo longo e branco

Qual das seguintes afirmações não pode ser feita com base nos resultados desse cruzamento?

- O gene para pêlo amarelo é dominante sobre o gene para pêlo creme.
- Os genes para comprimento e cor do pêlo segregam-se independentemente.
- O gene para pêlo curto é dominante sobre o que determina pêlo longo.
- Os animais cruzados eram heterozigotos para o genes considerados.
- Os indivíduos de pêlo longo e branco são homozigotos.

48. (UEPR-34) Dois locos se separam independentemente um do outro e estão em situação em:

- o mesmo cromossomo com distâncias inferiores a 50 centimorgans.
- o mesmo cromossomo com distâncias superiores a 50 centimorgans.
- um par de cromossomos homólogos, independente das distâncias entre si.
- um par de cromossomos não-homólogos.



dula

belo; c. p
 faz parte
 ém como o
 diversas pa

o sofreu
 ura a seg
 le um ré

bo

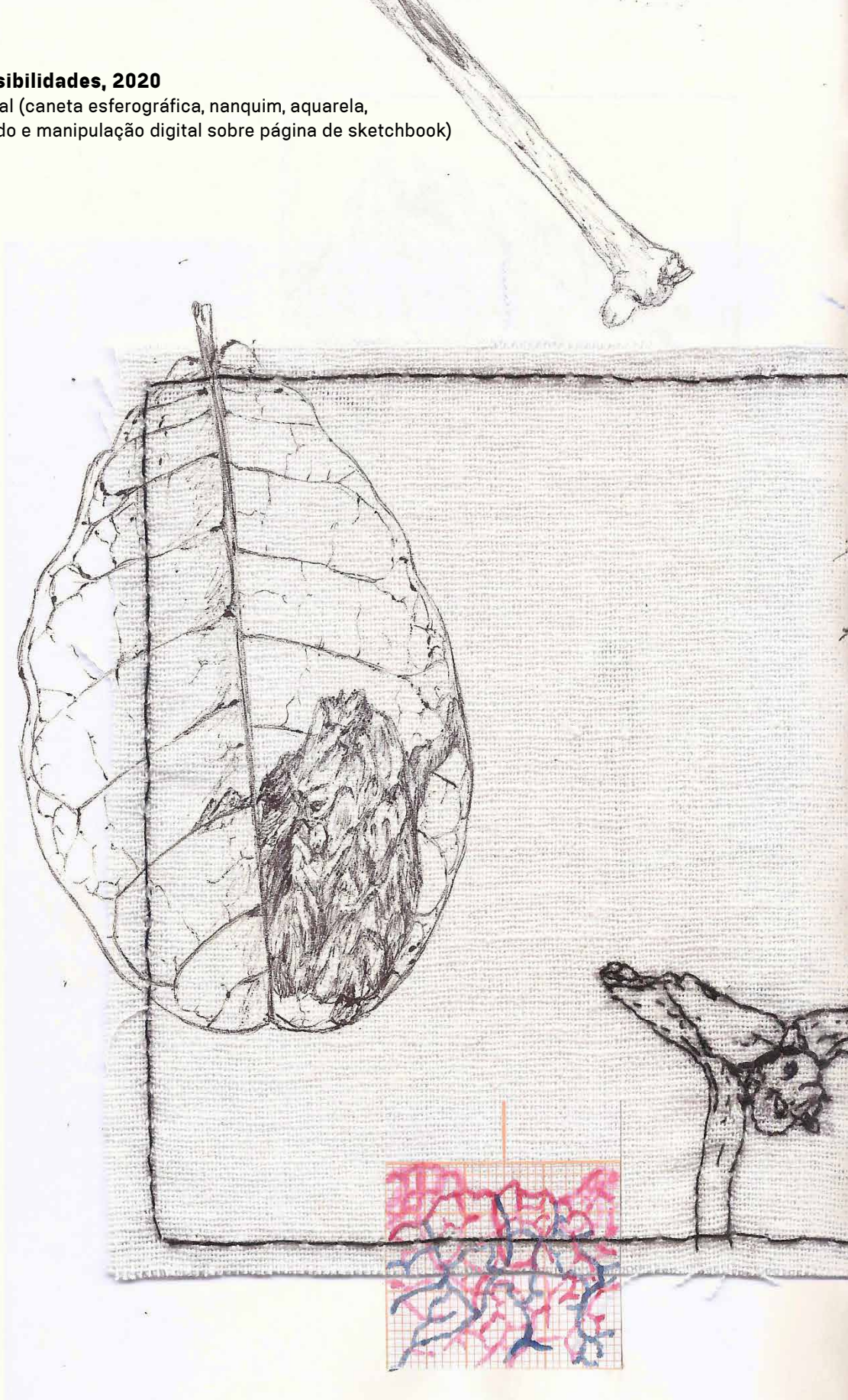
lol

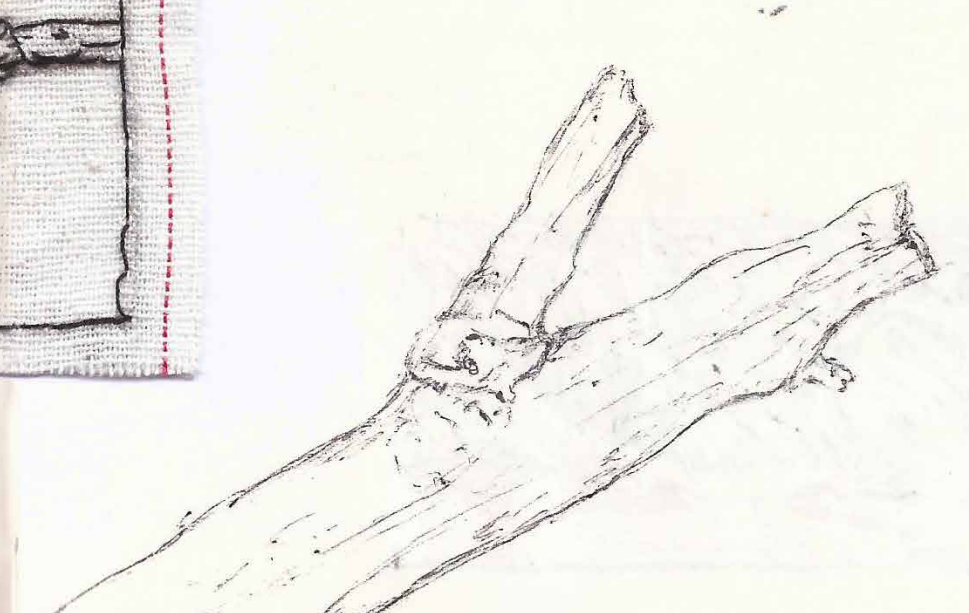
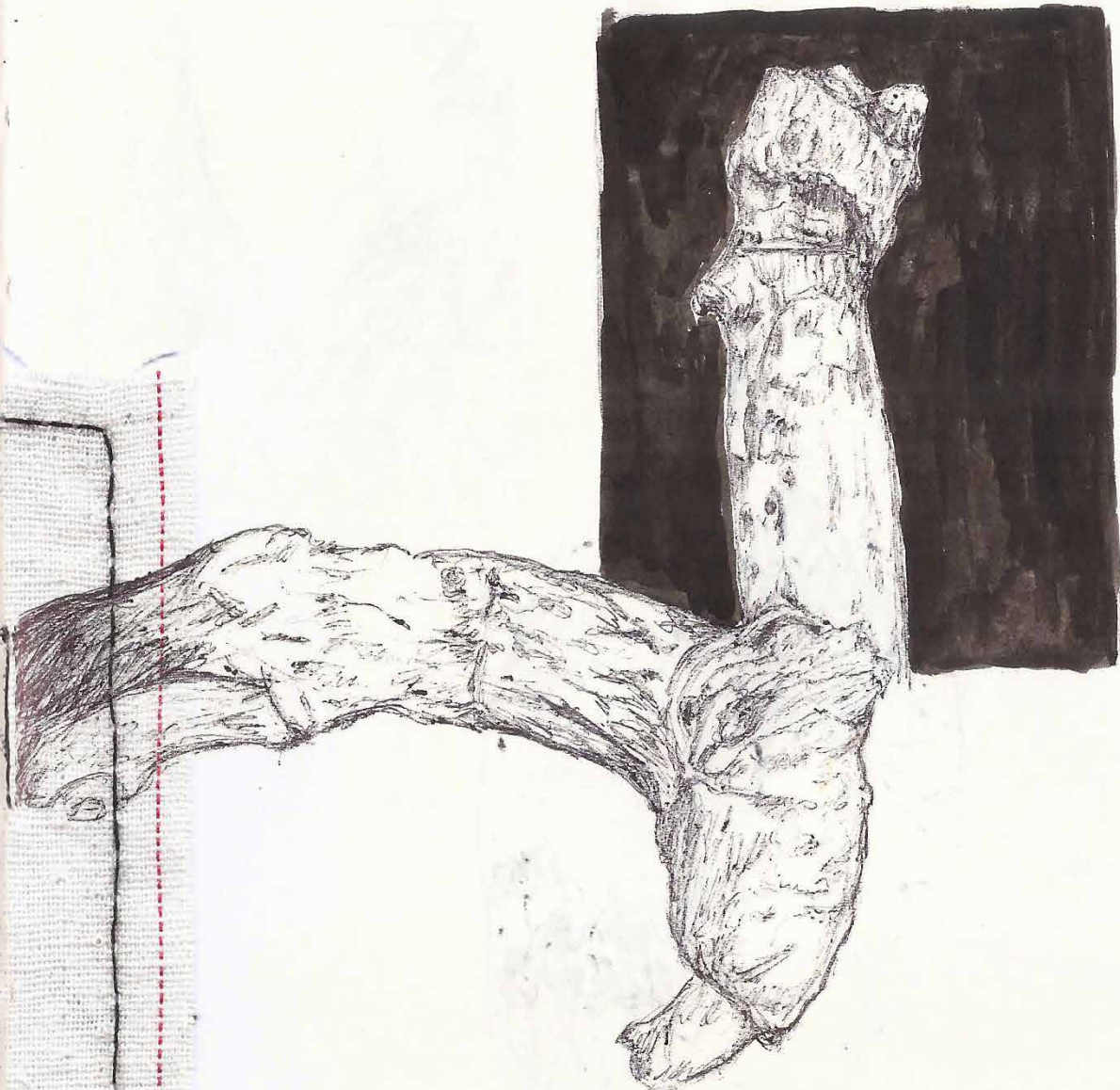
bo

hc

Livro das Sensibilidades, 2020

Montagem digital (caneta esferográfica, nanquim, aquarela, colagem, bordado e manipulação digital sobre página de sketchbook)
29,6 x 21,5 cm.







COMO CONSTRUIR
NOSSO PRÓPRIO PAÍS

TERRORISTAS DEL AMOR

Como construir nosso próprio país

Projeto baseado no estudo de vivências sobre apagamento, visibilidade, territorialidade, sobrevivência e reconhecimento das corpos pretas e dissidentes do Brasil. A ideia do projeto é discutir e descobrir novas formas de vida, reinventar métodos de proteção e autocuidado, construir novos países e nações independentes, onde todas as existências são bem vindas. Queremos celebrar a ressignificação dos nossos corpos-territórios, usando-os para a ocupação e transformação de todos os espaços excludentes existentes e persistentes na cidade.



Terroristas del Amor

Coletivo formado pelas artistas Dhiovana Barroso (Fortaleza, CE, 1993) e Marissa Noana (Fortaleza, CE, 1997). O coletivo teve início em 2018, e atua com diversas linguagens, entre elas ilustrações, muralismo, animações, fotografias, bordados, pinturas e outras experimentações no campo das artes visuais. As artistas mobilizam diversas linguagens ligadas ao arcabouço da militância artística, desencadeando um processo educativo e elucidativo das experiências e afetividades lésbicas e combatendo as diversas violências das quais estão à mercê.

Em 2019, participaram da equipe de criação de vídeos para a instalação *Transition and Apocalypse*, de Jota Mombaça (Festival *The Present Is Not Enough - Performing Queer Histories and Futures / HAU Berlin*). Foram selecionadas, por dois anos consecutivos (2019 e 2020) para o Salão de Abril de Fortaleza. O coletivo também foi o responsável pela curadoria da Mostra Trovoa em Fortaleza, resultando na exposição *Corpos Furiosos*. Em 2020, foram contempladas pelo prêmio *Vozes Agudas*. No mesmo ano fizeram parte da exposição *Grande Circular* com a obra "terraaterra" no Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar. Participaram de diversas exposições coletivas desde a sua criação. Atualmente participam do Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema das Artes, com tutoria de Rosana Paulino.

**Terroristas del Amor
(Dhiovana Barroso e
Marissa Noana)**

Como contruir nosso próprio país é um projeto sobre atravessamentos.

Com a ideia de ampliar as perspectivas sobre vida e produção de mulheres pretas nos seus mais diversos campos de atuação, descentralizando os olhares e tornando visíveis àquelas que nos cercam, desejamos construir, com a força de nossos próprios corpos, um lugar seguro para nós e as nossas. A ideia inicial era usarmos a Arte Urbana como meio de comunicação, mas como falar de nossas vivências e ideias, trazendo-as imgeticamente para as ruas - principalmente quando encontramos um cenário composto em sua maioria por homens cis?

Com nossos próprios pés, começamos a traçar um percurso por onde queremos caminhar, sempre memorando nossa história, perpassada por várias outras. Através de nossa memória, de nossos corpos e de nossa força, continuamos caminhando, pois nós e as nossas são tudo o que resta.

Enquanto mulheres negras e nordestinas, levando em conta a afetividade entre os nossos corpos diaspóricos, evocamos em nossas produções as existências das mulheres que ensinaram, proveram vida e se fizeram presentes em nossa trajetória. Devido a escassez de registros fotográficos, historiográficos e uma sucessão de estruturas violentas que nos afligem, tais como colonialismo, patriarcalismo e o machismo, nossas

pesquisas sempre foram construídas através da oralidade e dos saberes perpassados pelas corpos dissidentes que nos rodeiam.

Através de conexões e trocas, criamos uma base de saberes para organizar e solidificar nossas pesquisas e produções. Somos provindas de distintas raízes, mas que se assemelham ao longo de suas ramificações, e nossos rastros desaguam em águas salgadas. Nosso fazer transita pela religiosidade das nossas famílias matriarcais, reformulando imageticamente os versículos que moldaram nossa vivência e dando o poder de cura na vida preta sapatão.

Ainda necessitamos compreender que existe poder em nossas mãos, apesar de ser um caminho difícil e tortuoso. Nossos trabalhos sempre ocorreram de forma impulsiva e acelerada, guiadas pela necessidade de dar voz a nós mesmas e pelo desejo de ter o direito de contar a própria história.

Da ideia inicial de trabalhar nas ruas sobrou pouco ou quase nada. Com tempos difíceis, mudamos a direção de nossos olhares e voltamos para nós mesmas. Como construir um país se ainda não conseguimos nos reconstruir?

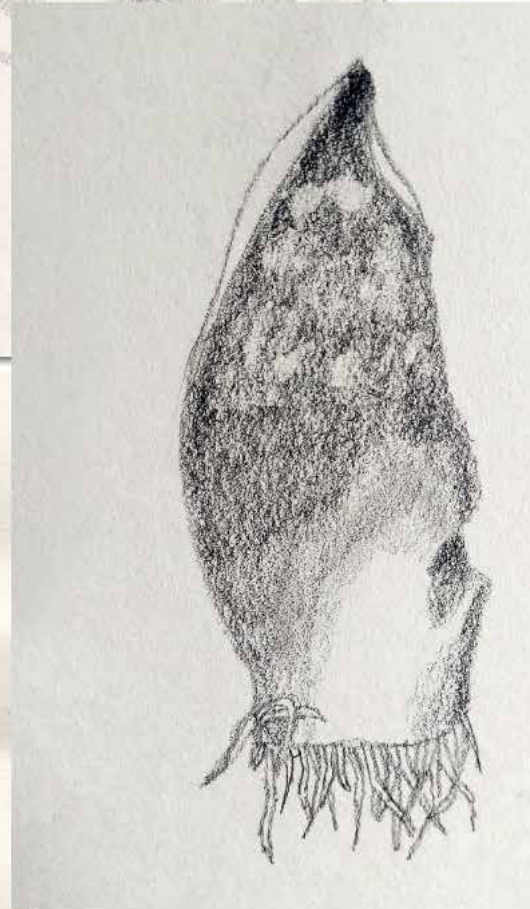
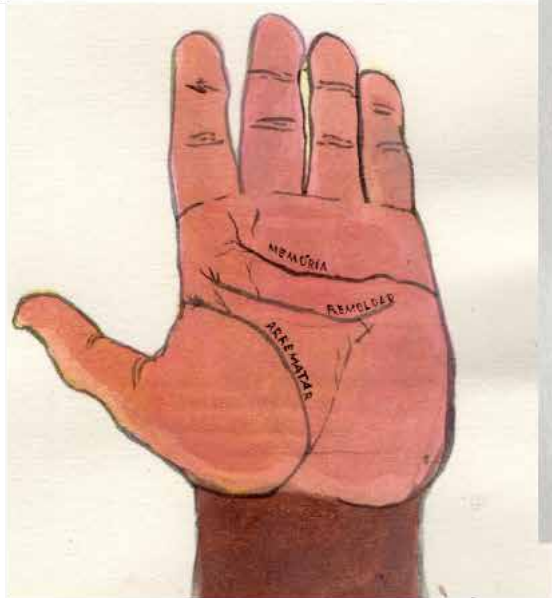
Para nós, é essencial, enquanto multi artistas residentes da periferia de Fortaleza, aprofundar nossos conhecimentos sobre território, e como

entender e trabalhar o espaço ao nosso redor. Num recuo mais introspectivo e intimista, guiamos-nos agora de dentro para fora. Voltamos a pesquisa para nossas casas e memórias, vendo e falando sobre todo o trabalho que nossas parentes ainda fazem para que possamos existir. Nossas mães, nossas avós, nossas ancestrais construíram tudo que temos com as próprias mãos e corpos.

Em uma tentativa de nos assemelharmos a elas, fazemos da instalação terraaterra - Como Construir Nosso Próprio País, um espaço para vivermos. Ela é composta por uma tríade de bandeiras, um terreno propício para plantio, e uma abertura de caminhos feito com as armas mais antigas das nossas famílias. Iluminando a construção incessante de um território seguro para habitarmos, o dizer: "aqui nós existimos". Sim, nós existimos. Todas nós existimos.

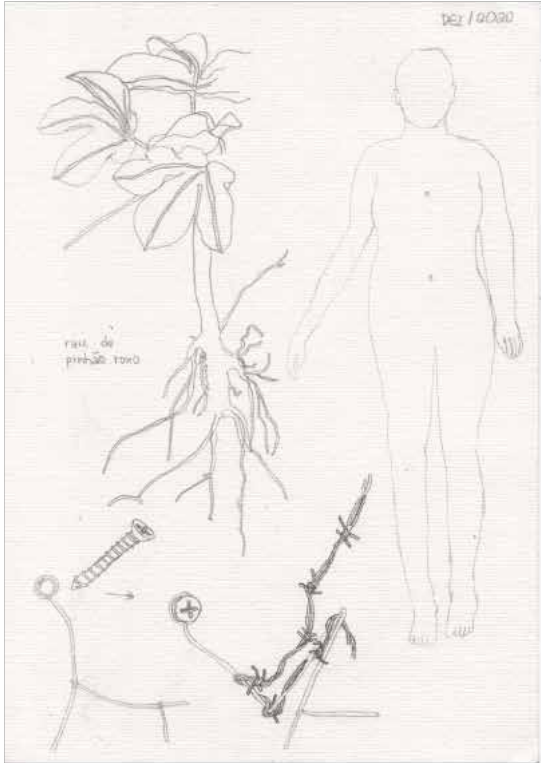
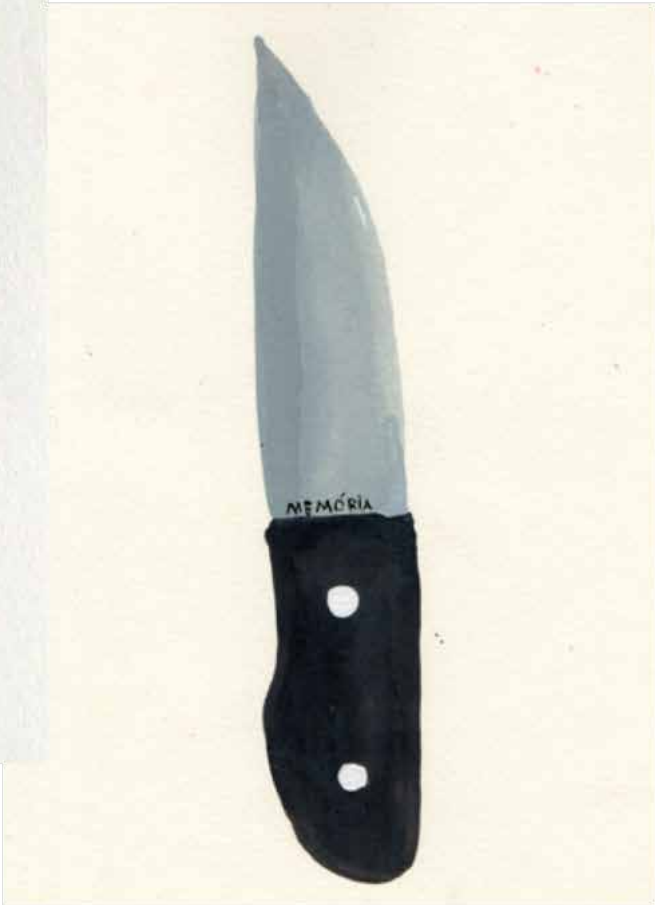
O têxtil, uma materialidade recorrente em nossos trabalhos, é uma forma de recriar as narrativas das nossas mães e avós, que se fazem presentes ou as que já foram, que usaram como forma de sustento recortes, remendos e costuras, conseguindo assim prover vida ao longo de anos. Produzimos em tecidos de algodão cru, material colhido e costurado pelas antepassadas, e que agora nos ajuda a construir visualmente a permanência de nossos corpos nesse lugar.

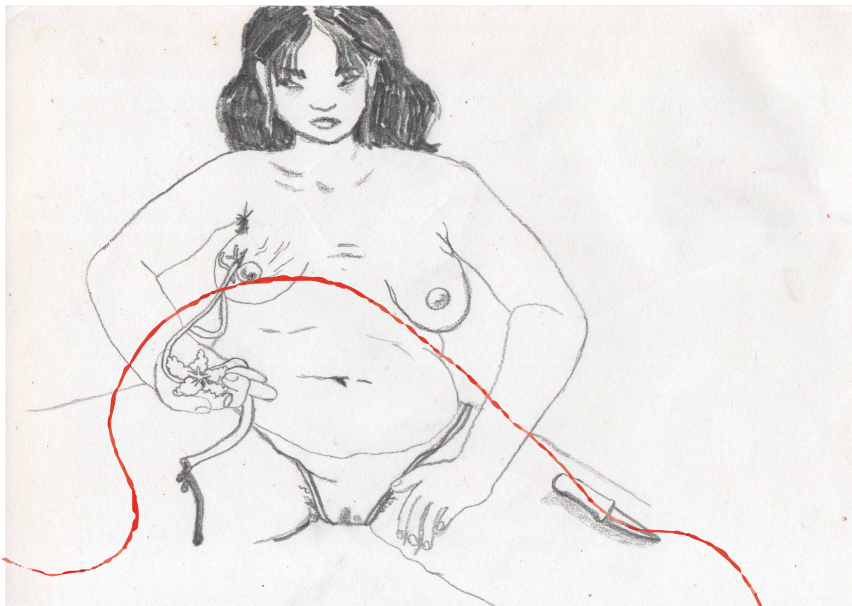
A maior motivação desse projeto é valorizar quem nos deu força para construir incessantemente nosso próprio lugar de existência, cultivando nossos próprios saberes e afetos para nossas futuras ramificações. Queremos dismantelar a premissa da narrativa de suor e lágrimas, reafirmando a vida como potência, almejando descanso para nossos corpos, usando o amor como forma de poder e radicalizando o expectável.



Como Construir Nosso Próprio País, 2020-2021

Imagens do processo

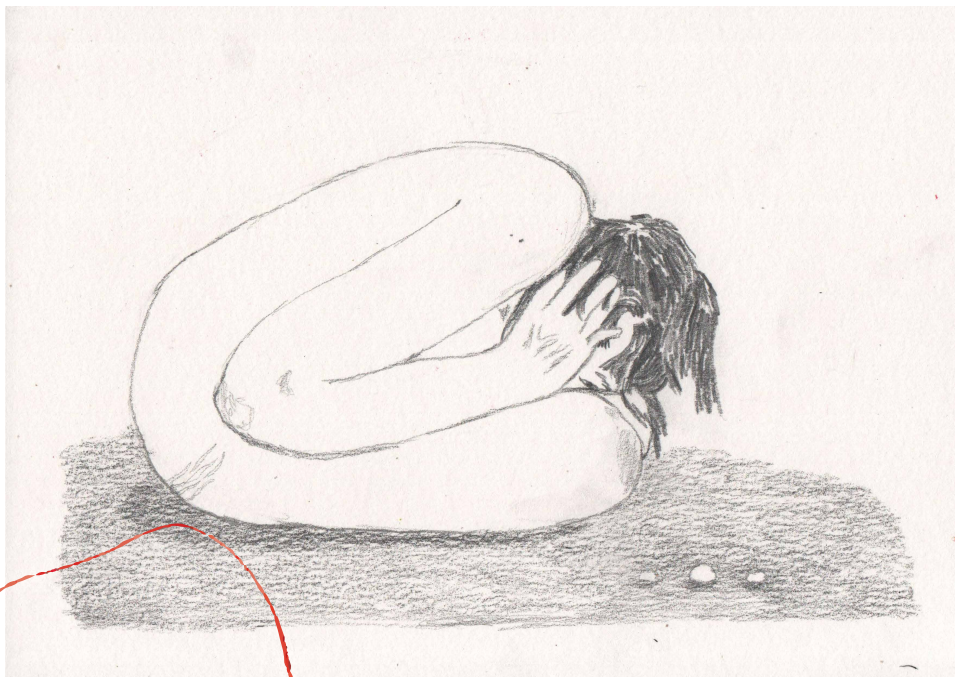




A benignidade dos corpos e a calcificação das tristezas, 2021

Grafite s/ papel

Tamanhos variados



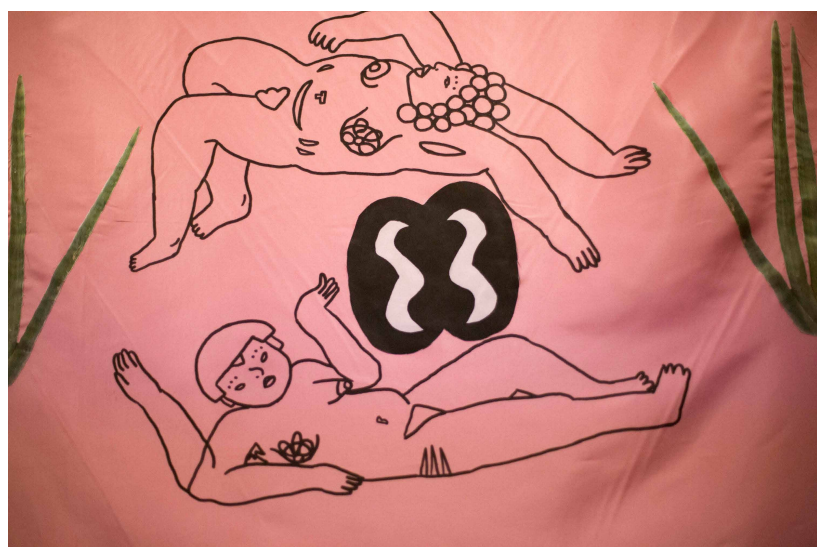
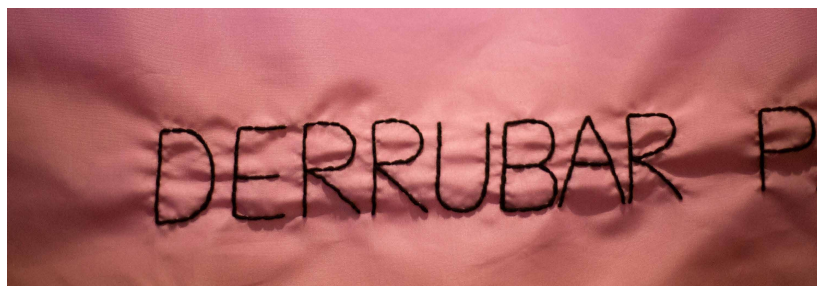


Sonho enquanto durmo, 2021

Políptico, acrílica s/ algodão cru

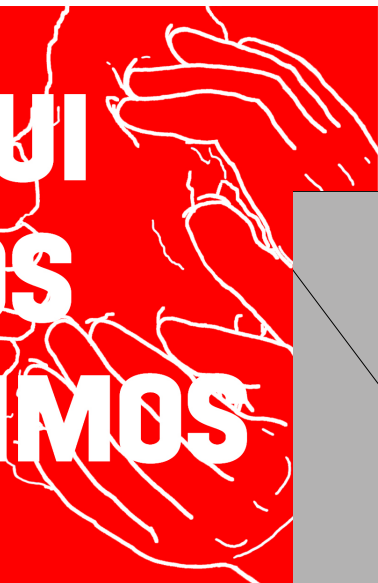
Tamanhos variados

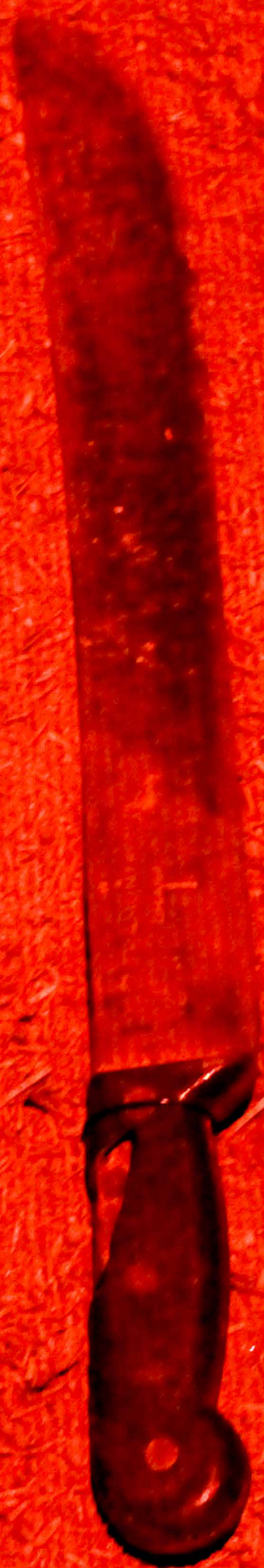




terraaterra - Como Construir Nosso Próprio País, 2021

Imagens do processo





terraaterra - Como construir nosso próprio país, 2021

Instalação (Projeção, bandeiras, facões e terra)

Dimensões variáveis

FIQUE PERTO
DAS SUAS

AQUI
NÓS
EXISTIMOS





Solos férteis para habitar, 2020

Muralismo

6 x 11 m



Contra todo dito ruim, 2020

Muralismo

Dimensões variáveis





Guerras Visíveis à Olho Nu

Terroristas del Amor (Dhiovana Barroso e Marissa Noana)

Tenho comigo que estaremos juntas para além do apocalipse, porque todos os dias nós vencemos as guerras que aparecem em nosso caminho.

Dois corpos invisíveis que cavam e criam o próprio espaço no meio de um amontoado de areia branca, olhando para o horizonte negro que parece se aproximar com mais força e velocidade.

Quando ele chegar, sabemos que é o fim. Então o que fazer quando tudo for escuridão? Faremos uma festa, pois a muito tempo esperamos esse momento.

Produzimos nosso próprio alimento, comemos a nossa memória, desejamos nossos corpos, criamos a nossa própria ancestralidade porque a passada já não nos serviu de nada.

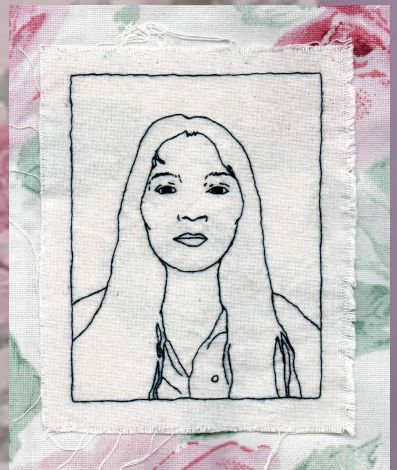
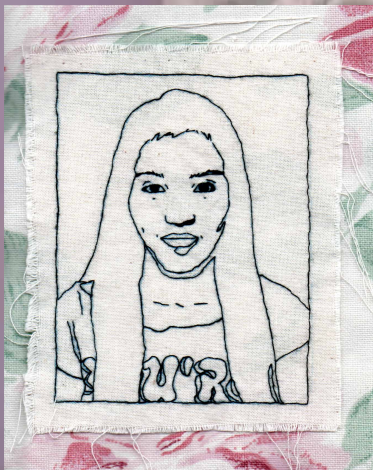
E deixaremos para nossas filhas tudo que aprendemos e criamos, com a certeza de que elas farão diferente, pois caminharão pelos seus próprios caminhos.

Tenho comigo que todos os dias nós duas vencemos guerras visíveis à olho nu.

Árvore genealógica, 2021

Vestido de algodão e bordado s/ algodão cru

Dimensões variáveis





Mira, 2021

Acrílica s/ algodão cru
150 x 90 cm

é muito ancestral para nós tirar forças da terra,
fazer raízes profundas, nutrir uns os outros,
propagar nossos saberes, ramificar nossos corpos
e dar frutos em abundância.



seguimos juntos e vivos, apesar de tudo

TUTORAS/ES

(Temporada Investigativa)

Ana Lira

Artista visual, fotógrafa, curadora, rádio host, escritora e editora baseada em Recife (PE – Brasil). É especialista em teoria e crítica de cultura. Observa a (in)visibilidade como forma de poder e dedica atenção a dinâmicas envolvendo sensibilidades cotidianas. Sua prática é baseada em processos coletivos e parcerias, tendo trabalhado com eles por mais de duas décadas. Nestas iniciativas dedica-se a fortalecer práticas colaborativas de criação que observam as entrelinhas das relações de poder que afetam nosso processo de comunicação, as articulações do cotidiano e a forma como produzimos conhecimento no mundo.

Castiel Vitorino Brasileiro

Nasceu em Fonte Grande. Vitória/Espírito Santo – Brasil (1996). Artista visual, macumbeira e psicóloga formada em Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente mestranda no programa de Psicologia Clínica da PUC-SP. Vive a macumbaria como um jeito de corpo necessário para que a fuga e o descanso aconteçam. Dribla, incorpora e mergulha na diáspora Bantu, e assume a vida como um lugar perecível de liberdade. Atualmente, desenvolve estéticas macumbeiras de sua Espiritualidade e Ancestralidade Travesti. Idealizadora do projeto de imersão em processos criativos decoloniais Devorações.

Elton Panamby

Artista, desensinadore, mãe. Desenvolve trabalhos em múltiplas linguagens ao longo de 12 anos dedicados à pesquisa e criação a partir de limites psicofísicos atrelados a práticas de modificação corporal em experiências rituais, aparições, vultos e visagens. Vem nessa esteira desde a graduação (Comunicação das Artes do Corpo – PUCSP) até o doutorado concluído em 2017 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Segue suturando na vida após a pós. Passou a gerar sonoridades como prática poética no/do escuro, principalmente nos últimos 5 anos. Seu trabalho é orientado por questões raciais e de gênero.

Rosana Paulino

Artista visual, educadora e pesquisadora. Possui graduação pela Universidade de São Paulo e doutorado pela mesma instituição, na modalidade DD – Doutorado direto. Suas obras questionam o local ocupado pela mulher negra no Brasil e os efeitos deletérios da escravidão em nossa sociedade. Expôs em importantes museus no país e no exterior e tem obras em instituições como a Pinacoteca do Estado (SP), MASP (SP), MALBA (Argentina) e UNM – University of New Mexico Art Museum (USA).







AS MENINAS

INDO

EM

PANICOÇA



18,00
9 PL KA DA

10 MAR

50-

UTAO
TRES



INSTITUTO
**DRAGÃO
DOMAR**

ceará
cultura
SECULT



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA